



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO - POET

EDNA CELY ALVES DA SILVA

**AS *GEÓRGICAS* DE VIRGÍLIO: UMA PROPOSTA TRADUTÓRIA PARA O
LIVRO I DA OBRA DIDÁTICA VIRGILIANA**

FORTALEZA

2023

EDNA CELY ALVES DA SILVA

AS GEÓRGICAS DE VIRGÍLIO: UMA PROPOSTA TRADUTÓRIA PARA O
LIVRO I DA OBRA DIDÁTICA VIRGILIANA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução. Área de concentração: Processos de Retextualização.

Orientador: Prof. Dr. Robert de Brose.

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S579g Silva, Edna Cely Alves da.
As Geórgicas de Virgílio: uma proposta tradutória para o livro I da obra didática virgiliana / Edna Cely Alves da Silva. – 2023.
110 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Fortaleza, 2023.
Orientação: Prof. Dr. Robert de Brose.

1. Estudos da Tradução. 2. épica latina. 3. Virgílio. 4. poesia didática. 5. Geórgicas. I. Título.
CDD 418.02

EDNA CELY ALVES DA SILVA

AS *GEÓRGICAS* DE VIRGÍLIO: UMA PROPOSTA TRADUTÓRIA PARA O
LIVRO I DA OBRA DIDÁTICA VIRGILIANA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Estudos da Tradução. Área de concentração: Processos de Retextualização.

Aprovada em: 29 / 05 / 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Robert de Brose (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Francisco Edí De Oliveira Sousa
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Fábio Paifer Cairolli
Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Aos meus pais.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida e pela oportunidade de aprender todos os dias.

Aos meus pais, pelo cuidado e pelos valores que carrego sempre comigo.

Aos meus irmãos, pela parceria, e aos meus tios, pelo apoio constante.

Ao Prof. Dr. Robert de Brose, pelo incentivo, compreensão e excelente orientação.

Ao Prof. Dr. Francisco Edi De Oliveira Sousa pela generosidade e conhecimentos partilhados em minha jornada acadêmica.

Aos professores participantes da banca examinadora Prof. Dr. Francisco Edi De Oliveira Sousa e Prof. Dr. Fábio Paifer Cairolli pelo tempo, pela compreensão e pelas valiosas colaborações e sugestões.

Ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal do Ceará pela excelência do ensino e suporte ao aluno.

Aos colegas de profissão e amigos pelas experiências e risadas compartilhadas.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo apresentar uma tradução para o livro 1 do poema didático *Geórgicas* (29 a.C.) do poeta romano Virgílio (70 a.C. – 9 a.C.) e discutir essa obra após feito um breve apanhado das traduções das *Geórgicas* no Brasil seguido de um comentário acerca do processo de tradução do texto virgiliano. A tradução clássica das *Geórgicas* de Odorico Mendes ([1858]2019) e a releitura de Luís Santiago *As Roçarianas* (2009) servem de apoio basilar desse projeto que propõe uma tradução em versos livres, sem métrica formal. Fundamentado nas discussões acerca da tradução enquanto *transcrição* de Haroldo de Campos (2015), nas proposições de Schleiermacher sobre os métodos de tradução (2010), nas postulações de Berman (2007) acerca da tradução da letra e sentido, e nos conceitos de tradução caracterizada por aspectos *foreignizing* e *domesticating* de Venuti (1995), o trabalho discorre sobre o que seja tradução e os caminhos dela em relação ao seu receptor, em um esforço de compreender a complexidade do processo tradutório, apresentando, por fim, como resultado de tal processo, a tradução propriamente dita.

Palavras-chave: Estudos da Tradução; épica latina; Virgílio; poesia didática; *Geórgicas*.

ABSTRACT

This dissertation aims to present a translation of book 1 of the didactic poem *Georgics* (29 BC) by the Roman poet Virgil (70 BC – 9 BC) and to discuss this work after a brief overview of translations of the *Georgics* in Brazil, followed by a commentary on the process of translation of the Virgilian text. The classical translation of the *Georgics* by Odorico Mendes ([1858]2019) and Luís Santiago's reinterpretation *As Roçarianas* (2009) serve as the basis of this project, which proposes a translation in free verse, without formal metrics. Based on the discussions about translation as *transcreation* by Haroldo de Campos (2015), on Schleiermacher's propositions about translation methods (2010), on Berman's postulations (2007) about the translation of letter (signifier) and meaning (signified), and on Venuti's concepts of translation characterized by *foreignizing* and *domesticating* aspects (1995), the work discusses what translation is and its paths concerning the receiver, in an effort to understand the complexity of translation process, presenting, finally, as a result of such process, the translation itself.

Keywords: Translation Studies; Latin epic; Virgil; didactic poetry; *Georgics*.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

VSD *Vita Suetonii vulgo Donatiana*

Georg. *Geórgicas*

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	Virgílio, o poeta	11
1.2	A poesia de Virgílio	13
2	INFLUÊNCIAS LITERÁRIAS DE VIRGÍLIO	15
3	AS OBRAS VIRGILIANAS	18
4	AS <i>GEÓRGICAS</i> DE VIRGÍLIO	27
4.1	A poesia didática	27
4.2	Contexto histórico	28
4.3	A obra	30
4.4	Os livros	39
4.4.1	<i>Livro I</i>	39
4.4.2	<i>Livro II</i>	40
4.4.3	<i>Livro III</i>	40
4.4.4	<i>Livro IV</i>	40
5	A TRADUÇÃO NO BRASIL	41
5.1	As traduções das <i>Geórgicas</i> no Brasil	43
5.2	A tradução de Odorico Mendes	45
5.3	<i>As Roçarianas</i> de Luís Santiago	47
6	COMENTÁRIO DE UMA PROPOSTA DE TRADUÇÃO	50
6.1	Sobre a tradução	53
6.2	O processo tradutório	62
7	TRADUÇÃO DO LIVRO I DAS <i>GEÓRGICAS</i>	76
8	NOTAS EXPLICATIVAS	87
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
	REFERÊNCIAS	104

1. INTRODUÇÃO

A cultura literária clássica está sedimentada, sobretudo, por grandes figuras do universo grego e latino. Homero, Sófocles e Hesíodo na Grécia antiga, e Ovídio, Horácio e Virgílio na Roma antiga são representantes de uma tradição clássica formada por grandes nomes greco-romanos que, de forma categórica, marcaram o cenário literário e cultural em geral, cujas repercussões se evidenciam até os nossos dias. Essa tradição clássica tem sido objeto de estudo ao longo das gerações e interesse daqueles que compreendem sua relevância para a literatura, principalmente ocidental, bem como para a cultura e o estudo das línguas grega e latina. A tradução constitui, portanto, uma maneira de manter a tradição clássica em constante debate.

O trabalho a que nos propomos desenvolver aqui parte das discussões pertinentes aos Estudos da Tradução e à análise das *Geórgicas*, e elenca as traduções da obra completa publicadas no Brasil, entre as quais está a tradução clássica de Odorico Mendes publicada em 1858, a de seu contemporâneo António Feliciano de Castilho em 1867, a de António José de Lima Leitão publicada entre 1818 e 1819, e a recente releitura de Luís Santiago em 2009. Algumas traduções dos livros das *Geórgicas* em separado foram publicadas ao longo dessas décadas, como a tradução de Nicolau Firmino (1966) e de Elaine Cristina Prado dos Santos (2007) do quarto livro da obra, e também a tradução de Matheus Trevizam dos dois primeiros livros do poema em edições distintas, o primeiro em 2013 e o segundo em 2019. Percebe-se, entretanto, uma lacuna temporal em relação às traduções das *Geórgicas* de Virgílio, uma vez que, apenas recentemente, e principalmente por tradutores mais ligados à academia, a obra volta ao rol das traduções no Brasil. Embora Virgílio seja um dos poetas clássicos mais traduzido no Brasil¹, o poema *Geórgicas* nem sempre é a primeira escolha de seus tradutores, talvez pela temática peculiar a qual se propõe apresentar, como discutiremos posteriormente.

A poesia pode ser dita ‘intraduzível’ se considerarmos apenas a ‘significação própria’ de sua estrutura enquanto composição formal e poética. Há sempre, no entanto, a possibilidade de uma *transposição criativa* da arte poética (JAKOBSON, 2008, p. 72). Assim, as concepções que, por vezes, criamos sobre a obrigatoriedade de equivalência significativa e formal entre as línguas na tradução parecem não se sustentar, sobretudo quando estamos diante de um texto original e a inevitável necessidade de conferir significado ao texto traduzido.

¹ Cf. FERNANDES, 2018.

As discussões acerca da tradução, por sua vez, diferem e aproximam-se em muitos aspectos. Muitos críticos² sustentam ideias similares quanto ao que se deve ser considerado em uma tradução, e a maioria das discussões giram em torno do que se deve favorecer: se aproximar o receptor da tradução à obra original, ou se validar a aproximação da obra primeira à cultura de chegada³, implicando no apagamento de marcas culturais. O processo de tradução de um texto é complexo, abrange culturas diferentes e, portanto, perspectivas de mundo dissimilares, envolvendo escolhas mais relacionadas à vivência entre o tradutor e o texto traduzido, e nem sempre (ou quase nunca) podem ser enquadradas em um princípio de equivalência utópico.⁴ Partindo de debates como esse, desenvolvemos nossa discussão sobre a tradução e o processo tradutório, certos de que a proposta de tradução que apresentamos aqui não segue apenas um ou outro conceito tradutório, mas se apoia em todos eles ao longo do nosso empreendimento, seguindo uma lógica tradutória que nos permita alcançar o objetivo inicialmente proposto, qual seja a compreensão do texto e uma tradução que priorize sobretudo o sentido dos versos virgilianos.

1.1. Virgílio, o poeta

Públio Virgílio Maro (70 a.C. – 19 a.C.), mais conhecido como Virgílio, foi um poeta romano clássico de grande influência para a literatura ocidental, tendo se tornado um poeta canônico ainda em vida. Os escritos biográficos sobre ele estabelecem relação, em grande parte, com a divisão tripartida de suas principais obras, quais sejam as *Bucólicas* (também conhecida como *Éclogas*), as *Geórgicas*, e a *Eneida* (ZIOLKOWSKI; PUTNAM, 2008, p. 179). Evidências dessa relação podem ser encontradas no epitáfio⁵ presente na *Vita Suetonii Vulgo Donatiana (VSD)* que faz alusão à vida de Virgílio em consonância com os temas presentes em suas obras. Esse epitáfio, alguns alegam, teria sido escrito pelo próprio Virgílio⁶, embora não haja evidência decisiva que ateste sua autoria. Provavelmente, essa inscrição tenha sido escrita por outro poeta que estava já familiarizado com a temática da poesia virgiliana.

² Ver discussão de Schleiermacher ([1838] *apud* HEIDERMAN, 2010) sobre métodos de tradução. Também Venuti (1995) sobre *foreignization* e *domestication*.

³ Cf. BERMAN, 2007; RÓNAI, 1981; HEIDERMAN, 2010; VENUTI, 1995.

⁴ Cf. RÓNAI, 1952, p. 10.

⁵ *Mantua me genuit, Calabri rapuere, tenet nunc Parthenope. Cecini pascua, rura, duces.* (“Mântua gerou-me, os Calabrianos arrebatarem-me, Partenope agora me tem. Cantei os pastos, os campos e os líderes” – tradução nossa). (POWELL; HARDIE, 2017, p. 51).

⁶ Cf. KAHANE, 2017, p. 51.

Nascido no período correspondente à República Romana, os fatos sobre a vida pessoal do *vate* latino são, em parte, imprecisos ou dúbios, em decorrência da escassez de fontes extensivas acerca de sua vida que dificulta a composição de uma biografia de caráter mais exato. O que sabemos sobre Virgílio provém, acredita-se, mais da tradição oral do que de materiais escritos, com exceção de poucos registros manuscritos como poemas, cartas, testamentos e algumas referências esparsas. Poetas contemporâneos a Virgílio também comentam sobre ele ou suas produções poéticas, evidenciando claramente sua existência. Horácio (65 a.C. – 8 a.C.), por exemplo, contemporâneo e amigo de Virgílio, menciona-o múltiplas vezes em suas Odes, Sátiras e Epístolas⁷, como também em sua *Ars Poetica* (ZIOLKOWSKI; PUTNAM, 2008, p. 7-12). Igualmente, Propércio (ca. 50 a.C. – ca.16 a.C.) faz associações às obras virgilianas em sua elegia 2.34 (livro 2)⁸.

Outros trabalhos atestam, de maneira semelhante, a vida e obra de Virgílio, como o texto *VSD*, apresentado por Élio Donato, gramático latino do século IV. Entende-se que esse *Vita* seja proveniente da *Vita Vergili* inserida na obra *De poetis* de Suetônio (69 d.C. – ca. 141 d.C.), escritor e historiador latino do início da era imperial (HORSFALL, 1995). Além disso, fragmentos de correspondência entre Virgílio e Augusto, nos quais ele comenta sobre sua produção da *Eneida*, também são considerados aparentes evidências da vida do poeta (ZIOLKOWSKI; PUTNAM, 2008, p. 2-4).

De acordo com a tradição literária, Virgílio nasceu em Andes, na Gália Cisalpina, próximo à região de Mântua, no primeiro ano do consulado de Pompeu. Embora muitas informações sobre sua vida sejam consideradas fragmentadas ou mesmo infundadas, é comumente aceito que o poeta teve uma infância atrelada ao cenário campesino⁹. Foi já adulto que Virgílio presenciou os males da guerra civil nas regiões mantuanas, pois sua adolescência também parece ter sido, como a infância, em um ambiente rústico e próspero do qual o poeta guardava memórias ternas¹⁰. As décadas correspondentes aos anos de sua vida foram de diversos acontecimentos políticos em Roma: os transtornos políticos durante o consulado de Pompeu e Crasso, o assassinato de Júlio César em 44 a.C. e as demais batalhas que se seguiram, tudo isso contribuindo para um cenário político tumultuado.

⁷ Cf. ZIOLKOWSKI; PUTNAM, 2008.

⁸ *Actia Vergilium custodis litora Phoebi, / Caesaris et fortis dicere posse ratis, / qui nunc Aeneae Troiani suscitavit arma / iactaque Lauinis moenia litoribus./ cedit Romani scriptores, cedit Grai! / nescio quid maius nascitur Iliade.* (cf. Propércio, Livro 2, elegia 2.34, v. 61-66).

⁹ Cf. GRIMAL, 1985, p. 31.

¹⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 39.

Virgílio iniciou seus estudos em Cremona, instruindo-se na língua e na literatura grega e latina¹¹. Em 55 a.C., o poeta teria então 15 anos, tomou a toga viril (*toga virilis*), em um rito de passagem natural aos romanos, da infância à vida adulta. Nesse período, foi enviado a Milão, cidade mais importante de sua província, onde encontraria os melhores professores e teria a chance de conviver com oradores e filósofos¹². Logo depois, retornou à Roma e teve a oportunidade de discursar no *Forum Romanum*, mas devido a seu espírito meditativo, sua experiência como orador não o tentou a repetir a prática. Também estudou matemática, fundamental para entender o movimento dos astros, e medicina (GRIMAL, 1985, p. 45-46). Uma vez que a oratória e as responsabilidades de cunho puramente político não o interessavam tanto, mudou-se para Nápoles, onde teria então estudado a doutrina epicurista com o filósofo Sirão¹³. Acredita-se que Virgílio teria permanecido nessa região até cerca de 43 ou 42 a.C., transferindo-se então para a Cisalpina e tornando-se também mais constante em Roma, ainda que estivesse ainda atrelado à Nápoles, visitando-a esporadicamente.¹⁴

A partir de 39 a.C., Virgílio passou a fazer parte do patronato de Mecenas¹⁵, figura de grande influência e conselheiro de Otaviano, que mais tarde tornou-se Augusto, o primeiro imperador romano. Virgílio teria também desenvolvido, ao longo de sua vida poética, uma interação consistente com Augusto que, por sua vez, tornara-se seu protetor, incentivando-o na produção de um canto grandioso, uma epopeia romana, que viria a ser a *Eneida*, escrita durante os primeiros anos do principado augustano (entre 30 e 19 a.C.). As impressões deixadas nas cartas trocadas entre ambos sugerem que Augusto muito se interessava pela produção poética virgiliana, tendo requisitado enfaticamente, e em primeira mão, fragmentos da *Eneida*¹⁶ (THOMAS, 2004, p. 38).

1.2. A poesia de Virgílio

¹¹ Cf. GRIMAL, 1985, p. 39.

¹² Cf. *Idem, ibidem*, p. 43.

¹³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 55.

¹⁴ Si no sabemos en qué momento Virgilio se trasladó a Nápoles junto a Sirón, si fue cuando estalló la guerra civil del año 49 a. C., o más tarde, ignoramos también cuánto tiempo permanece en esta «comunidad». Se puede admitir que se queda allí al menos hasta el año 43 o 42 a. C., tal vez más tiempo. Tenía cerca de treinta años cuando la abandona y ya la composición de las *Bucólicas* estaba iniciada. (GRIMAL, 1985, p. 62).

¹⁵ Cf. FARRELL, 2005, p. 47.

¹⁶ Augustus vero — nam forte expeditione Cantabrica aberat — supplicibus atque etiam minacibus per iocum litteris efflagitarat, ut “sibi de ‘Aeneide,’ “ut ipsius verba sunt, “vel prima carminis ὑπογραφή vel quodlibet κῶλον mitteretur.” (Suetonius, *Vit. Verg.* 31). Também Farrel reforça tal informação: “The ancient biographies speak of the pressure that Augustus brought to bear on Vergil to give him a report on work in progress, the *Aeneid* (*Vita Donati* 31)” (*Idem, ibidem*, p. 51).

O estudo do cânone virgiliano é uma tarefa prazerosa e sempre laboriosa. Aquele que se propõe à aprendizagem e análise de seus textos, seja no âmbito estrutural da língua latina ou cultural, depara-se sempre com um grande desafio. Sua relevância no estudo da língua e cultura latina é, sem dúvidas, reconhecida e aqueles que se aventuram à tradução de suas composições poéticas enfrentam difícil tarefa, sendo necessária a consciência de que não se pode transferir para a tradução toda a grandeza da escrita virgiliana.

Virgílio nos deixou um legado de grande riqueza literária e cultural, e o leitor e estudioso da língua latina e da poesia latina da era augustana¹⁷ terá que, em algum momento, familiarizar-se com sua genialidade e requinte poético. Ao deparar-se com um texto virgiliano, é fundamental que o leitor esteja atento à complexidade estrutural de suas construções rebuscadas, muitas das quais comuns também a outros poetas latinos. É indispensável que se compreenda o funcionamento da gramática latina para que se tenha êxito na assimilação de um texto genuinamente em latim. E esta talvez seja a primeira dificuldade de um leitor com pouca experiência na leitura e compreensão de tais textos, pois a linearidade das estruturas sintáticas comum ao português, a título de exemplo, dificilmente será encontrada em um texto latino.

Virgílio faz uso, entre outros recursos, daquilo que estudiosos denominam *sintaxe mimética*¹⁸, qual seja “o uso da ordem das palavras para evocar o sentido expresso por elas”. (VASCONCELLOS, 2021, p. 88). Esse mimetismo virgiliano se dá a partir da construção de painéis imagéticos através da disposição das palavras. Quiasmos, aliterações, entre outros efeitos estilísticos, são recorrentes na poesia virgiliana, como no verso 27 do livro 1 das *Geórgicas* – *Auctorem frugum tempestatumque potentem*, em que temos um exemplo de quiasmo, uma estrutura cruzada entre dois adjetivos (*auctorem; potentem*) e dois substantivos (*frugum; tempestatum*).

Também se repete em Virgílio o recurso estilístico conhecido como verso áureo¹⁹. À guisa de exemplificação, vejamos outro verso da referida obra: *Illic sera rubens accendit lumina Vesper* (1. 251). Temos aqui uma ordem de palavras composta por, respectivamente, dois adjetivos (*sera; rubens*), um verbo (*accendit*) e dois substantivos (*lumina; Vesper*), configurando-se em um verso áureo, de difícil reprodução no português. Um verso áureo contém uma ordem de palavras em que dois adjetivos precedem dois substantivos por eles modificados, seguindo uma lógica de adjetivo a – adjetivo b (verbo) substantivo A –

¹⁷ Geralmente considerado desse período os anos desde a morte de Júlio César (44 a.C.) até a morte de Ovídio (17 d.C.). Cf. HARVEY, 1937, p. 66.

¹⁸ Cf. GONÇALVES, 2021; VASCONCELLOS, 2021.

¹⁹ Cf. VIRGÍLIO, 2019, p. 81.

substantivo B. Por exemplo, em *Georg.* 1.468 temos: *impiaque aeternam timuerunt saecula noctem*, em que *impiaque* (adjetivo a) e *aeternam* (adjetivo b) caracterizam *saecula* e *noctem*, substantivos A e B, respectivamente.

Evidencia-se, dessa forma, que Virgílio não se exime do uso de recursos diversos na composição de suas obras poéticas. Esses arranjos por ele empregados, na maioria das vezes, fogem à lógica estrutural do português. Dificilmente encontraremos nas estruturas sintáticas latinas, e em especial nos textos virgilianos, construções com sintagmas dispostos em ordem preestabelecida como é de praxe na língua portuguesa e outras línguas neolatinas²⁰.

Por conseguinte, reconhecer os processos estilísticos do autor é fundamental para compreender sua obra poética mais profundamente. Virgílio é um grande mestre no uso de recursos estilísticos variados na composição de seus poemas, e isso torna mais laboriosa a compreensão de seus versos. Portanto, para traduzi-lo, além de se exigir do tradutor um bom domínio da língua latina, faz-se necessário um bom aparato acerca da cultura latina, visto que dominar as estruturas lexicais e sintáticas não é o bastante no ato da tradução. É também essencial que se esteja familiarizado com as divindades do universo greco-romano, referências topográficas, alegorias, e reflexões metapoéticas impostas ao leitor.

2. INFLUÊNCIAS LITERÁRIAS DE VIRGÍLIO

Virgílio, enquanto poeta, surge em meio a uma vasta tradição de poetas gregos e romanos que o antecedem na arte poética. Por exemplo, as obras homéricas *Odisseia* e *Iliada* foram de grande relevância não somente para sua famosa epopeia, sendo influência também para o *epos* bucólico virgiliano²¹. Hesíodo (ca. 730 – ca. 670 a.C.) também está entre os grandes poetas gregos que serviram de inspiração a Virgílio. Sua obra *Os Trabalhos e os Dias* serve de modelo às *Geórgicas* virgilianas, enquanto a *Teogonia* também pode ser depreendida nas obras de Virgílio (SMITH, 2011, p. 12).

A influência de tragediógrafos gregos, como Eurípides e Ésquilo, também pode ser percebida nas obras virgilianas, sobretudo na caracterização psicológica da personagem Dido e sua tragicidade na *Eneida*, e na alusão ao sofrimento e propósito divino nas suas obras.

²⁰ Because Latin and Greek are inflected languages in which words' functions are indicated more by their endings than by location, they allow greater freedom in word-order than non-inflected languages (O'HARA, 2003, p. 242).

²¹ The significance to Virgil of Homer, whose *floruit* was ca.750 BC, is immeasurable. Both the *Iliad* and the *Odyssey* provided models of imitation for the *Aeneid*, in particular, and Homer was important to Virgil's other work. As Halperin has rightly observed about Virgil's use of traditional material, "allusions to the *Odyssey* ...provide a source of thematic continuity within the genre of *epos* which help to define the literary genealogy of bucolic poetry." (SMITH, 2011, p. 12).

A paixão desmedida de Dido por Eneias, que resulta em tragédia, muito se assemelha àquela de Medeia por Jasão, retratada na peça teatral *Medeia* de Eurípides²², por exemplo, e posteriormente nas *Argonáuticas* de Apolônio de Rodes. Também de Eurípides, *Hipólito* está presente na caracterização de Dido por meio da intensidade de sua agitação emocional, semelhante àquela de Fedra e sua paixão (seguida de falsa acusação) pelo filho de seu marido²³. Ironicamente, Dido também compartilha, até conhecer Eneias, de um intento pela castidade em memória do falecido marido, similar ao personagem Hipólito que, por sua vez, preserva-se casto, rejeitando núpcias e enfrentando, por isso, a fúria de Vênus. Ésquilo está presente através da alusão à submissão aos intentos divinos, como em *Prometeu Acorrentado*, tal como as provações do herói Eneias na *Eneida*, à guisa de exemplo. Outras alusões a tragédias gregas podem ser destacadas quando se estuda Virgílio,²⁴ como Vasconcellos (1991, p. 153) argumenta: “não se deve esquecer o alto apreço em que o poeta tinha a obra de Eurípides, revelado com várias alusões intertextuais ao longo da *Eneida*”.

Dentre tantos poetas gregos, Teócrito (ca. 300 – ca. 260 a.C.) é o modelo de sua obra pastoral *Éclogas*, Nicandro de Cólofon (século II a.C.) influenciou sua poesia didática, Calímaco (ca. 305 – ca. 240 a.C.) e, de maneira mais acentuada, seu pupilo Apolônio de Rodes (ca. 270 – ca. 180 a.C.) teve, com a obra *As Argonáuticas*, uma grande importância para Virgílio e sua *Eneida*,²⁵ fornecendo, então, um modelo de poema épico, e ainda Arato de Solos (ca. 300 – ca. 240 a.C.), poeta alexandrino, com sua obra *Fenômenos*, decorrente da tradição didática hesiódica (SMITH, 2011, p. 12-13).

Entre os poetas romanos que fazem parte da educação poética de Virgílio, Quinto Ênio (ca. 239 – ca. 169 a.C.) configura-se como um predecessor importante principalmente para sua produção épica. Também Catulo (ca. 85 – ca. 54 a.C.), assim como vários outros poetas neotéricos que contribuíram para a produção poética de Virgílio. Lucrécio (ca. 99 - ca. 55 a.C.), cuja criação poética *De Rerum Natura* aborda a filosofia epicurista em versos hexâmetros, é um dos poetas mais relevantes quando se fala de figuras de grande influência na poesia virgiliana. Sua influência explicita-se principalmente nas *Geórgicas*, estendendo-se a outras obras do autor, como a *Eneida*.

Além destes, outros poetas e prosadores também exerceram influência sobre a poesia virgiliana em maior ou menor grau, como Cornélio Galo (ca. 70 – 26 a.C.), poeta e

²² Muitos também relacionam Dido a Alceste, personagem de tragédia homônima também de Eurípides (cf. PANOUSI, 2005, p. 416).

²³ Cf. DYSON, 2001, p. 149-158; PANOUSI, 2009, p. 134.

²⁴ Para mais discussões acerca de alusões a tragédias gregas, conferir Hardie (1997) e Panoussi (2009).

²⁵ Cf. SMITH, 2011, p. 11.

político romano colega de Virgílio, cuja morte o teria impactado profundamente (SMITH, 2011, p.15). Varrão (116 a.C. – 27 a.C.) com sua obra *De Re Rustica*, contemporânea de Virgílio, também é de grande inspiração para a produção das *Bucólicas* e *Geórgicas* (FARRELL, 2005, p. 46). É possível identificar a presença de muitos outros autores na obra virgiliana através de suas alusões sutis ou mesmo evidentes, pois é por meio desse recurso que Virgílio consegue incorporar diversos elementos da tradição poética que o precede e, assim, ser um marco na literatura latina em virtude da excelência de suas composições poéticas.

Em sua poesia, ele aborda temáticas como a vida campestre – através dos diálogos entre Títyro e Melibeu²⁶, por exemplo; a agricultura – por meio do tratado instrucional das *Geórgicas*²⁷; e a origem mítica de seu povo romano – com a narrativa épica de Eneias, fugitivo da destruição de Troia, rumo à futura Lavínia, cidade do Lácio²⁸. Especula-se, ainda, que Virgílio tenha iniciado sua vida poética ainda jovem com versos curtos²⁹, mas, de toda forma, foi através de suas obras mais extensas que ele se fez conhecido e marcou a literatura romana tal qual conhecemos hoje. Seus poemas são parte importante da herança da Roma Antiga que subsistiu por séculos, conservou-se até nossos dias, trazendo-nos ensinamentos não somente sobre a literatura da era augustana, mas também sobre seu contexto histórico. Através das obras literárias de Virgílio conhecemos a Roma de seu tempo. Suas referências levam-nos à história dessa civilização cujos costumes, cultura, problemas e crenças estão incorporados na sua obra poética de modo alusivo, metafórico ou até mesmo de forma explícita. Por esta razão, entre tantas outras, é que Virgílio pode ser considerado um poeta de grande representatividade do cenário cultural e literário romano.

Virgílio também é fonte influente para muitos outros poetas de seu tempo, e seja por meio de elogios ou críticas, as discussões acerca de sua poesia excederam sua era. Ovídio (43 a.C.–17 d.C.), a título de exemplo, é um dos poetas que fez parte de uma geração posterior a Virgílio e que conheceu as três grandes obras do autor como textos já canônicos. Virgílio teve uma influência marcante na poesia ovidiana e, ao longo de sua produção poética, Ovídio faz alusões a personagens virgilianos e ao próprio poeta. As obras ovidianas incluem *Amores*,

²⁶ *Tityre, tu patulae recubans sub tegmine fagi / siluestrem tenui Musam meditaris auena; / nos patriae finis et dulcia linquimus arua. / nos patriam fugimus; tu, Tityre, lentus in umbra / formosam resonare doces / Amaryllida siluas (Bucólicas, 1. 1-5).*

²⁷ *Quid faciat laetas segetes, quo sidere terram / uertere, Maecenas, ulmisque adiungere uitis / conueniat, quae cura boum, qui cultus habendo / sit pecori, apibus quanta experientia parcis, / hinc canere incipiam. (Geórgicas, 1. 1-5).*

²⁸ *Arma virumque cano, Troiae qui primus ab oris / Italiam, fato profugus, Laviniaque venit / litora, multum ille et terris iactatus et alto / vi superum saevae memorem Iunonis ob iram; / multa quoque et bello passus, dum conderet urbem, / inferretque deos Latio, genus unde Latinum, / Albanique patres, atque altae moenia Romae (Eneida, 1. 1-7).*

²⁹ Cf. HORSFALL, 1995, p. 9.

Ars amatoria e *Metamorphoses*, esta última sendo escrita em hexâmetros, a forma métrica característica de Virgílio (ZIOLKOWSKI; PUTNAM, 2008, p. 14).

Embora suas obras sejam consideradas clássicas no cânone literário, há quem argumente que o sucesso na longevidade da poesia virgiliana esteja mais relacionado a motivos didáticos do que literários. Ziolkowski (2016, p. 165), por exemplo, considera que a qualidade das obras de Virgílio ou sua maestria poética talvez tenha menos crédito na permanência do poeta entre os grandes clássicos, visto que suas obras serviram como livros didáticos de estudo da gramática e da boa latinidade³⁰ e isso teria contribuído para que sua poesia sobrevivesse por tantos séculos, diferente de tantas outras obras de poetas que o precederam ou que o sucederam. Em consonância com Ziolkowski, Thomas (2004, p.15) argumenta que o pressuposto de ser Virgílio um exemplo de autor clássico sempre esteve presente na crítica do poeta, estando isto relacionado ao fato de Virgílio ter sido uma figura de destaque nas escolas ainda em vida, e ter alcançado um *status* que o permitiu permanecer relevante no cenário cultural, linguístico e até mesmo religioso.³¹

3. AS OBRAS VIRGILIANAS

Virgílio escreveu clássicos consagrados no cânone literário universal, versando sobre diferentes elementos com sua reconhecida maestria. Ele começou sua produção literária reconhecida nos nossos dias no final dos anos 40 a.C., conseguindo destaque como um dos grandes poetas da literatura clássica. Smith (2011) declara que Virgílio escrevia através de códigos e suas obras são três manifestações do código épico. O termo em si está relacionado ao estilo poético por meio do qual o poeta conferia significado a suas criações poéticas através de alusões e associações variadas³².

Hinds (1998), ao tratar da alusão³³, destaca que o seu uso implica na construção de um comentário implícito e “anotações reflexivas”³⁴ cuja recuperação e interpretação

³⁰ The chief explanation for the longevity of this poet may lie less in the sheer quality of his œuvre or in the ambitious scope of what he attempted and achieved poetically than in the functions that his works served as textbooks for grammatical correctness and proper taste in Latinity. Although his stock rose and fell across the centuries and varied from locale to locale, he abided as the most familiar of all classical Latin Writers. (ZIOLKOWSKI, 2016, p. 165).

³¹ The assumption of classicism has always been the dominant mode of Virgilian criticism, long before T. S. Eliot's 1944 Presidential Address to the Virgil Society set that assumption in stone. That is what happens when a poet is taught in his own lifetime and when his particular style attains a normative status, and becomes a sort of cultural, linguistic and even religious *koine*. (THOMAS, 2004, p.15).

³² Virgil wrote in code. The word “code,” [...] refers to poetic style and to the method by which a poet conveys meaning. Poetry is encoded through certain generic associations and allusive connections. (SMITH, 2011, p. 1).

³³ Para uma discussão mais aprofundada sobre alusão e referência, sugerimos Hinds (1998).

dependem, por sua vez, do receptor inserido no processo de leitura, que se configura como o principal responsável pela compreensão do código. Nesse processo de recepção, ele interage e ‘negocia’ com o código e seus significados.³⁵ O receptor não engessa, no entanto, os limites dos componentes alusivos, visto ser necessário considerar o controle sobre a alusão tanto do autor que a constrói quanto de seu receptor sob cautela devido à imprecisão das alusões.³⁶

Esse mecanismo utilizado por Virgílio³⁷ apela para uma tradição por meio de recursos como *fama est, dicitur* (HINDS, 1998, p. 2), como nas *Bucólicas* 9: *Audieras, et fama fuit; sed carmina tantum / nostra ualent, Lycida, tela inter Martia quantum / Chaonias dicunt aquila ueniente columbas*. (*Bucólicas* 9. 11-13, grifos nossos). Por sua vez, enquanto as alusões e referências retomam uma tradição literária, os termos em si podem ser discutidos e vistos de forma distinta por diferentes estudiosos. As terminologias ‘alusão’ e ‘referência’ são debatidas por Gale (2004), por exemplo, que prefere empregar ‘intertextualidade’ para nomear esses processos, por abranger uma significação mais fundamental que os dois primeiros.³⁸ Thomas (1986, p. 172), por sua vez, prefere o termo ‘referência’ em detrimento de ‘alusão’, pois este último comportaria um sentido simplório para um processo de complexidade superior. Para ele, Virgílio conhecia muito bem a tradição grega e latina por ele herdada, controlava-a com maestria, incorporando sabiamente, e à sua maneira, esses modelos em sua poesia. Por meio da referência, Thomas defende, Virgílio direcionava o receptor de volta aos seus modelos da tradição literária, e a partir daí, este estabeleceria conexões entre as obras (ou poetas) interligadas pela referência.³⁹ Hinds (1998), por sua vez, destaca que a relação entre ‘referência’ e ‘alusão’ seria paralela àquela entre ‘revelação’ e ‘encobrimento’,⁴⁰ ou seja, enquanto uma abertamente indica especificamente seu modelo ao receptor, a outra se apresenta de forma implícita, encoberta dentro do texto.⁴¹ Por fim, o autor ressalta que uma alusão cumpre seu propósito enquanto ‘alusão’ quando o autor tem ciência daquilo que seu

³⁴ Certain allusions are so constructed as to carry a kind of built-in commentary, a kind of reflexive annotation, which underlines or intensifies their demand to be interpreted as allusions (HINDS, 1998, p. 1).

³⁵ Cf. SMITH, 2011, p. 5.

³⁶ Cf. HINDS, *op. cit.*, p. 25.

³⁷ Classificado também como *Alexandrian footnote* (Cf. *idem, ibidem*, p. 1).

³⁸ [...] the identification of allusions is part of a broader process of intertextual interpretation, whereby the reader interacts with the text to produce meaning: while allusions can be meaningfully described as present in the text (whether or not consciously put there by the author), it is up to the reader to activate these allusions by identifying and interpreting intertextual resemblances (GALE, 2004, p. 5).

³⁹ Cf. HINDS, *op. cit.*, p. 21.

⁴⁰ However, as these definitions serve to emphasize, there is a sense in which Thomas sells himself short in his polemical promotion of the term ‘reference’ over ‘allusion’. [...] One of the reasons for the durability and continuing usefulness of ‘allusion’ as a description of this kind of gesture is precisely the teasing play which it defines between revelation and concealment. (*Idem, ibidem*, p. 23).

⁴¹ As *palam* is to *clam*, so ‘reference’ is to ‘allusion’: a ‘reference’ is ‘a specific direction of the attention’; an ‘allusion’, in the words of the *OED*, is ‘a covert, implied or indirect reference’. (*Idem, ibidem*, p. 22).

texto ‘revela’ e daquilo que ‘esconde’.⁴² O autor ressalta ainda a problematidade em separar metodicamente uma ou outra característica alusiva e/ou referencial, dada a própria inexactidão das alusões. Assim, a literatura romana é, em seu cerne, repleta de elementos alusivos. Compreender essa característica básica é primordial para que se possa, por exemplo, discutir um poema de um autor como Virgílio com mais propriedade.⁴³

Aemulatio também é um termo comumente usado para discutir os elementos alusivos e referenciais na poética virgiliana. O termo em si está relacionado ao desejo e busca por igualar-se ou mesmo superar outro poeta. Essa espécie de *chamamento*, processo bastante comum entre autores da antiguidade clássica, buscava extrair os melhores exemplos presentes na literatura produzida até então, atuando também como uma forma de autoafirmação em meio à conjuntura literária da época. Tal legitimação, através de citações de exemplos considerados superiores, conferia também ao poeta uma condição elevada, junto aos grandes nomes da literatura clássica – *non subripiendi causa sed palam mutuandi, hoc animo ut vellet agnosci*⁴⁴. Nesse processo de emulação, o poeta abre um diálogo com seus antecessores por meio de alusões, mesclagem de gêneros, o que Smith (2011) denomina de “polinização cruzada”.⁴⁵ Segundo o autor, a alusão virgiliana é equivalente às referências poéticas alexandrinas concebidas no período helenístico (323 – 327 a.C.) que tinham como característica mais acentuada a emulação por meio de referências lúdicas a seus modelos literários.⁴⁶ Virgílio tinha ciência da tradição de escritores que o precedia e não poupou referências a esses poetas e suas obras. À guisa de exemplo, ele tinha plena consciência de seu contemporâneo Varrão (116 a.C. – 27 a.C.) e sua obra *De Re Rustica* quando produziu as *Geórgicas* – também em *Geórgicas*, 1.299 (*nudus ara, sere nudus. hiems ignava colono*) o poeta alude à obra hesiodiana *Os Trabalhos e os Dias*⁴⁷ e ao poeta Teócrito de Siracusa em *Bucólicas*, 4.1 (*Sicelides Musae, paulo maiora canamus*) e 6.1-2 (*Prima Syracosio dignata est ludere uersu / nostra nec erubuit siluas habitare Thalea*)⁴⁸.

⁴² [...] an allusion is meaningful as an allusion when the author knows exactly what it is that he is concealing and revealing; on those terms alone can the reader take up the implied challenge to interpret. (HINDS, 1998, p. 25).

⁴³ There is no discursive element in a Roman poem, no matter how unremarkable in itself, and no matter how frequently repeated in the tradition, that cannot in some imaginable circumstance mobilize a specific allusion. (*Idem, ibidem*, p. 26).

⁴⁴ Sêneca *Maior*, o retórico (*Suas*, 3.7). (Cf. *Idem, ibidem*, p. 22).

⁴⁵ Inspired by the Muses, the Roman poet opens a dialogue with his predecessors through allusion and cross-pollination of genres. This was especially true in Virgil’s time: the skilled poet engaged his predecessors through a process of imitation, emulation, and interpretation. (SMITH, 2011, p. 6).

⁴⁶ Virgilian allusion is generally consistent with the practice of poetic reference called Alexandrian, developed in the Hellenistic period (323 – 327 BC) and characterized by emulative playfulness. (*Idem, ibidem*, p. 6).

⁴⁷ γυμνὸν σπείρειν, γυμνὸν δὲ βοῶταιν, γυμνὸν δ’ ἀμάειν (Hesíodo, *Os Trabalhos e os Dias*, v. 391-392).

⁴⁸ Teócrito era de Siracusa, cidade da Sicília, na Itália, por isso as “*Sicelides Musae*” são convidadas a um canto

Exímio conhecedor da mitologia greco-romana, o poeta também manipulou, frequentemente, esse recurso nas suas digressões mítico-narrativas: o *epyllion* de Aristeu, a passagem do velho corício, as passagens mitológicas são exemplos desses ‘painéis’ mítico-narrativos.⁴⁹ Ao inseri-los, o poeta quebra a sequência didática dos versos e direciona essas digressões para ilustrar, esclarecer uma determinada informação ou mesmo demonstrar uma moral implícita por meio dos ‘painéis’.

Outra característica marcante da poética virgiliana é a justaposição dialógica entre aspectos contrastantes como “o bem e o mal, alegria e tristeza, misericórdia e brutalidade” (SMITH, 2011, p. 19). Virgílio trabalha constantemente com esses dualismos de elementos antagônicos que se ajustam à construção reflexiva de sua poesia, marcada também por “vislumbres a uma Era de Ouro já finda, a luta pelo controle em meio ao caos, o dever para com a pátria e a família acima de questões pessoais, e um senso de propósito e destino mesmo diante de adversidades”.⁵⁰ O poeta foi testemunha dos transtornos que as disputas políticas causaram em Roma, e isso pode justificar seu saudosismo por tempos já findos ao longo do seu *corpus* poético.

As três grandes obras que fazem parte de sua criação poética podem ser inseridas no gênero épico. São elas a *Eneida*, as *Bucólicas* e as *Geórgicas*, poemas com temáticas dissimilares⁵¹, mas conectadas entre si pela genialidade de seu autor. Essa produção poética costuma ser classificada em três *epos* distintos, escritos em ritmo hexamétrico. O vocábulo *epos* parte do grego *ἔπος* que significa “palavra”, mas se aplica especificamente ao verso composto por hexâmetros. A primeira obra a ser escrita das três, as *Bucólicas* consistem na manifestação de seu *epos* bucólico, as *Geórgicas* refletem seu *epos* didático e a *Eneida*, a última obra escrita por ele, evidencia seu *epos* heroico (SMITH, 2011, p. 1). Os assuntos tratados em cada obra são dissimilares: enquanto as *Bucólicas* são cantos a elementos pastoris, na imortalizada epopeia *Eneida* narra-se a mítica formação de Roma através das peripécias de seu personagem central Eneias, e as *Geórgicas*, nosso objeto de interesse aqui, ao que se assume, é um apelo à agricultura. Além dessas três obras principais, existe ainda

de coisas “*paulo maiora*” (Cf. HEYWORTH, 2005, p. 149).

⁴⁹ Cf. TOOHEY (1996); TREVIZAM (2014).

⁵⁰ One often finds the dialogic juxtaposition of good and evil, joy and sorrow, mercy and brutality. His poetry is marked by wistful glances back to a lost golden age; a struggle for control when chaos abounds; the discovery of community and peace in the midst of discord and strife; duty to country and family over personal gain; the value of history balanced with future hope; and a sense of purpose and destiny in the face of harsh adversity. (SMITH, 2011, p. 19).

⁵¹ The pastoral realm of the *Eclogues* has been read as exposing the political expediencies of the triumviral “peace,” the Italy of the *Georgics* as lamenting the triumph of iron age man’s unending struggle to dominate the environment over the power of song, and the *Aeneid* as an expression of the poet’s love of his patria and its indigenous inhabitants (DOMINIK, 2009, p. 113).

uma coletânea de pequenos poemas intitulada *Appendix Vergiliana* que supostamente teria sido escrita por Virgílio. A autenticidade de tal autoria é, no entanto, duvidosa e não se sabe ao certo se algum desses poemas foi de fato escrito por ele⁵² (SMITH, 2011, p.34).

Temos, portanto, três grandes obras que compõem o *corpus* poético de Virgílio. Alega-se que Virgílio tenha produzido as *Bucólicas* entre 42 e 39 a.C., as *Geórgicas* entre 37 e 30 a.C. e a *Eneida* entre 30 e 19 a.C., o ano de sua morte.⁵³

As *Bucólicas*, sua primeira grande produção, consagraram-no como um poeta reconhecido no contexto literário romano. Constituindo uma novidade bem acolhida no cenário literário da época, a obra consiste em uma coleção de dez poemas pastorais que apresentam um ambiente idílico e, por vezes, escapista. Martindale (1997, p. 107) argumenta que, sem as *Bucólicas* virgilianas, a poesia pastoril dificilmente teria se tornado um dos grandes gêneros da poesia europeia, e outros estudiosos consideram-na um documento que representa um grande marco na história da poesia europeia⁵⁴.

Teócrito de Siracusa, poeta grego do século 3 a.C., sempre foi considerado o inventor da poesia pastoril como um ‘gênero’ através de sua obra *Idílios*. Entretanto, Teócrito retrata, além do cenário campestre, também o elemento urbano nos seus *Idílios*, por isso muitos estudiosos defendem que Virgílio foi quem constituiu a poesia pastoril como um ‘gênero’⁵⁵, estabelecendo relações mais contundentes com um ambiente genuinamente bucólico (HEYWORTH, 2005, p. 148). Por sua vez, o termo ‘gênero’ para designar a poesia pastoril não é comum para os teóricos clássicos – Quintiliano (35 – 96 d.C.) considerava a poesia pastoril parte do gênero épico, tendo em vista, por exemplo, sua semelhança métrica com as obras conhecidamente épicas, no sentido mais intrínseco do termo (MARTINDALE, 1997, p. 108). O gênero épico, marcado pelo ritmo hexamétrico⁵⁶, engloba, desta forma, o *epos* heroico, o *epos* bucólico e o *epos* didático de Virgílio (representados por *Eneida*,

⁵² Scholars are divided on the genuineness of the poems of the so-called *Appendix Vergiliana*, variously attributed to a youthful Virgil. Among these works the *Culex*, the *Ciris*, and the *Aetna* show the best poetic craftsmanship. If any of them do belong to Virgil, they would have been but early experimental pieces. (SMITH, 2011, p. 34).

⁵³ A datação precisa da produção das obras virgilianas varia bastante, por isso consideramos aqui a datação apresentada por Grimal (1985).

⁵⁴ Without the *Eclogues* pastoral might never have become one of the major, exemplary genres of European poetry. E. R. Curtius declared that anyone unfamiliar with the First Eclogue ‘lacks one key to the literary tradition of Europe’; while for Paul Alpers the collection constitutes ‘probably the single most important document in the history of poetry’ (MARTINDALE, 1997, p. 107).

⁵⁵ It is a truth now commonly accepted that Vergil was the inventor of pastoral as a genre. [...] the Theocritean corpus includes a high proportion of poems that are urban, mythological or panegyric, while containing no material that is distinctively bucolic; and unlike Vergil, he seems not clearly to have marked any distinction between the different parts of his oeuvre. (HEYWORTH, 2005, p. 148).

⁵⁶ O metro era comumente usado por críticos da antiguidade clássica greco-romana para distinguir diferentes gêneros da poesia. (Cf. GALE, 2005, p. 101).

Bucólicas e *Geórgicas*, respectivamente). Ainda que os *epos* possam ser facilmente delimitados entre si pelo conteúdo que apresentam, estão ao mesmo tempo inseridos em um só gênero, qual seja o épico, não existindo, se assim considerarmos, uma distinção em termos de ‘gênero’ entre as obras virgilianas.

Nas *Bucólicas*, Virgílio emprega o ritmo hexamétrico, forma similar à de Teócrito, e da mesma maneira, o cenário por ele adotado condiz com aquele de Teócrito nos seus *Idílios*, a paisagem pastoral. Virgílio, entretanto, não só rememora o sentimento da natureza e o espírito arcádico dos pastores, uma vez que seus personagens campesinos evocam também problemas recorrentes da realidade romana para o ambiente arcádico. Dessa forma, embora o poeta resgate a Arcádia grega de Teócrito e emule o modelo concebido por seu predecessor grego, ele incorpora nas suas *Bucólicas* elementos inerentes ao universo romano e acrescenta temas condizentes ao seu público, como os infortúnios das Guerras Civis dos tempos de Otávio (GAILLARD, 1996, p. 66). Também a temática pastoril associada aos mitos e deuses latinos, a topologia local e as desventuras do povo romano são alguns dos temas evidenciados nos dez poemas que compõem as *Bucólicas* – em suma, elas consistem em diálogos entre pastores abordando questões amorosas, mitologia, competições poéticas e consequências sociais das turbulências políticas de Roma.

De tal modo, embora Teócrito tenha sido um predecessor de uma poesia que passeia por ambientes idílicos e bucólicos, Virgílio emprega o componente pastoril de maneira contundente a essas formas pouco delimitadas de Teócrito e promove uma caracterização clara à poesia pastoril, podendo ser, assim, considerado aquele que de fato constituiu a poesia pastoril com elementos majoritariamente ligados ao campo.

Outro elemento de grande relevância nas *Bucólicas* é o dualismo nos diálogos entre pastores. Presente em outros poemas do autor, essa noção de dualismo aparece de forma constante nas *Bucólicas*, apresentando frequentemente dois pontos de vista contrastantes. “Tal dualismo emerge não só da leitura atenta dos poemas, mas também pode ser visto no fato de serem regularmente considerados em pares”.⁵⁷ E ainda,

O dualismo de Virgílio envolve a transferência do gênero bucólico grego para o mundo da poesia romana. Com sua Arcádia, uma verdadeira paisagem grega localizada no norte do Peloponeso, agora transformada em um novo mundo

⁵⁷ Of greater significance to the *Eclogues* than numbers, however, is the notion of dualism –a concept by no means exclusive to Pythagoreans, but one that was important in their community –for Virgil frequently presents ideas along dualistic lines. The *Eclogues* particularly reveal such dualistic thought, for they are paired in reciprocal arrangement, often presenting two contrasting points of view. [...] Such dualism not only emerges from reading the poems closely but can also be seen in the fact that they are regularly considered in pairs (SMITH, 2011, p. 42-43).

bucólico, Virgílio não retrata um mero escapismo rural. Sua nova abordagem deste gênero mostra que ele o mudou; tendo tomado posse da paisagem Arcádica, ele a coloca firmemente em sua Itália. (SMITH, 2011, p. 44, tradução nossa).⁵⁸

Alguns estudiosos sugerem que as *Bucólicas* são, em parte, de natureza autobiográfica, visto que o próprio autor teria sofrido com a confiscação de terras na região da Gália Cisalpina, assim como o personagem Melibeu na primeira bucólica. Gaillard (1996, p. 67) afirma que “Virgílio imprime no bucólico, um gênero bastante artificial, a marca dos tempos, e transmite a ele suas preocupações pessoais”.⁵⁹ O protótipo bucólico concebido por Teócrito é, assim, revestido por Virgílio com forma e conteúdo ajustados ao seu contexto. O teor autobiográfico que se observa no poema, como nas demais obras virgilianas, é recorrente, e provavelmente proposital, já que o poeta conhece de perto a maioria dos cenários abordados em sua poesia. Como Grimal destaca,

Virgílio, oriundo da região de Mântua, um país rico, fez-se o cantor da terra italiana e deu voz a todos os sentimentos confusos que podiam experimentar esses “camponeses” cujas pobres propriedades estiveram muitas vezes em jogo durante combates e intrigas. Essa inspiração já aparece nas *Bucólicas*, eclode nas *Geórgicas*, que foram compostas diz-se, a pedido de Mecenas, e que aureolam de poesia a vida rude, mas simples e verdadeiras dos camponeses. (GRIMAL, 2011, p. 126-127).

De maneira semelhante, Weeda (2015) defende que, na composição das *Bucólicas*, Virgílio tinha plena consciência do contexto político romano, por vezes fazendo alusões e comentários que podem ser relacionados a dois eventos políticos de maior relevância para a população romana:⁶⁰ o reassentamento de veteranos do exército por Otaviano e as decorrentes expropriações de terras após a batalha de Filipos em 42 a.C., e os efeitos decorrentes de tudo isso nas áreas rurais da Itália. Enquanto isso não comprova, necessariamente, a natureza autobiográfica da obra, Weeda argumenta que Virgílio não se apresenta imune ao contexto em que estava inserido, fazendo referências que podem facilmente ser relacionadas ao seu momento histórico e às experiências próprias do poeta romano.

Posterior às *Bucólicas*, Virgílio escreveu as *Geórgicas*, poema de cunho didático disposto em quatro livros que versam principalmente sobre o campo e a agricultura. Há quem

⁵⁸ Virgil’s dualism involves the transference of the Greek bucolic genre into the world of Roman poetry. With his Arcadia, a real Greek landscape located in the northern Peloponnese now transformed into a new bucolic world, Virgil does not portray mere rural escapism. His fresh approach to this genre shows that he has changed it; having taken hold of the Arcadian landscape, he places it firmly in his Italy. (SMITH, 2011, p. 44).

⁵⁹ En cierto modo, Virgilio imprime, pues, a la bucólica, género bastante artificial, la marca de los tiempos, y le transmite sus preocupaciones personales (GAILLARD, 1996, p. 67).

⁶⁰ I will argue that the majority of the *Eclogues* contains the poet’s commentary on two major political events: Octavian’s resettlement of army veterans and the land expropriations after Philippi in 42 B.C., and their effects on the Italian countryside (WEEDA, 2015, p. 54).

sustente a ideia de que as *Geórgicas* teriam sido concebidas em resposta a um pedido de Mecenas, seu patrono. Como sugere Grimal (2011, p.127), “Mecenas, propondo esse tema a seu poeta, sabia que este servia bem a seu senhor, e colaborava com a obra de restauração que era urgente empreender.” De um lado, Mecenas era de fato conselheiro político de Otaviano. De outro, esse plano de restauração de Roma seria de fato um dos objetivos de Otaviano, visto que desta forma seu domínio ficaria assegurado.

As *Geórgicas* adentram, portanto, o universo agrário romano e acredita-se que sua versão definitiva foi conhecida em 29 a.C., já que o poeta teria aprimorado algumas partes da obra (VIDAL, 1997, p.156). Nela, a cultura agrária antiga entra em foco, as tradições de cultivo e as divindades do mundo greco-romano são inseridas nesse conjunto de versos hexâmetros, compondo um manual instrutivo para a cultura agrícola. O significado por trás das *Geórgicas* tem gerado inúmeras discussões ao longo dos séculos. Embora seja evidente que a temática da agricultura permeia toda a obra, argumenta-se que há muitas outras interpretações possíveis além dessa temática por muitos considerada um tanto modesta⁶¹. Deste modo, como discutiremos adiante, essa temática de aparente modéstia carrega valores de grande valia para o povo romano.⁶²

Por fim, acredita-se que Virgílio começou a escrita da *Eneida* imediatamente após a conclusão das *Geórgicas*, ocupando-se nessa tarefa até sua morte no ano 19 a.C., sem que pudesse completar sua composição (GAILLARD, 1996, p. 69). A *Eneida* consiste em um poema épico em doze livros (ou cantos) que narra a saga do herói Eneias e o povo troiano em fuga de Troia, seu estabelecimento no Lácio e a fundação mítica de Roma. Virgílio empregou doze anos de sua vida à escrita da *Eneida*, deixando-a ainda inacabada, sendo ela publicada *post mortem* contra seu desejo final de queimá-la por estar ainda incompleta. A *Eneida* surge, então, como um poema de exaltação ao povo romano, relacionando a gênese de Roma às figuras míticas de relevância para a cultura romana. Acerca da importância deste poema no contexto romano, Grimal (2011, p. 128) relata que

No decurso das Guerras Civis, Roma perdera muitas de suas tradições. Otávio compreendeu que era preciso dar-lhe outras novas. A empresa era difícil; ele se apoiou nos poetas, para criar verdadeiros “mitos” a serviço de uma fé nova. Virgílio, redigindo a *Eneida*, deu ao novo Senhor, mas também à sua Pátria, o mais belo presente. Reuniu os elementos esparsos da velha lenda que unia os romanos – e muito particularmente Otávio, herdeiro de César – à raça dos deuses. Justificou ao mesmo tempo a conquista romana – voltando a dar “boa consciência” aos

⁶¹ It is a truism to say that the *Georgics* is more than a didactic poem about land, trees, cattle and bees. It also has a very visible socio-political content, as the opening passage and the final lines exemplify. (WEEDA, 2015, p. 85).

⁶² Cf. DOMINIK, 2009; POWELL, 2012.

conquistadores – e a ditadura de fato estabelecida pelo vencedor de Actio. (GRIMAL, 2011, p. 128)

A *Eneida* promove, então, a consolidação da Itália, a fundação de Roma e sua expansão como um destino corroborado pelos deuses,⁶³ favorecendo a ideia augustana de reavivar o espírito nacionalista romano. Para Gaillard (1996, p. 69), a política de Otaviano, agora Augusto, “pretendia ser uma restauração dos valores fundamentais de Roma, uma refundação de uma cidade que tinha sido severamente punida pelas guerras civis, e um regime ‘moderno’ adaptado aos imensos espaços do império”.

Em sua estrutura geral, a *Eneida* se assemelha aos poemas épicos homéricos que apresentam os heróis Odisseu (Ulisses para os romanos) e Aquiles e suas respectivas peripécias. Os seis primeiros cantos apresentam Eneias em fuga de Troia, suas aventuras ao longo do percurso, e sua chegada ao Lácio, o que se configuraria como a primeira parte das aventuras de Odisseu na *Odisseia* homérica. Os seis últimos cantos narram as guerras empreendidas por Eneias para enfim estabelecer sua prometida Itália, relacionando-se com a *Iliada* (GAILLARD, 1996, p. 69).

Smith (2011, p. 104-105) reitera que Virgílio manipula a tradição homérica, conduzindo sua epopeia a uma criação com uma consciência histórica contemporânea mais complexa. Para o autor, a epopeia atribuída a Homero, embora histórica, não possui um *telos* que se sobreponha à própria narrativa. Enquanto Odisseu embarca em viagens que implicam aventuras de caráter mais pessoal, Eneias tem um objetivo claro, uma missão, desde o início de sua epopeia. O objetivo da *Eneida*, portanto, vai além das aventuras de um herói, sendo anunciado já no início do poema, qual seja o renascimento de Troia nas terras do Lácio.

O dualismo de Virgílio, presente nas suas demais produções poéticas, é evidenciado uma vez mais na *Eneida*, visto que o poeta mescla elementos gregos e romanos na composição de seu poema, juxtapondo mito e história em um épico que narra o “exílio fundacional” de Eneias, e uma Roma que se formará com os “remanescentes” do povo troiano.⁶⁴

⁶³ Las pruebas y los combates de Eneas, después de la caída de Troya, tienen como punto de mira no solamente la consolidación de Italia, y después, lejanamente, la fundación de Roma, sino también la expansión de su Imperio, especie de Edad de Oro para un imperialismo que Júpiter afirma, en el canto I, no limitar en el espacio ni en el tiempo: imperium sine fine dedi, < he dado a los romanos un imperio sin fin>. (GAILLARD, 1996, p. 69).

⁶⁴ Thus, the *Aeneid* is both classical, harking back to Homer, and informed by Alexandrian erudition, as is evident from the many learned allusions that enrich this poem. Such dualism is characteristic of this poem, with its juxtaposition of Greek and Roman material, its blending of myth and history, and its ktistic (foundational) emphasis, as Rome’s future grows out of the remnants of Trojan society. (SMITH, 2011, p. 106).

4. AS GEÓRGICAS DE VIRGÍLIO

4.1 A poesia didática

Poesia didática é aquela produzida com o intuito de ensinar algo. Gale (2005) explica que tal nome deriva do verbo grego *didaskhein*, que significa ‘ensinar’. Poemas didáticos podem ser de natureza técnica ou filosófica. Os temas dos poemas didáticos que sobreviveram ao tempo variam da agricultura e caça à astronomia e à física epicurista. O objetivo mais evidente da poesia didática é atribuir conhecimento, qual seja “o ensino sistemático de uma habilidade ou de um sistema filosófico”, embora encontremos facilmente poesias didáticas com reflexões morais e éticas⁶⁵ (GALE, 2005, p. 101).

A poesia didática surge e se desenvolve dentro do gênero épico. Os poemas didáticos são, em geral, composições estruturadas metricamente em hexâmetros, uma métrica poética usada extensivamente no gênero épico, como em Homero e Virgílio. Por isso, a poesia didática está diretamente relacionada à poesia heroica, distinguindo-se dentro do gênero épico entre épico heroico, como a *Eneida*, e épico didático, como as *Geórgicas*. Tendo Hesíodo por precursor, com a já mencionada obra *Os Trabalhos e os Dias*, a qual Virgílio alude ao longo do poema⁶⁶, a poesia didática segue “uma tradição distintivamente diferente, paralela e ligeiramente inferior na hierarquia de gêneros àquela estabelecida pela *Iliada* e *Odisseia*”⁶⁷ (GALE, 2005, p. 101). Essa distinção parece se aplicar mais ao assunto a ser tratado na poesia de cunho heroico ou didático, visto que ambas estão atreladas tanto no uso do hexâmetro quanto na linguagem rebuscada⁶⁸. Ovídio é talvez a única exceção na poesia didática que faz uso do metro dístico elegíaco em vez do hexâmetro. Nas suas obras didáticas *Ars Amatoria* e *Remedia Amoris*, por exemplo, Ovídio não emprega o ritmo hexamétrico, mas sim o dístico elegíaco. Por esse mesmo motivo é que Ovídio marca, portanto, uma ruptura daquilo que unia

⁶⁵ [...] most didactic poems have a more or less explicit moral subtext, the ostensible aim of such works is traditionally the systematic teaching of a skill or a philosophical system, rather than ethical exhortation as such. (GALE, 2005, p. 101).

⁶⁶ *salve, magna parens frugum, Saturnia tellus, / magna uirum: tibi res antiquae laudis et artem / ingredior sanctos ausus recludere fontis / Ascraeumque cano Romana per oppida carmen* (Georg. 2. 173-176, grifos nossos).

⁶⁷ On the other hand, it is clear that the didactic poets did regard themselves as forming a distinctively different tradition, parallel to and slightly lower in the hierarchy of genres than that established by the *Iliad* and *Odyssey*. (GALE, *op. cit.*, p. 101).

⁶⁸ It seems legitimate, then, to treat didactic as a subgenre of epic, distinct from but closely related to the main, Homeric, tradition[...]. In addition to their common use of the hexameter, both heroic epic and didactic tend to employ relatively elevated language. (*Idem, ibidem*, p. 102).

até então, de maneira intrínseca e contundente, a poesia didática ao gênero épico, qual seja o metro hexamétrico.

A instrução sistemática da poesia didática demanda um *praeceptor*, que é o *magister*, qual seja aquele que emite o saber, e um *discipulus*, o ouvinte e/ou leitor dessa instrução técnica, científica ou teoria filosófica. Gale (2005, p. 102) destaca que esse destinatário é geralmente nomeado, mas há uma sutil diferença entre o destinatário, nomeado dentro da obra, e o “leitor real ou implícito” do trabalho⁶⁹. As *Geórgicas*, por exemplo, é uma obra dedicada a Mecenas⁷⁰, e as instruções técnicas são direcionadas explicitamente aos *discipuli* rústicos, ao homem campestre⁷¹. No entanto, percebe-se que Virgílio, com seu discurso filosófico e político e seus versos refinados, tem em mente um leitor mais erudito que um simples camponês. As progressões de ideias e intertextualidade apresentadas pelo poeta são extremamente rebuscadas e dificilmente seriam comuns ao nível de instrução dos *agrestes* cuja preocupação principal seria sua produção agrícola e cuidado do campo e animais, em vez de uma discussão de preceitos filosóficos de maior complexidade.

À semelhança de Gale, Toohey (1996, p. 4) elenca algumas características necessárias para a poesia didática, quais sejam uma única voz emissora que se dirige ao(s) aluno(s), com o intuito de transmitir conhecimento de um determinado tópico que o tal emissor domina. De acordo com o autor, o emissor também faz uso de painéis ilustrativos com relatos mítico-narrativos, tal como o relato do velho corício (*Georg.* 4.125-148), e emprega, em sua grande maioria, o metro hexâmetro em ritmo dactílico⁷².

4.2 Contexto histórico

As *Geórgicas* surgem em um contexto político conturbado da história de Roma. As reminiscências das guerras civis e da luta pelo poder entre os triúnviros⁷³ eram bem

⁶⁹ A further important distinguishing feature is the addressee: whereas epic poems are conventionally addressed to a non-specific general audience, the didactic poets address their technical instruction or philosophical theory to a usually named individual. The resulting triangular relationship between the ‘didactic speaker’ (*praeceptor*), the pupil addressed within the work, and the actual or implied reader is exploited in different – often quite subtle and sophisticated – ways by different poets. (GALE, 2005, p. 102).

⁷⁰ In any case, Maecenas is the sole dedicatee of the *Georgics*, though Octavian appears there as a character and occasional addressee. (SMITH, 2011, p.35).

⁷¹ Por vezes, o destinatário das *Geórgicas* parece ser não Mecenas, mas o próprio Otaviano.

⁷² The dactylic hexameter is a quantitative verse consisting of long and short syllables; each line has six feet, with either a dactyl (– U U) or a spondee (– –) in each of the first four feet; the fifth foot is regularly a dactyl, and the sixth foot is composed of two syllables, either a spondee or a trochee (– U) with the final syllable treated as long by the rule of *syllaba anceps* (DUCKWORTH, 1969, p. 3, grifos do autor).

⁷³ No primeiro triunvirato, Júlio César, Pompeu e Crasso dividiam o poder; no segundo, Marco Antônio, Otaviano e Lépido. No primeiro triunvirato, a disputa era principalmente entre Júlio César e Pompeu; no

presentes no cenário romano. A agricultura estava em ruínas, pequenos agricultores haviam perdido suas terras ou as deixado em função do recrutamento para as batalhas, tudo isso resultando em caos e miséria para o povo romano.

Desde a morte de Júlio César em 44 a.C., a política de Roma enfrentara inúmeras turbulências, até que Otaviano conseguisse, por fim, estabelecer sua autoridade com culminância na batalha do Ácio em 31 a.C., dando início a um período de transição da república ao império. Tornando-se *princeps* em 27 a.C. e adotando o título de Augusto, Otaviano conseguiu estabelecer uma certa paz e estabilidade na Itália, mas a conjuntura agrária já não era a mesma, mutilada como fora pelas guerras civis.

Weeda (2015) constata que a destruição do campo, os impostos cobrados para financiar a guerra, as expropriações de terra de proprietários e pequenos agricultores para reassentamento de veteranos de guerra, haviam provocado um profundo empobrecimento da população romana⁷⁴. Por essa razão é que Virgílio, nas *Geórgicas*, relaciona a negligência agrária à administração inepta sob a qual o estado romano estivera. De tal modo, uma política de restauração desse cenário caótico e da esperança do povo romano era de máxima necessidade. As *Geórgicas*, por sua vez, tornar-se-iam “uma base para a reabilitação moral de Roma”⁷⁵. A correlação entre Otaviano e a Itália em sua gloriosa prosperidade é claramente estabelecida por Virgílio no segundo livro das *Geórgicas*, por exemplo (TOOHEY, 1996, p. 114). No seu elogio à Itália, Virgílio evidencia a braveza do *maximus* líder político:

Scipiadas duros bello et te, maxime Caesar,
qui nunc extremis Asiae iam uictor in oris
imbellem auertis Romanis arcibus Indum.⁷⁶

(*Georg.* 2. 170-172)

E a ti, César invicto, que ora d’Ásia
Nos fins estás o Oriental imbele
Das Romuleias cidades afastando.

(Odorico Mendes, 2.164-166)⁷⁷

segundo, era entre Marco Antônio e Otaviano. Somente em 27 a. C., Otaviano adota o título de Augusto, após ser bem sucedido nas guerras civis, tornando-se o primeiro imperador de Roma.

⁷⁴ The destruction of the countryside, the heavy taxes that had been levied to finance the war and the expropriations of the land of many landowners and small farmers alike, as part of the programme of resettlement of veterans, which had started during the civil war, had impoverished the population. (WEEDA, 2015, p. 1).

⁷⁵ Caesar is the keystone upon which a Roman revival will be based. Salvation – escape from the woeful 'world' of Julius Caesar's assassination – lies in the beneficent combination of Octavian's rule and, metaphorically speaking, good agriculture – embodied in the advice of the *Georgics*. Virgil's poem, aiming to assist in the proper maintenance of agriculture, becomes a basis for the moral rehabilitation of Rome. (TOOHEY, 1996, p. 112).

⁷⁶ O texto latino adotado ao longo deste trabalho é aquele sob edição de Gian Biagio Conte (2013) pela editora *De Gruyter*.

⁷⁷ Fazemos uso aqui da edição publicada pela Ateliê Editorial em 2019. Sob a organização do professor Paulo Sérgio de Vasconcellos, esta é uma edição ricamente produzida, anotada e comentada pelo Grupo de Trabalho

Sob esse olhar, as *Geórgicas* seriam, portanto, não somente fruto da inspiração poética virgiliana, mas também sua participação em um programa restaurador de Otaviano sob a direção de Mecenas (VIDAL, 1997, p.165), pois “através de Mecenas, o futuro Augusto descobria o potencial oculto na poesia virgiliana, justamente no momento em que o mundo romano restaurado – e seu príncipe à sua frente – precisava de um cantor, um *uates*” (VIDAL, 1997, p.166). Mecenas configura-se aqui como uma peça de fundamental relevância, uma vez que Virgílio teria escrito a obra atendendo a um pedido de seu patrono. Embora esse pedido seja passível de discussão⁷⁸, Mecenas é de fato uma constante nos quatro livros das *Geórgicas*. Direcionando seu pedido ao seu patrono, Virgílio pede assistência na execução da empreitada nos versos abaixo:

tuque ades inceptumque una decurre laborem,
o decus, o famae merito pars maxima nostrae,
Maecenas, pelagoque uolans da uela patenti.
non ego cuncta meis amplecti uersibus opto,
non, mihi si linguae centum sint oraque centum,
ferrea uox. ades et primi lege litoris oram;
in manibus terrae: non hic te carmine ficto
atque per ambages et longa exorsa tenebo

(*Georg.* 2. 39-46)

Socorre-me na empresa, ó tu Mecenas,
Meu vero ornato e mor porção na fama,
Velívolo navega em mar patente.
A matéria abranger não posso em metro,
Nem com voz férrea, bocas cem, cem línguas;
A terra à mão, voguemos costa a costa:
Por ambages prolixos, por circuitos,
Não te entretenho com fingido carme.

(Odorico Mendes, 2. 09-16)

Ao longo da obra, Virgílio acentua a presença de Mecenas no seu projeto didático, de modo tal que *Maecenas* é um vocativo reiterado a cada livro (ex.: 1.2; 2.41; 3.41; 4.2), constatando a influência do patrono na execução de tal projeto.

4.3 A obra

Ainda que a obra *Geórgicas* seja, de forma mais evidente, uma celebração à vida agrícola, o viés político e social romano também é contemplado nesse conjunto de cantos poéticos.⁷⁹ Smolenaars (2017, p. 168) caracteriza as *Geórgicas* como “um poema com grande

Odorico Mendes.

⁷⁸ Cf. DOMINIK, 2009; POWELL, 2012; WEEDA, 2015; WILKINSON, 1969.

⁷⁹ The *Georgics* is actually more of a poem about the frenzied proclivity for battle and the intrusion of politico-

impacto na política e nas reformas sociais”. Composta por quatro livros, o poema traz elementos que remetem à vida, à morte, à política, ao homem e sua relação com a natureza, entre outras temáticas. Dedicado a Mecenas, seu patrono e amigo, a obra é um tratado que, embora ponha a cultura rural em relevância, seus significados ressoam em diversas outras áreas, dialogando com a política, a mitologia, a história de Roma contemporânea a Virgílio, configurando-se como uma obra multifacetada e rica em forma e conteúdo. Considerando a influência de Mecenas sobre a produção das *Geórgicas*⁸⁰, alguns estudiosos destacam a possibilidade de um valor propagandístico do poema⁸¹ e seu impacto numa sociedade que vivenciou um cenário caótico de guerras e pobreza: Júlio César havia sido assassinado, seu descendente político estava a propor uma restauração moral e econômica em Roma, enquanto Virgílio elevava-o ao Olimpo no poema. Otaviano de fato poderia ser beneficiado com um canto que enaltecia sua dinastia e condenava aqueles que derramaram sangue inocente por ganância. Wilkinson (1969), no entanto, defende que há poucos fundamentos que sustentem essa possibilidade, visto que Virgílio já demonstrava, desde a produção das *Bucólicas*, preocupação pela sua pátria.⁸² Por sua vez, ainda que não tenha sido produzido como material propagandístico⁸³, é irrefutável a presença de elementos que se relacionam a assuntos políticos e morais da Roma Antiga no poema.⁸⁴

Trevizam (2014, p. 85) ressalta que Otaviano representava um ideário bem recebido na sociedade romana, “de sucessor e vingador de César, seu pai adotivo, em harmonia com os princípios éticos do *mos maiorum*, o código de conduta herdado pelos romanos antigos, geração após geração, de seus ancestrais.”. Isso justificaria, de acordo com Trevizam, as evocações a Otaviano nas *Geórgicas*, como alguém destinado a reaver a paz e a prosperidade de Roma (2014, p. 86). O autor salienta ainda que

[...] não nos devemos esquecer de que esse jovem “salvador” de Roma de fato viria a desfechar, com seu mando, o golpe de misericórdia nas estruturas da exaurida

militaristic values into the agrarian landscape than it is an example of the delicate pastoral aesthetic. (DOMINIK, 2009, p. 126).

⁸⁰ *Interea Dryadum silvas saltusque sequamur / intactos, tua, Maecenas, haud mollia iussa: / te sine nil altum mens incohat. en age segnis. (Georg. 3. 40-42).*

⁸¹ Cf. DOMINIK, 2009; POWELL, 2012; WEEDA, 2015.

⁸² There can be no doubt that the *Georgics* were a labour of love; and already in *Eclogues* 5, 9 and 1 Virgil had shown his deep concern at the state of the Italian countryside and his longing for its revival. (WILKINSON, 1969, p. 49-50)

⁸³ Reluctance to contemplate Virgil’s material, by implication political, circumstances extends beyond the Harvard School. There is a lasting polyphony of modern critics, in various traditions, claiming that Virgil was not writing propaganda in a professional spirit, a polyphony of which I have tried elsewhere to make an anthology (Powell 2008, 7–10). (POWELL, 2017, p. 182).

⁸⁴ Vergil is indeed a political poet: so persistent is the intrusion of political issues and themes at every level of discourse in the *Eclogues*, *Georgics*, and *Aeneid* that it can be said that the poems constitute a political and ideological statement. (DOMINIK, *op. cit.*, p. 111).

república, cumulando-se, de maneira absolutamente inédita na história de seu povo, de imenso cabedal de poderes, e instaurando o Principado e o Império. (TREVIZAM, 2014, p. 87).

Assim, o papel de Otaviano no poema apresenta diversas possibilidades de interpretação. No início do livro 1, por exemplo, após a dedicação a Mecenas, Virgílio evoca doze divindades propícias ao ambiente e à temática que propõe apresentar. Em seguida, com honras de décima terceira divindade, ele evoca César Augusto (Otaviano) para compor o rol do conselho dos deuses. Essa longa evocação (1.24-42), equiparada àquela de todas as demais divindades reunidas, é feita por meio de um período pouco frequente em Virgílio, com vários versos regidos por dois verbos (*sint*, 1. 24; *ingredere*, 1.42)⁸⁵. Não coincidentemente, o mesmo César convidado ao Olimpo, no início do livro, está presente no final, como um jovem capaz de salvar o povo romano dos horrores da guerra e reaver a paz em Roma:

hunc saltem euerso iuuenem succurrere saeclo
ne prohibete! satis iam pridem sanguine nostro

(*Georg.* 1.500-501)

Não vedeis que este moço o mundo escore:
Pagado assaz com morticínio temos

(Odorico Mendes, 1.500-501)

Em consonância com o livro 1, Virgílio reitera a presença de César Augusto nos demais livros. No livro 2, César é quem mantém os perigos distantes (*Asiae*) de Roma:

Scipiadas duros bello et te, maxime Caesar,
qui nunc extremis Asiae iam uictor in oris
imbellem auertis Romanis arcibus Indum

(*Georg.* 2.170-172)

E a ti, César invicto, que ora d'Ásia
Nos fins estás o Oriental imbele
Das Romuleias cidades afastando.

(Odorico Mendes, 2.164-166)

No livro 3, Virgílio descreve o templo que será erigido a César Augusto (3.16-39), atestando sua fama (3.46-48):

in medio mihi Caesar erit templumque tenebit:

(*Georg.* 3.16)

mox tamen ardentis accingar dicere pugnas
Caesaris et nomen fama tot ferre per annos,
Tithoni prima quot abest ab origine Caesar

(*Georg.* 3.46-48)

O altar me ocupará no meio César;

(Odorico Mendes, 3.16)

De César guardo o nome e ardentes prélios
Para os mandar aos evos, quantos César
Dista já de Titônia origem prima.

⁸⁵ Cf. WILKINSON, 1969, p. 75.

(Odorico Mendes, 3.46-48)

Por fim, é também César Augusto que conclui o poema com Virgílio, triunfando e seguindo rumo ao Olimpo (em sua futura apoteose), enquanto o poeta se dedica à sua poesia:

Haec super aruorum cultu pecorumque canebam
et super arboribus, Caesar dum magnus ad altum
fulminat Euphraten bello uictorque uolentis
per populos dat iura uiamque adfectat Olympo.

(*Georg.* 4.559-562)

Eu lavras, gados e árvores cantava,
Ante o Eufrates profundo enquanto César
Toa, vence, legisla a dóceis povos,
Cubiçando alhanar do Olimpo a estrada.

(Odorico Mendes, 4.546-549)

Tantas figurações de César Augusto nos fazem perceber que seu papel no poema é de maior importância do que compreendemos em uma leitura mais superficial. Nappa (2008) argumenta que ele (Otaviano) seja ao mesmo tempo um receptor do poema, tópico de discussão e nome de invocação⁸⁶. Ainda que os ensinamentos do poema não sejam todos direcionados a ele, sua presença é sempre latente, e enquanto *princeps*, é exposto aos problemas que cabem a ele ponderar e cuidar em virtude de sua função de liderança. Por isso mesmo, a composição das *Geórgicas* pode ser considerada de fato um “ato político”⁸⁷.

Quanto à sua estruturação, o poema *Geórgicas* tem uma estrutura clara e precisa: o primeiro livro trata da agricultura (cerealista, principalmente) e sinais meteorológicos; o segundo, da arboricultura (sobretudo as vinhas); o terceiro, da pecuária de animais de grande porte (cavalos e bois) e de pequeno porte (caprinos e ovinos); o quarto, da apicultura⁸⁸. Apenas uma leitura atenta permite-nos compreender as *Geórgicas* como obra multifacetada e entrever a política e a moral permeando todo o poema. É uma obra que, na sua essência, promove uma discussão constante com aspectos da humanidade nos âmbitos político, social, religioso e filosófico⁸⁹.

Weeda (2015, p. 86) argumenta que as representações sociopolíticas no poema são bastante perceptíveis, com implicações sociais e filosóficas relacionadas à vida no campo, tanto que Virgílio, ao longo do poema, informa-nos sobre a situação de Roma. E assim, o poeta transfere instruções agrícolas, ao mesmo tempo que destaca outros tópicos (a política, as guerras, a natureza do homem, entre outros).⁹⁰ No livro I do poema, por exemplo, após

⁸⁶ Cf. NAPPA, 2008, p. 6.

⁸⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 8.

⁸⁸ Cf. VIRGÍLIO, 2019, p. 15.

⁸⁹ Cf. DUCKWORTH, 1969, p.52.

⁹⁰ Vergil expresses a desire for brevity not for the sake of restricting his agricultural teaching, but because he

discursar sobre preceitos agrícolas, Virgílio insere assuntos políticos contemporâneos, como os presságios da natureza em relação à morte de César (*sol tibi signa dabit*), quebrando a temática agrícola (WEEDA, 2015, p. 88).⁹¹ O sol que, como os demais astros, guia o agricultor ao longo do ano com sinais acerca da chuva e aridez (*unde serenas uentus agat nubes, quid cogitet umidus Auster*), agora assume um papel de informante (*caput obscura nitidum ferrugine textit*) acerca de assuntos mais sérios, a morte de César (*exstincto Caesare*):

denique, quid Vesper serus uehat, unde serenas
uentus agat nubes, quid cogitet umidus Auster,
sol tibi signa dabit. solem quis dicere falsum
audeat? ille etiam caecos instare tumultus
saepe monet fraudemque et operta tumescere bella;
ille etiam exstincto miseratus Caesare Romam,
cum caput obscura nitidum ferrugine textit
impiaque aeternam timuerunt saecula noctem.

(*Georg.* 1. 461- 468)

O que enfim traga Vésper, donde as nuvens
singelas toque o vento, o que úmido Austro
Cogite, o Sol to indicará seguro.
E o Sol quem ousa desmentir? Frequente
Instar cego tumulto e a fraude amoesta,
Fermentar surda guerra. Extinto César,
Sumiu ele em ferrenha escuridade,
Com dó de Roma, a nítida cabeça,
Temeu noite perene o século ímpio;

(Odorico Mendes, 1. 460- 468)

Também os horrores das guerras civis e a devastação deixada por elas nos campos, antes relacionados somente ao plantio, são ressaltados no poema⁹²(*Georg.* 1. 489-497):

ergo inter sese paribus concurrere telis
Romanas acies iterum uidere Philippi;
nec fuit indignum superis bis sanguine nostro
Emathiam et latos Haemi pinguescere campos.
scilicet et tempus ueniet, cum finibus illis
agricola incuruo terram molitus aratro
exesa inueniet scabra robigine pila,
aut grauibus rastris galeas pulsabit inanis
grandiaque effossis mirabitur ossa sepulcris.

Dardo a dardo os Romanos viu Filipos

wants to send out a different message. According to Wilkinson (1997, 3) the didactic is the book's "ostensible genre: it was deceptive and has abundantly deceived." The didactic is but a background to his description of his love for the countryside and his political and social views[...]. (WEEDA, 2015, p. 87).

⁹¹ In the finale of the first book (from line 461 onwards) Vergil changes the subject abruptly to contemporary political matters, namely the death of Iulius Caesar and the future of Italia, the horror of war, and the ensuing destruction of the land. First, we hear of the portents after Iulius Caesar's death, but after line 489 the picture changes to the ravages of the civil war at Philippi and other places. (*Idem, ibidem*, p. 88).

⁹² The political situation at that time was that Antony was far away on the Eastern front and that Octavian had just defeated Sextus Pompeius and entered Rome in triumph. In those heady days Vergil described the destructions of the civil war in lines 489-497, in a scene which a war poet could have applied to Northern France or to Ypres in World War I. (*Idem, ibidem*, p. 88).

Combaterem de novo; e o Céu dignou-se
 A Emátia vezes duas e as campinas
 Do Hemo engrossar com nosso próprio sangue.
 Tempo virá que ali, com torta relha
 Arando, ache o colono gastos pilos
 De ferrugem escabrosa, ou vácuos elmos
 Com rastros graves tope, e dessepulta
 Pasmé da grande ossada. [...]

(Odorico Mendes, 1. 489- 497)

De forma similar, os demais livros do poema também apresentam discussões desse tipo: o livro II contém os *laudes Italiae* (2.136-176), seguido de um elogio ao próprio Otaviano (*Caesar*), demonstrando esperança na restauração da glória da Itália, talvez por meio do mesmo *Caesar* posto em evidência⁹³. Virgílio também não deixa de ressaltar a idealizada vida no campo dos *fortunatos agricolas* em contraste com a vida na cidade, elencando a paz alcançada no campo, livre de armas (*discordibus armis*), em dissonância com o estresse da vida urbana que segue a prática constante da *salutatio* entre clientes e patronos⁹⁴:

O fortunatos nimium, sua si bona norint,
 agricolas! quibus ipsa procul discordibus armis
 fundit humo facilem victum iustissima tellus.
 Si non ingentem foribus domus alta superbis
 mane salutantum totis vomit aedibus undam,
 nec varios inhiant pulchra testudine postis
 illusasque auro vestes Ephyreiaque aera;

(*Georg.* 2. 458-464)

Oh! se seus bens o lavrador soubesse!
 Ditoso e longe de partidos e armas,
 Paga-lhe a terra em simples mantimento.
 Soberbo alcáçar não despeja em ondas
 Os que a saudá-lo ao pórtico amanhecem,
 Nem o incrustado umbral de tartaruga
 E áureo tapiz cobiça e Efrírios bronzes;

(Odorico Mendes, 2. 441- 447)

Weeda (2015, p. 93) também destaca a sagacidade de Virgílio em assinalar a destruição da vida campestre e apontar os responsáveis por restaurá-la, qual seja a elite política, responsável pelas crises decorrentes da luta pelo poder. No livro III ele comenta brevemente sobre uma possível derrota de Marco Antônio (*Gangaridum*) e Cleópatra no Ácio

⁹³ I suggest that Vergil had Octavian in mind, and not Antony, who had been engaged in the East, as he mentions Caesar in lines 170-172 [...] The *laudes Italiae* (lines 136-176) were presumably written in 30 B.C. as can be deduced from the above lines 170-172 referring to the time immediately after Actium when Octavian went to Alexandria and after the deaths of Antony and Cleopatra campaigned in Syria. In 30 B.C. the worst of the civil war was over, and Vergil expresses his hope and confidence that the glory of a unified Italia will finally arrive. (WEEDA, 2015, p. 90).

⁹⁴ Cf. MYNORS, 1990, p. 162-163.

para as tropas de Augusto (*victorisque arma Quirini*). No aparato ornamental a que o poeta alude, o Egito (*undantem bello magnumque fluentem Nilum*) ferve em orgulho bélico⁹⁵:

In foribus pugnam ex auro solidoque elephanto
Gangaridum faciam victorisque arma Quirini,
atque hic undantem bello magnumque fluentem
Nilum ac navali surgentis aere columnas.

(*Georg.* 3. 26-29)

De ouro e marfim nas portas hei-de a pugna
Talhar Gangárida e Quirino ovante;
Amplio-undoso fervendo em guerra o Nilo,
Do naval bronze as triunfais colunas;

(Odorico Mendes, 3. 26-29)

O livro IV é talvez o mais discutido e estudado. Conhecido como o livro das abelhas, este traz também o *Aristaei epyllion*. Muito se discute acerca desse livro e suas alegorias. Acredita-se, por exemplo, que as abelhas sejam uma simbologia de Virgílio para o povo romano, e as discussões acerca da sociedade das abelhas sirvam, portanto, como comentários sobre a política e sociedade romana,⁹⁶ como nos versos abaixo em que Virgílio relaciona a organização das abelhas à própria sociedade romana:

Illum adeo placuisse apibus mirabere morem,
quod neque concubitu indulgent, nec corpora segnes
in Venerem soluunt aut fetus nixibus edunt;
uerum ipsae e foliis natos, e suauius herbis
ore legunt, ipsae regem paruosque Quirites
sufficiunt, aulasque et cerea regna refingunt.

(*Georg.* 4. 197-202)

De estupenda natura, adversa a Vênus,
Não se enervam no coito, em dor não parem:
De ervas e flores com suaves beijos
Tiram filhos à luz; seu rei, seus tênues
Quirites suprem, renovando os céreos
Paços e reinos; [em sáxia esquina às vezes]

(Odorico Mendes, 4. 189-194)

Seguindo essa lógica simbólica, as abelhas, diferentes da espécie humana, não se entregam às paixões (*neque concubitu indulgent, nec corpora segnes in Venerem soluunt*) e, em recompensa, não sofrem consequências (*aut fetus nixibus edunt*), e constituem-se exemplo de liberdade de tal fraqueza. O líder e os pequenos cidadãos, em plena função, produzem (*ipsae regem paruosque Quirites sufficiunt*), numa contraposição aos próprios Quirites romanos (cidadãos e líderes) que deveriam se ocupar dos cuidados com o povo.⁹⁷

⁹⁵ Cf. MYNORS, 1990, p. 184.

⁹⁶ The swarm of bees, with its many human traits, is symbolic of Vergil's "nation", enabling him to give his commentary on a number of very contemporary political issues. (WEEDA, 2015, p. 96).

⁹⁷ Cf. MYNORS, *op. cit.*, p. 283.

Grimal (1985, p. 133) destaca que o poema *Geórgicas* consiste no trabalho mais perfeito de Virgílio⁹⁸. O equilíbrio da composição, a pureza da linguagem, sempre clara e harmoniosa, a ilustração de técnicas agrícolas através de associações, todos esses aspectos conferem, segundo ele, maestria à obra.

Virgílio certamente incorporou nas *Geórgicas*, como em toda sua poesia, muito do que aprendeu com poetas que o precederam, e mesmo aqueles que lhe eram contemporâneos, moldando seus conhecimentos da tradição poética à sua própria maneira. Além das obras de Hesíodo, Lucrécio e Terêncio, outros trabalhos sobre a agricultura já haviam sido escritos, como o *De Agricultura* de Catão Censor (234 – 149 a.C.). Entretanto, as *Geórgicas* de Virgílio apresentam elementos mais subjetivos e, de certo modo, menos compreensíveis de um ponto de vista puramente agrário. O aspecto didático fica, muitas vezes, em segundo plano, enquanto o poeta faz uso dele, por vezes através de breves ou longos *excursus*, para expressar suas impressões sociais e políticas, o seu apreço pela vida campestre (WEEDA, 2015, p. 87). A seu modo, Virgílio consegue abordar as temáticas que lhe são caras, como na crítica, nos versos abaixo, direcionada aos conspiradores da paz romana. Virgílio denuncia romanos que traem a família e a pátria (*hic petit excidiis urbem miserosque penates*) pelo desejo de riquezas (*ut gemma bibat / incubat auro*), e aqueles que se alegram com o sofrimento e a violência contra seus irmãos de pátria (*gaudent perfusi sanguine fratrum*)⁹⁹:

hic petit excidiis urbem miserosque penates,
 ut gemma bibat et Sarrano dormiat ostro;
 condit opes alius defossoque incubat auro;
 hic stupet attonitus rostris, hunc plausus hiantem
 per cuneos geminatus enim plebisque patrumque
 corripuit; gaudent perfusi sanguine fratrum
 exilioque domos et dulcia limina mutant
 atque alio patriam quaerunt sub sole iacentem

(*Georg.* 2. 505-512)

E míseros penates, porque em gemas
 Beba e em Sarrano múrice adormeça;
 Enterra o avaro e incuba os seus tesouros;
 Quem no Rostro pasmando se extasia;
 Quem pelo cúneo aos redobrados vivas
 Da plebe e dos patrícios embasbaca;
 Outro em sangue de irmãos folga ensopar-se,
 E troca por desterro os doces lares,
 Domicílio buscando em longes climas.

⁹⁸ Es cierto que las *Geórgicas*, que son la obra más perfecta de Virgilio, testimonian un largo trabajo. El equilibrio de la composición, que da a los cuatro cantos extensión semejante, la pureza de la lengua, siempre clara y armoniosa, la verdad de los episodios, la precisión de un pensamiento que llega a ilustrar cada técnica de la agricultura asociándola a imágenes inolvidables, nada de todo eso habría podido ser conferido por los dioses. Y aún hoy todavía podemos tener la prueba de al menos, algunos retoques hechos por Virgilio en el curso de la composición. (GRIMAL, 1985, p. 133).

⁹⁹ Cf. MYNORS, 1990, p. 171-172.

(Odorico Mendes, 2. 488-496)

Vidal (1997, p. 170-171), destaca ainda que Virgílio não teve apenas um modelo específico na composição das *Geórgicas*, e que a influência de Hesíodo – a qual os críticos em geral apontam – está muito mais na intenção e no tom moral do que na forma, não podendo ser comparada com a influência de Homero, a título de exemplo, pois as obras homéricas sempre foram de grande influência para as composições de Virgílio em geral. O autor afirma que os modelos da obra *Geórgicas* são fruto da tradição literária clássica, desde Homero até as próprias *Bucólicas* do poeta romano. Ainda que o título do poema seja creditado a Nicandro – cujo poema *Georgika* teria servido de inspiração a Virgílio – e algumas informações técnicas provenham, provavelmente, de Catão, Teofrasto, entre outros, Vidal defende a ausência de um *único* modelo principal, acrescentando que *vários* nomes “devem ser considerados fundamentalmente modelos literários”, como Homero, Hesíodo, Arato, Calímaco, Nicandro e Lucrécio (1997, p. 171).

Por sua vez, enquanto alguns poetas tenham sido modelos literários e outros, modelos de informação técnica, alguns deles combinam os dois elementos nas suas obras, preceitos técnicos e apuro literário. Essa seria uma das razões pela qual “a distinção entre a influência de um e do outro não pode ser claramente estabelecida” (VIDAL, 1997, p. 171). A segunda razão estaria relacionada ao modo rebuscado com o qual Virgílio desenvolve a imitação na sua poesia, sem deixar que o leitor perceba facilmente seus modelos de inspiração.¹⁰⁰ Todavia, Duckworth (1989) destaca, ao discutir sobre esses modelos de comparação das *Geórgicas*, que é possível associar modelos à obra, ainda que estes possuam características diversas do poema virgiliano¹⁰¹, principalmente no que concerne ao fato de ser esta mais uma obra de arte poética por excelência do que um tratado didático no sentido mais intrínseco do termo.

Virgílio confere às *Geórgicas* uma primazia que, em parte, deve-se ao seu conhecimento da tradição clássica, e grande parte, deve-se à sua natureza inventiva e poética. Seu poema geórgico tem sido considerado, ao longo dos séculos, uma obra de acabamento ‘perfeito’, de um ponto de vista artístico e formal. Assim, podemos seguramente afirmar que as escolhas do autor na harmonia dos versos e na perfeição formal que permeiam a obra

¹⁰⁰ Cf. VIDAL, 1997, p. 171.

¹⁰¹ If this were entirely true, it would perhaps be another indication of the greatness of Vergil’s achievement in didactic poetry. But there are of course Greek models; the poem is partially indebted to the *Phaenomena* of Aratus and to the *Georgika* and *Alexipharmaka* of Nicander, and even more so to the *Works and Days* of Hesiod, but it is less a didactic treatise in the Hesiodic and Hellenistic sense than a true work of poetic art. (DUCKWORTH, 1969, p.52)

desempenham um papel fundamental na aclamação do poema enquanto “uma poesia verdadeira e pura”, mesmo para leitores contemporâneos.¹⁰²

4.4 Os livros

As *Geórgicas* são divididas em quatro livros – ou cantos. Cada um desses livros aborda aspectos diferentes da vida no campo, invoca seres mitológicos e personalidades relevantes para cada assunto tratado. Os livros apresentam entre si certo contraste, variando entre as perspectivas pessimista e otimista, como destaca Trevizam¹⁰³: os livros I e III constituiriam os cantos de teor mais pessimista, enquanto os livros II e IV, os cantos pares, abordariam temáticas mais otimistas¹⁰⁴. Trevizam acentua ainda que Virgílio desenvolve “a temática dos assuntos agrários já presentes no *De Re Rustica* varroniano” (2014, p. 59). Virgílio de fato insere nas *Geórgicas* temas já trabalhados por Terêncio Varrão, incorporando-os de forma talvez mais extensiva, de modo que mais versos são dedicados a cada temática. Assim, “se o livro I do *De re rustica* varroniano contemplava em conjunto as lavouras e a arboricultura, Virgílio preferiu que tais temas se separassem entre *Geórgicas* I e II, respectivamente[...]” (TREVIZAM, 2014, p. 59). O mesmo acontece nas *Geórgicas* III e IV, com a pecuária, tópico da segunda parte da obra de Varrão, sendo inserida no livro III das *Geórgicas*, e a *uillatica pastio*, presente na terceira parte do *De re rustica*, representada em Virgílio no livro IV, dedicado também ao cuidado das abelhas.¹⁰⁵ Eis uma breve síntese dos principais tópicos de cada livro:

4.4.1 Livro I

No próêmio do livro I, Virgílio delimita os assuntos dos quais ele tratará no poema, quais sejam o cultivo da terra, das videiras e árvores, rebanhos e abelhas. Ele prossegue, dedicando o poema a Mecenas, e em seguida, começa a invocação de divindades relacionadas à agricultura e aos campos. Adiante, o poeta versa sobre a canonização de César, dispondo-o junto às demais deidades, e sobre alguns princípios agrários, apresentando o calendário agrícola com base nos sinais meteorológicos e relacionando os prenúncios dos astros ao

¹⁰² Cf. VIDAL, 1997, p. 172 -173.

¹⁰³ Discussão apresentada na *Introdução às Geórgicas de Virgílio* (cf. VIRGÍLIO, 2019).

¹⁰⁴ Cf. TOOHEY, 1996, p. 115.

¹⁰⁵ Cf. TREVIZAM, 2014, p. 59.

plantio. Virgílio finaliza o livro I com referências à batalha de Filipos, relatando, por fim, supostos sinais da natureza em decorrência da morte de Júlio César.

4.4.2 Livro II

O livro II começa com uma invocação a Baco que, por ser conhecido como o deus do vinho, tem maior representatividade neste livro, e posteriormente, segue-se uma apresentação do tópico a ser discutido (arboricultura) e um elogio a Mecenas. O livro progride, então, com instruções variadas acerca do trato das árvores, técnicas a serem usadas no seu plantio e cuidado (em especial dos vinhedos), como a enxertia, e esclarecimentos sobre os tipos de solos. Virgílio apresenta, por fim, um elogio à vida no campo em oposição à caótica vida urbana.

4.4.3 Livro III

No livro III, Virgílio anuncia, através da invocação de divindades pastoris, que abordará nesse canto o pastoreio de rebanhos. Após um próêmio em homenagem a Mecenas e César, o poeta conduz a discussão para o cuidado de animais, tanto os de grande porte, bovinos e equinos, quanto os de pequeno porte, ovinos e caprinos, por exemplo. Em seguida, ele trata de doenças e pragas que podem afetar os animais, citando como exemplo uma praga que assolou animais da região da Nórlica e Gália Cisalpina.

4.4.4 Livro IV

O último livro do poema é conhecido como ‘o livro das abelhas’. Após reiterar sua dedicatória a Mecenas e invocar Apolo, divindade relacionada à poesia e pai do arcádio Aristeu, figura importante para o canto, Virgílio versa sobre a vida das abelhas, o cuidado com as colmeias, traz digressões acerca da horticultura, ilustrando-as com o exemplo do velho corício. Em seguida, ele discorre sobre as características peculiares das abelhas, apresentando o método da *bugonia* como forma de produzir novos enxames. A partir desse método é que se dá início a mais uma digressão do poema com a fábula do pastor Aristeu e o mito de Orfeu.

Por fim, Virgílio conclui o poema com mais uma alusão a César e sua futura apoteose, apresentando-se, enfim, em primeira pessoa no poema e representando sua prática poética.¹⁰⁶

5. A TRADUÇÃO NO BRASIL

Paes (1990, p.10) destaca que “a influência das traduções sobre a literatura criativa brasileira é limitada.” Entretanto, são elas mesmas as responsáveis pela propagação de outros sistemas literários, como o autor acrescenta posteriormente:

Se as traduções vernáculas tiveram limitada influência sobre os produtores da literatura brasileira, pelo menos até o primeiro quartel deste século, o mesmo não se pode dizer quanto aos seus consumidores. Sobre estes exerceram elas uma ação por assim dizer pedagógica, apresentando-lhes os grandes autores de outras literaturas e colaborando assim decisivamente para educar-lhes o gosto, ao mesmo tempo que lhes forneciam pontos de referência para uma visão comparativa das obras originariamente escritas no seu próprio idioma. (PAES, 1990, p.10)

Incapaz de se desenvolver no período colonial sob a vista ferrenha da coroa portuguesa, a tradução enquanto atividade literária só emerge posteriormente. Em 1808, é instaurada a Imprensa Régia, à sombra do domínio português e, dois anos depois, surge a primeira tradução impressa neste mesmo prelo (PAES, 1990, p.13). A partir daí, a tradução começa a ganhar espaço, ainda que de forma lenta e limitada.

Entretanto, a história das traduções no Brasil é, por vezes, imprecisa pela ausência de registros sistemáticos de obras traduzidas no país. Já na década de 90, Paes sentia tal deficiência: “Quem se propuser algum dia a escrever a história da tradução literária no Brasil terá certamente de enfrentar as mesmas dificuldades encontradas pelos demais pesquisadores do nosso passado ou do nosso presente menos imediato”. Se temos obras extensivas sobre a história da literatura nacional, o mesmo não acontece com as traduções, visto que essas historiografias tendem a ignorá-las (PAES, 1990, p. 09).

Também atualmente essa deficiência na catalogação de traduções persiste, tornando árduo o estudo da tradução no Brasil e, em decorrência, o estudo da tradição clássica no país. Brose (2020) ressalta que a tradição clássica de uma região está inevitavelmente ligada ao seu passado colonial, sendo o Brasil um exemplo claro desse processo.¹⁰⁷ Não obstante, essa mesma tradição clássica necessita de um estudo sistematizado. Duarte (2016, p.

¹⁰⁶ Cf. SANTIAGO, 2009; TOOHEY, 1996; VIRGÍLIO, 2019.

¹⁰⁷ The classical tradition is closely linked to the region’s colonial past and the decolonisation processes that ensued in the nineteenth century; several other factors, such as the ethnic diversity of its society, its independence movements, and the educational influence of the Catholic Church (including in the teaching of classical languages), all have a bearing on the theme (BROSE, 2020, p. 423).

43), discutindo o estudo da tradução de clássicos greco-latinos no país, assegura que “a história da tradução dos clássicos greco-latinos no Brasil ainda está por ser escrita. Embora haja cada vez mais pesquisa feita nesse campo, falta muito a inventariar e a investigar.” O caminho a ser percorrido no processo de inventariar essas obras não será fácil, pois até mesmo as traduções das últimas décadas são difíceis de identificar, devido à ausência de um sistema minimamente unificado que reúna publicações de traduções no país.¹⁰⁸

Em suma, a história dos clássicos no Brasil começa com os Jesuítas, que aqui chegaram com os Portugueses em 1549 e, com seu projeto religioso, introduziram o estudo do latim no país¹⁰⁹. A partir daí, autores latinos clássicos passaram a fazer parte do currículo de ensino. As obras homéricas e virgilianas, por exemplo, receberam traduções até mesmo antes do século XX, mas não há muitos estudos sistematizados sobre a recepção e tradução desses clássicos no Brasil.¹¹⁰ Duarte (2016) procura delinear um esboço do que seja essa história dos clássicos. A autora estipula três eras na recepção e tradução dos clássicos no país, partindo do período pós-colonial. Duarte elege, diacronicamente, nomes expoentes e representativos de cada era, sendo elas: “1) a era dos *patriarcas*, centrada na atividade durante o Império; 2) a era dos *diletantes*, que atravessa o século vinte; 3) a era dos *doutores*, resultado do advento das universidades, igualmente iniciada no século passado, estendendo-se até os dias de hoje” (DUARTE, 2016, p. 44, grifos nossos).

Na era dos *patriarcas*, situam-se os tradutores de Homero e Virgílio, como José Bonifácio de Andrada e Silva (1763-1838) e seu contemporâneo Odorico Mendes (1799-1864), João Gualberto Ferreira dos Santos Reis (1787-1861) e Dom Pedro II (1825-1891).

Na era dos *diletantes*, encontram-se os “amantes das artes e da literatura e [que] a elas se dedicaram não por ofício principal – embora alguns desses tradutores tenham vindo a sobreviver de sua arte” (DUARTE, 2016, p. 50). Fazem parte deste grupo Carlos Alberto Nunes (1897-1990), Péricles Eugênio da Silva Ramos (1919-1992), Mário da Gama Kury (1922 -), Guilherme de Almeida (1890-1969), José Paulo Paes (1926-1998), Millôr Fernandes (1923-2012), Paulo Leminski (1944-1989).

¹⁰⁸ Ainda que de forma limitada nos aspectos temporal e espacial, o livro *Repertório Brasileiro de Língua e Literatura Latina* de Eduardo Tuffani (2006) apresenta uma importante contribuição para a identificação das traduções de obras em latim no Brasil.

¹⁰⁹ The history of the Classical Tradition in Brazil begins with the Jesuits, who arrived in 1549 with the Portuguese in what is today the state of Bahia to “save” the souls of the native South Americans. In 1549, the Jesuit priest Manuel da Nóbrega (1517–1570) founded the Colégio de Salvador da Bahia (later promoted to a Royal College), where Latin was not only taught, but was indeed the language of instruction [...] (BROSE, 2022, p. 512).

¹¹⁰ Conferir a discussão de Brose (2022, p. 513-514).

Por fim, temos a era dos *doutores*, marcada pelo “advento dos cursos de Humanas e, depois, dos Programas de Pós-graduação [que] teve impacto na tradução dos clássicos e sua recepção no Brasil” (DUARTE, 2016, p. 54). É a era dos “tradutores doutores”¹¹¹, como a autora denomina. Entre tantos acadêmicos atuantes no campo da tradução, Duarte cita apenas alguns nomes para exemplificar esse momento da tradução, como José Antônio Alves Torrano (USP), Trajano Viera (UNICAMP), João Ângelo Oliva Neto (USP), Guilherme Gontijo Flores (UFPR), Ana Maria Cesar Pompeu (UFC) e Tereza Virgínia Ribeiro (UFMG).¹¹² Sobre as traduções ditas ‘universitárias’, Duarte (2016, p. 58) ressalta que

A maior parte das traduções “universitárias” tem, como é de se esperar, natureza acadêmica. Com isso, designo as versões comprometidas antes com a exatidão do sentido do que com os descaminhos da forma – simplifico aqui questão por demais complexa, obviamente traduções literárias não são necessariamente inexatas e nem as acadêmicas têm o monopólio do exato. Essas traduções têm um lugar importante na recepção dos clássicos e são relevantes para subsidiar seu estudo e compreensão.

Essas traduções, em sua maioria, também “assumem um projeto tradutório que privilegia os efeitos literários do texto” e seus autores são, por via, “devedores em maior ou menor grau de Haroldo de Campos (1929-2003), cuja contribuição para a literatura brasileira se estende, como sabemos todos, para muito além dos clássicos” (DUARTE, 2016, p. 58). Haroldo de Campos provocou discussões acerca daquilo que ele denomina ser ‘recriação’ ou ‘transcrição’ na tradução, com reverberações até os nossos dias, como discutiremos adiante.

5. 1 As traduções das *Geórgicas* no Brasil

Vasconcellos (2014, p. 118) afirma que Virgílio é, dentre os poetas latinos, o poeta mais visitado nas traduções brasileiras e sua obra “tem papel fundamental em momentos importantes da história da literatura brasileira”. Em um período em que o sistema literário brasileiro estava em formação, as obras greco-latinas preenchem o vácuo literário, e até hoje desempenham um papel basilar na nossa literatura. Virgílio, Ovídio, Horácio, a título de ilustração, exerceram grande influência na consolidação da nossa literatura, e são eles ainda hoje os poetas latinos mais traduzidos no Brasil.¹¹³

¹¹¹ Ver discussão de Duarte (2016, p. 54-55).

¹¹² Embora seja evidente que muitos acadêmicos com importantes contribuições para a área da tradução não sejam contemplados na sumativa lista apresentada por Duarte, a autora cumpre seu intuito de exemplificar seu argumento e se justifica ao englobar apenas acadêmicos de São Paulo e/ou ligados ao PPG Letras Clássicas da USP.

¹¹³ Fernandes (2017) apresenta um minucioso levantamento das traduções de textos latinos presentes no sistema literário brasileiro de 1808 a 2014, e os poetas mencionados acima ganharam o maior número de traduções no que concerne à poesia lírica, por exemplo.

Uma das traduções mais clássicas e, portanto, mais conhecidas das *Geórgicas* no Brasil é aquela do maranhense Manuel Odorico Mendes datada do século XIX. Publicada inicialmente em 1858 na obra *Virgílio brasileiro* pela editora Typographie W. Remquet (Paris), essa tradução perdura até hoje graças à sua originalidade e requinte. Odorico Mendes apresenta uma tradução minuciosamente pensada e trabalhada para que fizesse jus à insigne poesia de Virgílio, presenteando-nos com notáveis arranjos poéticos e um trabalho tradutório singular com vocabulário inventivo e sucinto, e naturalmente, uma beleza poética rara. As traduções de Odorico Mendes são de grande precisão técnica, e foram bastante criticadas ao longo dos anos devido às suas peculiaridades vocabulares e poéticas. Paes (1990) relata as divergências de opiniões sobre as versões de Odorico Mendes, ressaltando que

Para Sílvio Romero, eram “verdadeiras monstruosidades” porque o tradutor “torturou frases, inventou termos, fez transposições bárbaras e períodos obscuros, juntou arcaísmos e neologismos, latinizou e grecificou palavras e preposições, o diabo!”. Tais excentricidades, que tornam tão penosa a leitura das versões de Odorico, antecipam porém as inovações verbais de seu contemporâneo e coestadano Sousândrade, cuja menosprezada obra poética está sendo hoje revalorizada, e, mais modernamente, de Guimarães Rosa, convindo ainda lembrar terem elas aberto o caminho vernáculo para muitas das soluções adotadas por Antônio Houaiss na sua tradução do *Ulysses*, de Joyce. (PAES, 1990, p. 15)

Também Haroldo de Campos defende a tradução clássica de Odorico Mendes. Campos (2010, p. 38) destaca, diante das críticas que teimam em apontar as ‘falhas’ da tradução odoricana, que “difícil seria, porém, reconhecer que Odorico Mendes, admirável humanista, soube desenvolver um sistema de tradução coerente e consistente”. Adiante, ele intervém sobre a importância do trabalho de Odorico no cenário literário brasileiro. Para Campos (2010, p. 41), “a leitura das traduções de Odorico é uma leitura bizarra e difícil [...]. Mas na história criativa da poesia brasileira [...] ele tem um lugar assegurado”. Como trataremos a seguir, a tradução de Odorico tenta resgatar elementos próprios da língua latina, por isso sua leitura pode soar ‘bizarra’ ou pouco fluente para o leitor corrente.

Temos ainda no Brasil a tradução de Antônio Feliciano de Castilho (1867), contemporâneo de Odorico Mendes e um dos tradutores mais profícuos de sua época. Sua tradução, datada do século XIX, compreende as *Geórgicas* enquanto obra completa, abrangendo os quatro livros que compõem essa produção poética de Virgílio. Anterior a estes dois, ainda uma outra tradução do português Antônio José de Lima Leitão foi publicada entre 1818 e 1819 sob o nome de *Monumento à elevação da colônia Brasil a Reino e ao estabelecimento do tríplice Império Luso* pela Typographia Real, veículo de imprensa real, no Rio de Janeiro. Nessa publicação, estão presentes as *Bucólicas*, as *Geórgicas* e a *Eneida* em versos portugueses.

Recentemente, adicionou-se às traduções da poesia didática virgiliana a proposta tradutória do historiador Luís Santiago, denominada por ele mesmo como uma *releitura* das *Geórgicas* virgilianas (na introdução do livro, o autor esclarece que seu trabalho é antes uma *releitura* do que uma tradução propriamente dita). A obra, denominada *As Roçarianas* (2009), pretende tornar a leitura da poesia didática virgiliana mais leve para o leitor contemporâneo. Santiago ressalta ainda que a métrica do poema latino não foi mantida e que suas escolhas vocabulares diferem daquelas feitas por Odorico Mendes.¹¹⁴ Sua releitura é ainda pouco conhecida ou comentada no âmbito dos estudos clássicos no Brasil, e foi publicada em edição própria do autor. Pode-se afirmar, no entanto, que seu trabalho é um acréscimo bem-vindo às discussões sobre as *Geórgicas* e às traduções virgilianas no país.

À parte isso, temos traduções de excertos das *Geórgicas*, como a de Nicolau Firmino (1966) e de Elaine Cristina Prado dos Santos (2007) do quarto livro da obra (FERNANDES, 2018). No entanto, por haver inúmeras traduções de livros isolados da obra *Geórgicas* em trabalhos de cunho acadêmico, decidimos dar preferência aqui às traduções referentes à obra completa, por considerarmos uma tarefa morosa catalogar todas as traduções daquele tipo, demandando um espaço de tempo que não dispomos. Faz-se necessário, no entanto, esclarecer que essas traduções são fundamentais e demonstram a relevância da obra didática virgiliana nas academias. À título de exemplo, temos traduções de Matheus Trevizam dos livros I e II das *Geórgicas*, publicados em 2013 e 2019, respectivamente¹¹⁵.

Neste trabalho, pretendemos dar ênfase à tradução de Odorico Mendes como referência basilar da tarefa a que nos propomos aqui, qual seja apresentar uma proposta tradutória do livro I das *Geórgicas* virgilianas, resultado de um exercício de aprendizagem desprezioso de tradução. Também discutimos o trabalho de Santiago, em nível de comparação de escolhas vocabulares. A seguir, apresentamos ambas as propostas tradutórias, ainda que brevemente, apontando as características principais de cada uma delas.

5.2 A tradução de Odorico Mendes

“No Brasil, não nos parece que se possa falar no problema da tradução criativa sem invocar os manes daquele que, entre nós, foi o primeiro a propor e a praticar com

¹¹⁴ Cf. SANTIAGO, 2009.

¹¹⁵ As traduções de Trevizam foram publicadas pela Editora UFMG. Embora não tenhamos conseguido acesso à tradução do segundo livro (*Geórgicas* II), identificamos sua existência através do site *Worldcat* e da própria editora. Já entre dissertações e outras produções acadêmicas, temos, por exemplo, Santos (2014) que propôs no seu trabalho de mestrado uma tradução identificadora do livro I das *Geórgicas*.

empenho aquilo que se poderia chamar uma verdadeira teoria da tradução.” Assim Haroldo de Campos (2010, p. 38) reconhece a relevância de Odorico na história da tradução no Brasil. As *Geórgicas* apresentadas por Odorico Mendes consistem na tradução criativa dos quatro livros da poesia didática de Virgílio. Cada livro é seguido por notas do tradutor em que Odorico¹¹⁶ faz seus próprios comentários sobre escolhas que ele tenha feito, buscando também elucidar possíveis obscurantismos de sua tradução poética. Ele preza por uma precisão técnica como poucos, tornando a leitura de suas traduções um tanto dificultosa. O maranhense, com seu projeto tradutório, consegue se firmar como o “patriarca da tradução criativa no Brasil, nas palavras do sábio Haroldo de Campos” graças à sua inventividade poética.¹¹⁷

Entre as características mais acentuadas de Odorico Mendes estão a “síntese, recuperação dos sentidos do original, reprodução do caráter figurado das expressões latinas, manutenção geral do arranjo sintático do período”¹¹⁸ (VIRGÍLIO, 2019, p. 69). Odorico não está preocupado em traduzir o poema apenas em termos de significação. Seu projeto consiste em manter a poeticidade da obra original, ainda que em metro diferente, por isso sua tradução criativa busca recriar as construções sintáticas, a expressividade dos efeitos que produzem sonoridade, entre outras características próprias da poesia virgiliana.

A tradução odoricana consiste em uma versão latinizada tanto no léxico quanto na sintaxe. Odorico reproduz o poema através do que parece ser, ao leitor atento, um sentimento emulativo. Seu empenho em manter, tanto quanto possível, as características do poema original abrangem todas as instâncias da criação poética virgiliana, procurando frequentemente recriar metáforas, aliterações, entre outros recursos empregados pelo poeta romano¹¹⁹. Sua tradução, ao mesmo tempo em que se aproxima do poema original através de sua concisão textual e escolhas lexicais, constitui-se um texto de difícil compreensão até mesmo para o leitor mais erudito, justamente em decorrência dessa aproximação à obra original. Tomemos como exemplo o início das *Geórgicas*:

Quid faciat laetas segetes, quo sidere terram
uertere, Maecenas, ulmisque adiungere uitis
conueniat, quae cura boum, qui cultus habendo
sit pecori, apibus quanta experientia parcis,
hinc canere incipiam.[...]

(*Georg.* 1.1-5)

O que alegre as searas; em que signo
Lavar se deva e unir com o olmo a vide;
Que trato e culto o armento e gados peçam;

¹¹⁶ O texto original adotado por Odorico Mendes é o mesmo apresentado na edição de Charles La Rue (1824).

¹¹⁷ Vasconcellos, na apresentação da edição anotada do Grupo de Trabalho Odorico Mendes (p. 10).

¹¹⁸ Notas e comentários sobre a tradução do livro 1.

¹¹⁹ Cf. VASCONCELLOS, 2014, p.121.

Quanta experiência, a parca indústre abelha:
Cantar, Mecenas, vou. [...]

(Odorico Mendes, 1. 1-5)

É notória a capacidade de síntese e concisão do tradutor. Odorico procura manter a similaridade poética e precisão técnica na tradução, reproduzindo arranjos sintáticos semelhantes e até mesmo a quantidade de versos do poema original. Convém lembrar que Odorico preserva a mesma quantidade de versos do original no livro 1 das *Geórgicas* e, nos demais livros (2 a 4), o número de versos são reduzidos.¹²⁰ Quanto às escolhas estilísticas e construções sintáticas empregadas no original, pode-se perceber que Odorico preserva, sempre que possível, os efeitos reproduzidos no texto virgiliano tal como o quiasmo presente no verso *auctorem frugum tempestatumque potentem* (1.27), que é mantido na sua referente tradução “Das sações regedor e pai dos frutos”, ainda que o tradutor altere a ordem dos sintagmas do verso em latim¹²¹.

A ideia de síntese de Odorico permeia toda sua prática tradutória, desde os textos homéricos até os textos virgilianos, “seja para demonstrar que o português era capaz de tanta ou mais concisão do que o grego e o latim; [...] seja para evitar as repetições e a monotonia que uma língua declinável [...] ofereceria na sua transposição de plano para um idioma não flexionado.” (CAMPOS, 2010, p.38-39). É justamente essa concisão do tradutor que o torna alvo de críticos de seus contemporâneos e posteriores à sua tradução. Todavia, ainda que seu projeto tradutório seja pouco afeito à simplificação vocabular, e muitos não concordem com sua forma de traduzir, seu intento tradutório foi alcançado à medida que sua obra perdura até nossos dias como um exemplo de tradução criativa.

5.3 *As Roçarianas* de Luís Santiago

Sob o título autoexplicativo *As Roçarianas: releitura das Geórgicas de Virgílio* (2009), Luís Santiago apresenta uma nova leitura do poema didático virgiliano. O poeta e historiador explica que sua proposta de tradução apresenta uma métrica diversa daquelas apresentadas até então. O título, Santiago (2009) esclarece, é “uma das traduções possíveis” para o termo grego *Γεωργικός* – que significa “agrícola” – do qual *Geórgicas* surgiu. O tradutor explica ainda que preferiu o termo *Roçarianas* por este fazer uma alusão clara ao assunto tratado no poema, uma vez que seu termo grego se torna obscuro para um leitor sem

¹²⁰ Comentários de Tradução do Grupo de Trabalho Odorico Mendes (VIRGÍLIO, 2019, p. 69).

¹²¹ Cf. VIRGÍLIO, *op. cit.*, p. 70.

nenhum conhecimento da língua grega. Santiago utiliza o verso eneassílabo¹²² que, segundo ele, “torna mais leve a leitura”¹²³, empregando também divisões temáticas ao longo da tradução. Sua releitura é acompanhada da paráfrase latina do jesuíta francês Carolus Ruaeus¹²⁴ e da consagrada tradução odoricana.

O trabalho de Santiago, como o próprio tradutor sugere, compreende sua própria interpretação e singularidade. Sua inovadora e inusitada proposta tradutória difere em várias esferas da proposta adotada por Odorico Mendes, à guisa de exemplo. As divisões propostas no texto de Santiago, sua organização vocabular e escolhas métricas, por exemplo, tornam seu texto mais fluido e, em certa medida, compreensível a um leitor contemporâneo. A tradução criativa proposta em *As Roçarianas* promove reflexões relevantes sobre a capacidade de transformação da tradução. As traduções de Odorico e Santiago, ainda que tenham o texto original em comum, são desenvolvidas de modo que cada uma delas possui uma identidade distinta. Como Costa (2005, p. 31) afirma, “através da tradução, um texto adquire a sua expansão máxima, já que ele transcende os estreitos limites linguísticos no qual foi concebido”. À título de comparação, vejamos o mesmo trecho das *Geórgicas* apresentado acima, agora na releitura de Luís Santiago:

Quid faciat laetas segetes, quo sidere terram
uertere, Maecenas, ulmisque adiungere uitis
conueniat, quae cura boum, qui cultus habendo
sit pecori, apibus quanta experientia parcis,
hinc canere incipiam.[...]

(*Georg.* 1.1-5)

O que faz alegres as roças;
qual a estrela que convida,
Mecenas, a revirar terras
e amarrar ao olmo a vide;
o que é criar bois e o que
fazer para carneiros criar;
de qual saber se necessita
pra com frugais abelhas lidar;
é o que agora vamos cantar.

(Luís Santiago, 1.1-5)¹²⁵

¹²² Santiago também utiliza trissílabos e hexassílabos quando se faz necessário para completar estrofes ou trechos (SANTIAGO, 2009, p. xv).

¹²³ Cf. *Idem, ibidem*, p. xiii – xiv.

¹²⁴ Nome latinizado de Charles de La Rue (1643-1725). Santiago não especifica qual a edição do texto original que ele usa, mas elenca algumas delas na sua bibliografia, como uma edição italiana da editora Sansoni (1989) e duas parisienses, sendo uma da editora *Garnier* (1925) seguida de comentário filológico e literário, e outra da editora *Aillaud* (1844) cuja edição apresenta também a paráfrase de Charles de La Rue, que ele assumidamente usa como apoio à sua tradução.

¹²⁵ Ainda que utilize uma métrica diversa daquela de Virgílio, Santiago dispõe os versos enumerados de acordo com o texto original, mesmo com as subdivisões em capítulos propostas por ele.

Percebe-se, como anunciado, que Santiago aplica à sua proposta tradutória uma métrica diferente, não se preocupando em manter a mesma quantidade de versos, tal qual Odorico o faz. O próprio tradutor sugere nas ‘Palavras Iniciais’ de sua releitura que ele subverte a métrica virgiliana. Santiago também divide os livros de *As Roçarianas* em capítulos e subdivide-os em passagens temáticas. O livro I, por exemplo, intitula-se “As Estrelas e o Grão”, e os versos apresentados acima tratam do “Assunto das Roçarianas”, subtema empregado pelo tradutor para os versos (1.1-5). Assim Santiago desenvolve sua releitura, de forma sistematizada, e como ele mesmo coloca, com o intuito de tornar o poema virgiliano “mais acessível ao leitor corrente”¹²⁶.

Vejamos agora outro excerto das *Geórgicas* no original virgiliano:

Umida solstitia atque hiemes orate serenas,
agricolae; hiberno laetissima puluere farra,
laetus ager: nullo tantum se Mysia cultu
iactat et ipsa suas mirantur Gargara messis.
Quid dicam, iacto qui semine comminus arua
insequitur cumulosque ruit male pinguis harenae;

(*Georg.* 1. 100-105)

Temos de Odorico a seguinte tradução (1.101-106):

Rogai solstício aguado e inverno claro;
Medra hiemal pó, campinos, várzea e trigos:
Mais com isto é que Mísia ostenta as messes,
E de si pasma o Gárgaro fecundo.
Que direi do que, amigo da semente,
Logo a malpingue areia destorroa?

Percebe-se que a disposição dos versos, as escolhas vocabulares e a organização sintática de Odorico remetem ao próprio original. Santiago propõe, para os mesmos versos, a tradução a seguir, no capítulo quatro intitulado *Preceitos Agrícolas*, com o subtítulo *Trabalhos contínuos* (1.100-105):

I

O agricultor reza por chuvas
no verão e inverno sereno;
inverno poeirento produz
felicíssimo trigo farro,
faz feliz a terra; nem mesmo
a Mísia de tanto produto
se gaba e a própria Gárgara
se admira daquela colheita.

II

O que dizer de quem, tão logo
lança no roçado semente,
a si se lança na labuta

¹²⁶ Cf. SANTIAGO, 2009, p. 518.

de arduamente quebrar torrões
de um pouco fértil terreno?

Enquanto Odorico mantém sua tradução bem próxima do original, incluindo estrutura sintática e concisão dos versos, Santiago prefere caminho diverso, modificando a estrutura dos versos e sua organização. Também faz escolhas vocabulares diversas: para o vocativo latino *agricolae*, Odorico prefere “campinos”; em Santiago, esse vocativo desaparece juntamente com a segunda pessoa do imperativo (*orate*). A intenção de Santiago parece ser a de simplificar, em parte, a erudição do poema, tornando-o menos intrincado que o original virgiliano (e que a tradução de Odorico que, por sua vez, faz questão de replicar a complexidade do texto primeiro).

Santiago também se empenha no emprego de vocábulos mais comuns ao leitor brasileiro, como o faz ao usar o termo *roçarianas* no título de sua releitura. Ele faz uso de outros termos de uso mais ligados à linguagem mais popular (e rural), como “roça” enquanto Odorico prefere “campo” ou “seara” (ex.: 1.1; 1.316-321)¹²⁷. Também as variações “roceiro” ou “roçariano” para o “colono” ou “aldeão” de Odorico¹²⁸ (ex.: 1.160-168; 1.300-310), “carroça” para se referir a “carruagem” (3.362)¹²⁹, à guisa de exemplificação. Através de uma métrica e vocabulário simplificados, Santiago consegue dar forma a uma releitura de fato menos técnica e menos concisa que a tradução de Odorico, marcada por uma linguagem mais comum ao público leitor brasileiro.

6. COMENTÁRIO DE UMA PROPOSTA DE TRADUÇÃO

Ao longo dos séculos, as discussões acerca da tradução e dos elementos considerados fundamentais pela recepção foram sendo alterados. A depender do corpo social e de aspectos temporais, as características primordiais de uma tradução vão sendo modificadas e revisitadas. Furlan (2013, p. 285) traz apontamentos importantes para o entendimento desse processo pelo qual a tradução passou. O autor explica que “os Romanos traduziram romanizando a expressão e o conteúdo, adaptando, suplantando o original” (destacava-se, então, a *imitatio*). Já no período medieval, a tradução é revestida com um papel de mensageira, de emissora da palavra sacra. Além disso, a “tradução literária do Medievo – de modo distinto

¹²⁷ *Arvum* (1.316), *seges* (1.1) em latim.

¹²⁸ *Agrestis* (1.160), *agricola* (1.300) em latim. Para os mesmos vocábulos, Odorico também usa “campino”, “agreste”, “lavrador”, entre outros termos.

¹²⁹ *Plaustrum* em latim, referindo-se a um veículo aberto para o transporte de cargas (3.362).

ao da religiosa – constituiu-se como verdadeiros comentários, com o desejo maior de entender a Antiguidade e o sentido do texto”.¹³⁰

Posteriormente, o Renascimento procura resgatar elementos estéticos do texto original ausentes na tradução medieval, “tentando readquirir a estética clássica – cujos padrões se haviam transformado ou perdido no Medievo”¹³¹. Por fim, a Modernidade mistura anseios distintos dos períodos anteriores, enquanto passa a perceber o tradutor como agente relevante no processo de tradução, ao mesmo tempo que possui relações estreitas com determinados elementos desses períodos.

Em suma, “a maioria das traduções literárias modernas almeja refletir o conteúdo e a forma do modelo primeiro, não descuidando do gênio da língua de chegada, e considerando a possibilidade de recriação da arte do original”. O período renascentista, principalmente, marcou de forma definitiva a forma de concepção da tradução. Ideais que surgiram ainda no século XVI persistiram até hoje nas discussões e na maneira de se pensar tradução, embora sob diferentes perspectivas, como a conhecida “fidelidade” na tradução (FURLAN, 2013, p. 285).

Debates foram levantados (e ainda o são) também acerca da traduzibilidade dos textos, principalmente aqueles poéticos, sobre a legitimidade da tradução criativa, a traição do tradutor¹³² ao sentido original da frase, entre outros. Entre tantas discussões acerca de fidelidade ao original na tradução, Vasconcellos (2011) discute a ideia de um sentido único do texto literário e argumenta que

Modernamente nos acostumamos a colocar sob suspeita a idéia de que o texto literário (ou ainda qualquer texto) tem um sentido único a ser decifrado pelo pesquisador, que, munido dos instrumentos filológicos adequados, encontraria a chave de seu sentido. Pensar na tradução a partir dessa perspectiva nos leva a maior humildade: o tradutor lê o original, interpreta-o e, a partir dessa interpretação, recria-o em sua língua: em contexto de tanta incerteza, em terreno tão móvel, é demasiado ingênuo tratar a tradução como reprodução fiel do sentido e, sob essa bandeira, julgar criticamente as traduções. Considerar toda tradução como recriação tem a vantagem de abandonar qualquer pretensão ingênua de reprodução fiel do original. (2011, p. 72).

O trabalho a que nos propomos desenvolver aqui consiste em uma proposta tradutória sem pretensões métricas ou de influência vocabular, nem mesmo de suplantar as traduções já produzidas do texto virgiliano. A intenção principal é compreender e explorar o texto latino escolhido sob o viés da tradução. Através do processo tradutório do livro 1 das

¹³⁰ Cf. FURLAN, 2013, p. 285.

¹³¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 285.

¹³² *Traduttore traditore* – aforismo italiano do qual, através do conteúdo referencial e paronomástico da frase, infere-se que toda tradução não corresponderia exatamente ao sentido original do texto primeiro.

Geórgicas, pudemos compreender um pouco a magistral complexidade da prática tradutória e do texto virgiliano. Assim como Vasconcellos defende no excerto acima, acreditamos que a tradução entendida como ‘recriação’ liberta o tradutor das ‘amarras da fidelidade’ enquanto reprodução sistemática de palavra por palavra, processo pelo qual, na maioria das vezes, a semântica é totalmente prejudicada. Já Haroldo de Campos defendia que a “tradução de textos criativos será sempre *recriação*, ou criação paralela, autônoma porém recíproca”. (CAMPOS, 2010, p. 35, grifo do autor).

Odorico Mendes, exemplo de uma tradução cuidadosamente versificada e rebuscada, mostra ser possível uma tradução criativa mais atrelada ao texto original, por escolha do próprio tradutor no seu projeto tradutório, e não por imposição de qualquer tipo. Santiago, por meio de seu trabalho mais livre em termos de métrica e vocabulário, realça a possibilidade de uma tradução que cause menos estranhamento vocabular ao leitor contemporâneo. Ambas as traduções evidenciam a capacidade transformativa do processo tradutório, o conceito de recriação na tradução e a possibilidade de escolha de cada tradutor nos seus projetos tradutórios. Esclarecemos, portanto, que a proposta de tradução que apresentamos a seguir não tem pretensão de ser contraposta em nível de comparação a nenhuma das traduções mencionadas acima. Tais traduções serviram de apoio nesse processo de conhecimento e compreensão das camadas textuais do texto original.

Ao longo do nosso processo tradutório, inúmeras questões vieram à tona, assim como diversos questionamentos inerentes ao ato da tradução. O texto virgiliano, escrito no século I a.C., apresenta léxico e organização sintática naturalmente desafiadores para um leitor do século XXI d.C., e ainda mais laborioso em virtude do tema explorado na obra *Geórgicas*. Informações de cunho técnico e terminologias particulares ao ambiente agrícola configuram-se como elementos de maior dificuldade na tradução, dado o limitado conhecimento quanto a termos técnicos relacionados aos trabalhos agrícolas de então e, por isso, a dificuldade em assimilar as referências do autor (acerca de técnicas e instrumentos próprios da época), tendo em vista a lacuna temporal, e mesmo cultural, imposta.

Por outro lado, embora tenhamos mantido, em determinadas situações, semelhanças lexicais e sintáticas na nossa tradução, nossa preocupação não se constituiu em uma ‘equivalência’ vocabular, pois como Humboldt assertivamente atesta, “abstraindo das expressões que designam apenas objetos físicos, nenhuma palavra de uma língua é perfeitamente igual a uma de outra”¹³³. Assim, nosso principal objetivo consistiu em

¹³³ Humboldt, sobre os aspectos teóricos da tradução sob tradução de Susana Kampff Lages (HEIDERMAN, 2010, p. 105).

compreender as várias nuances da obra original e, então, conceber um significado condizente com o texto para a nossa tradução, atentando-nos mais ao sentido que à ‘letra’¹³⁴.

6.1 Sobre a tradução

No nosso processo tradutório, deparamo-nos, frequentemente, com problemáticas relacionadas a escolhas vocabulares que comportassem a mensagem do texto primeiro, como também com dificuldades inerentes à compreensão de determinadas construções do próprio texto virgiliano. Por ser um texto de teor técnico-agrário, e sob sua superfície textual apresentar questões filosóficas, as *Geórgicas* apresentam vocábulos com maior complexidade de compreensão para um leitor leigo da linguagem agrícola e das discussões metafísicas peculiares à época. Também não devemos esquecer que se trata de um texto do século I a.C., pertencendo a um poeta de linguagem rebuscada e, quase sempre, enigmática e polissêmica.

O texto latino por nós utilizado foi aquele sob edição e aparato crítico do classicista e professor italiano Gian Biagio Conte, publicado pela editora *De Gruyter* em 2013, e parte de uma série de publicações intitulada *Bibliotheca scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana*. O volume agrega uma edição das *Bucólicas*, sob edição da classicista italiana Silvia Ottaviano, e uma das *Geórgicas*, sob a responsabilidade editorial de Conte. A edição elenca, além do texto em latim revisado, um *praefatio* na qual Conte discute algumas teorias e comentários tratados por outros comentaristas da obra virgiliana e revê colocações por muito tempo disseminadas de forma distinta. Essas divergências vocabulares que podem aparecer em outras edições das *Geórgicas* são também contempladas no aparato crítico do editor, com referências relativamente detalhadas.

Ao longo desse processo, buscamos ajuda em traduções já consagradas de Virgílio, tal qual a de Odorico Mendes, já apresentada e brevemente discutida no capítulo anterior. A edição por nós adotada foi publicada pela editora *Ateliê Editorial* em 2019. A edição é parte da coleção *Clássicos Comentados* que já abrangeu obras como as *Bucólicas*, *Eneida*, *Iliada*, *Divina Comédia*, entre tantas outras. Contando com um aparato de comentários do Grupo de Trabalho Odorico Mendes¹³⁵, este consiste em um trabalho bem elaborado que conta com a contribuição de pesquisadores como Matheus Trevizam, que se dedica ao estudo das *Geórgicas* e, por sua vez, já traduziu também dois livros do poema, e Paulo Sérgio de

¹³⁴ Cf. BERMAN, 2007.

¹³⁵ Sediado na Universidade Estadual de Campinas e composto por professores e estudiosos de diferentes instituições universitárias do país.

Vasconcellos, organizador da edição e estudioso da poesia latina, em especial Virgílio. Também consultamos como apoio a tradução de Peter Fallon (2006), com introdução e notas explicativas de Elaine Fantham, publicada pela *Oxford University Press* e parte da coleção *Oxford World's Classics*. É uma edição traduzida para o inglês com rimas e em métrica iâmbica, cuidadosamente recriada na língua inglesa e desenvolvida a partir do texto em latim apresentado por Mynors (1969).

A edição comentada de Mynors (1990), também pela editora *Oxford University Press* foi um grande aporte de pesquisa no nosso processo tradutório, constituindo-se um manual de grande riqueza para os estudiosos da obra *Geórgicas*. Mynors faz um exame detalhado das *Geórgicas* e abrange, no seu percurso, aspectos da língua e cultura romana, relacionando elementos utilizados por Virgílio à tradição clássica, direcionando o leitor a referências importantes para compreensão do texto, e elucidando questões de uso da língua latina. Também a edição comentada de Richard F. Thomas (1994) pela editora *Cambridge University Press*, parte da coleção *Cambridge Greek and Latin Classics* foi um guia importante nesse processo. À semelhança de Mynors, Thomas tece comentários quase verso a verso, explorando os aspectos lexicais e culturais do texto latino e suas camadas semânticas, apontando recursos estilísticos usados e suas possíveis interpretações. Por fim, consultamos também a tradução comentada de John Conington ([1858] 2009)¹³⁶ publicada pela *Cambridge University Press*, e parte da coleção *Bibliotheca Classica*. Conington elabora um manual de comentários bastante elucidativo sobre as peculiaridades do texto virgiliano, referências a outros comentaristas e variações lexicais. Assim, partindo das considerações desses materiais de apoio e pesquisa, pudemos verificar as escolhas dos tradutores diante de versos de complexa organização e tradução, comentários acerca de determinadas unidades sintáticas ou semânticas, e a partir dessas escolhas conseguimos deliberar com mais clareza o caminho a seguir.

Para iniciar o empreendimento da tradução em si, fez-se necessário compreender as diversas nuances do *traduzir*. Discute-se muito, por exemplo, acerca das escolhas do tradutor no ato de traduzir, da soberania (ou ausência dela) do texto de partida sobre o texto de chegada, de conteúdo e forma, e essas discussões estão continuamente presentes quando tratamos da tradução, conquanto sob um olhar crítico e mais atento ao papel social desenvolvido pelo tradutor.¹³⁷ Paulo Rónai, por exemplo, tradutor de grande ênfase no

¹³⁶ Publicada inicialmente em 1858, impressa digitalmente em 2009.

¹³⁷ Cf. VENUTI, 1995.

cenário tradutório do Brasil há algumas décadas, mas com discussões válidas ainda atualmente, aponta ao discorrer sobre tradução e literalidade que

Só se poderia falar em tradução literal se houvesse línguas bastante semelhantes para permitirem ao tradutor que se limitasse a uma simples transposição de palavras ou expressões de uma para outra. Mas línguas assim não há, nem mesmo entre os idiomas cognatos. As inúmeras divergências estruturais, existentes entre a língua do original e a tradução, obrigam o tradutor a escolher, cada vez, entre duas ou mais soluções, e em sua escolha ele é inspirado constantemente pelo espírito da língua para a qual traduz. (RÓNAI, 1952, p. 10)

Diferentes debates, ainda que ao mesmo tempo semelhantes em diversos aspectos, foram levantados por autores como Antoine Berman (2007), Lawrence Venuti (1995), Friedrich Schleiermacher ([1813] 2010), Haroldo de Campos (2010; 2015), entre outros que apareceram ou ainda aparecerão nessa discussão, fizeram-nos assimilar concepções referentes à tradução de forma mais clara e significativa, motivo pelo qual julgamos necessário apresentar, resumidamente, os principais conceitos defendidos por cada um deles.

Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher (1768-1834) foi um filólogo alemão clássico, responsável por discussões acerca dos métodos da tradução que foram extensivamente estudados e referenciados por críticos de tradução que o sucederam. Seu célebre ensaio intitulado *Sobre os diferentes métodos de tradução*¹³⁸ é constantemente revisitado nos estudos da tradução. Nele, Schleiermacher discorre sobre formas de traduzir textos estrangeiros, considerando duas possibilidades distintas de tradução, seja priorizando o autor do texto fonte ou o leitor do texto traduzido: “Ou bem o tradutor deixa o escritor o mais tranquilo possível e faz com que o leitor vá a seu encontro, ou bem deixa o mais tranquilo possível o leitor e faz com que o escritor vá a seu encontro” (HEIDERMANN, 2010, p. 57). Nessa postulação, pressupõem-se dois caminhos opostos, um de aproximação e outro de distanciamento do texto original. Entretanto, aqui não seguimos necessariamente apenas um desses dois extremos. Acreditamos que os pressupostos de Schleiermacher são de grande valia, e iniciam uma discussão pertinente à tradução, que não devem ser categoricamente empregados como dois extremos que não se complementam. Assim, usamos as duas possibilidades tradutórias de acordo com as necessidades mais urgentes do nosso projeto ao longo da tradução.

Também sobre a correspondência vocabular entre línguas distintas, Schleiermacher ressalta que “quanto mais distantes estão uma da outra quanto à origem e ao tempo, tanto mais nenhuma palavra em uma língua corresponde exatamente a uma da outra, e

¹³⁸ Ensaio apresentado por ele em 1813 e, posteriormente, reproduzido em 1838. Utilizamos aqui a tradução apresentada por Celso R. Braidão na antologia organizada por Heidermann (2010).

nenhuma flexão de uma apanha exatamente a mesma variedade de relações como uma da outra” (HEIDERMANN, 2010, p. 47), sendo, portanto, improvável a tal equivalência vocabular. As palavras são, além de portadoras de unidades semânticas, providas de elementos culturais comuns a uma determinada sociedade. Ignorar os aspectos culturais e temporais de uma língua, em favorecimento de uma aparente ‘equivalência’ vocabular, parece-nos ser uma escolha equivocada que afeta diretamente as unidades semânticas de uma tradução. Dessa forma, atentamo-nos, prioritariamente, aos aspectos semânticos no nosso processo de tradução, à medida que compreendemos as correlações entre língua e cultura. Por vezes, empregamos palavras similares às do texto original, no entanto, mais pela semelhança vocabular entre as línguas – herança das línguas neolatinas – do que por mera associação lexical.

Adiante, o filósofo alemão também argumenta que “quanto mais se aproxima a tradução dos giros do original, tanto mais estranha será a impressão que o leitor recebe”, pondo-se, o tradutor, em risco de ser censurado por ser exótico e pouco espontâneo (2010, p.71). Sob esse ponto vista, não nos surpreende que as traduções de Odorico tenham causado tanto alvoroço por sua excentricidade, sendo até mesmo chamadas de “monstruosidades”¹³⁹, visto que o maranhense, propositalmente, mantém sua tradução bem próxima ao texto original.

Schleiermacher destaca ainda a relevância social da tradução, visto ser ela “algo necessário para um povo do qual apenas uma pequena parte pode adquirir conhecimento suficiente de outras línguas, mas uma parte maior tem a sensibilidade para o prazer de obras estrangeiras.” (HEIDERMANN, 2010, p. 93). No Brasil, por exemplo, a parcela populacional com conhecimento linguístico para apreciar os chamados clássicos mundiais nos seus idiomas de origem é ainda relativamente pequena e, por isso mesmo, a tradução exerce um papel basilar no nosso sistema literário.

Antoine Berman (1942-1991), por sua vez, em *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo* (2007) afirma que Schleiermacher “procede a uma crítica radical (para sua época) da tradução etnocêntrica e hipertextual” (p. 71). O tradutor francês discute esses conceitos da tradução sob a nomenclatura de tradução etnocêntrica e tradução hipertextual¹⁴⁰. Enquanto a primeira “traz tudo à sua própria cultura, às suas normas e valores, e considera o que se encontra fora dela — o Estrangeiro — como negativo ou, no máximo, bom para ser anexado, adaptado” (p. 28), a segunda “remete a qualquer texto gerado por imitação, paródia, pastiche, adaptação, plágio, ou qualquer outra espécie de transformação formal, a partir de um outro texto já existente” (p. 28), sem nenhuma preocupação em reproduzir os efeitos do

¹³⁹ Cf. CAMPOS, 2010; PAES, 1990.

¹⁴⁰ Também a *platônica*, mas sobre essa ele não desenvolve a discussão. Cf. BERMAN, 2007.

original, mas em recriá-lo livremente. Adiante, Berman argumenta sobre a tradução da “letra” e do “sentido” e sugere que

A fidelidade ao sentido opõe-se — como para o crente e o filósofo — à fidelidade à letra. Sim, a fidelidade ao sentido é obrigatoriamente uma infidelidade à letra. Mas esta infidelidade à letra estrangeira é necessariamente uma fidelidade à letra *própria*. O sentido é captado na língua para a qual se traduz. (2007, p.32, grifo do autor)

A tradução da letra, em oposição à tradução do sentido, é para Berman uma tradução *ética*, à medida que respeita a literalidade do texto primeiro. Essa ética está relacionada à sua percepção e ação diante do Estrangeiro, visto que o “ato ético consiste em reconhecer e em receber o Outro enquanto Outro” (2007, p. 68). Ao mesmo tempo, Berman esclarece que essa literalidade não está submetida necessariamente à tradução “palavra-por-palavra”, mas ao jogo de significantes, visto que “de um lado, pois, os valores flexionais do latim não podem passar à nossa língua; do outro, ao seguir a ordem das palavras latinas, não se recuperam as relações recíprocas de sonoridade, já que as palavras são diferentes.” (2007, p. 116)¹⁴¹. Desta forma, a “tradução literal não reproduz a facticidade do original, mas a lógica que preside a organização desta facticidade” (2007, p. 131). E essa percepção do Estrangeiro, sem necessariamente assimilá-lo, seria, por fim, livre de traços servis e fiel à ‘letra’ do texto original, ou seja, uma tradução *ética*, que não segue uma tradição etnocêntrica ou hipertextual, mas que tem por objetivo triplo ser ética, poética e filosófica (2007, p. 67).

Assim, nos termos de Berman (2007), optamos pela manutenção, tanto quanto possível, do sentido acima de traços poéticos do original. Não significa, no entanto, que não nos atentamos às estruturas estilísticas carregadas de significado dos versos virgilianos, ou que desenvolvemos uma tradução totalmente isenta de elementos poéticos; apenas preferimos não seguir uma métrica formal preestabelecida nesse projeto e dar lugar, primeiramente, às unidades de sentido.

Lawrence Venuti (1953–), por sua vez, teórico norte-americano contemporâneo de relevância nas discussões sobre tradução, aborda em seu trabalho *The Translator's Invisibility: A history of translation* (1995) a *sua* história da tradução, qual seja a sua perspectiva sob o contexto anglo-americano.¹⁴² A dicotomia tradutória por ele apresentada nesse trabalho é extensivamente discutida nos Estudos da Tradução. Venuti apresenta as concepções de *foreignization* e *domestication*, discutindo as implicações de cada uma dessas estratégias na

¹⁴¹ Berman faz referência aqui ao francês, mas podemos também aplicar assertivamente essa lógica ao português.

¹⁴² *Sua* história porque o autor prioriza seu próprio contexto social e cultural no desenvolvimento de seus argumentos, como pontua Anthony Pym (1996) em *Venuti's Visibility*. Snell-Hornby (2012) também destaca essa discussão.

tradução. Por *foreignization* (estrangeirização), entende-se o processo pelo qual o texto traduzido se aproxima do texto fonte e cultura de partida e que, levando o leitor até o autor, mantém aspectos estrangeirizadores (do texto original) na tradução. Em contrapartida, percebe-se na *domestication* (domesticação) de Venuti um caminho inverso. Em consonância com a tradução etnocêntrica discutida por Berman (2007), o autor é levado até o leitor, prioriza-se a cultura de chegada através da ‘domesticação’ do estrangeiro (o Outro) na tradução, à medida que o leitor pouco (ou de forma nenhuma) percebe elementos estrangeirizadores no texto.

Venuti também destaca o valor da tradução enquanto prática político-cultural que, por sua vez, influencia a construção de identidades nacionais (1995, p. 19). O teórico propõe, então, uma estratégia de tradução de *resistência*, responsável por desafiar a cultura da língua-alvo (1995, p. 24). Tal *resistência* estaria na base da tradução do tipo *foreignizing*. Como Freitas (2003, p. 58) destaca, “a escrita de resistência deve ser entendida como uma tradução estrangeirizadora, que adota visões e idéias alheias à cultura alvo, visando ao desvelamento da atividade do tradutor e da sua intervenção manifesta no texto”. Esse tipo de tradução possibilitaria, de acordo com o que Venuti postula, a visibilidade do tradutor, visto que provocaria ‘estranhamento’ no leitor pela manutenção de elementos estrangeiros (e, portanto, estranhos a ele), enquanto a tradução do tipo *domesticating*, que preza a fluência na língua de chegada, seria responsável por causar o apagamento do tradutor, sua invisibilidade ou *auto aniquilação*, como o próprio autor emprega.¹⁴³

Estariamos, assim, diante de duas possibilidades novamente extremas. À semelhança do que discutimos em Schleiermacher, não buscamos adequação em nenhum dos dois extremos, não desenvolvendo uma tradução obrigatoriamente ‘estrangeirizadora’ ou ‘domesticadora’. Pelo contrário, fizemos uso de ambas as possibilidades – empregamos elementos que podem ser considerados ‘estrangeirizadores’, como a manutenção da terminologia usada por Virgílio para as constelações denominadas Árcions (*Arctos* – Ursas Maior e Menor) talvez na mesma medida em que utilizamos elementos ditos ‘domesticadores’, como o uso de vocábulos mais comuns no cenário agrícola brasileiro – roça (1.156); carroça (1.163); borra (1.194); tina (1.262); forquilha (1.264); talo (1.315). No primeiro caso, consideramos relevante a manutenção de Árcion ao invés de Ursa para que a referência mitológica não se perdesse de todo; no segundo caso, preferimos utilizar palavras mais ligadas ao ambiente campestre brasileiro para que se tornasse mais clara a assimilação de

¹⁴³ The translator’s invisibility is thus a weird self-annihilation, a way of conceiving and practicing translation that undoubtedly reinforces its marginal status in Anglo-American culture. (VENUTI, 1995, p. 8).

significados. Também adequamos os adjetivos às regras próprias do português – adjetivo pátrio não recebe letra inicial maiúscula. Observamos que as edições do texto em latim consultadas¹⁴⁴ trazem os adjetivos gentílicos grafados com inicial maiúscula (*Chaoniam glandem*, v. 8; *pocula Acheloia*, v. 9; *Tegeaee*, v. 18; *Lycaonis Arcton*, v. 138), embora não seja necessariamente uma regra da língua latina. Optamos no nosso projeto tradutório por uma adaptação desses adjetivos às regras da língua portuguesa – glandes caônias; copos aquiloios; [Pã] tegeu; Árcton licaônia.

O modelo binário de Venuti assemelha-se, talvez não coincidentemente, aos métodos apresentados por Schleiermacher, conquanto não exatamente igual. Venuti baseia seu modelo dicotômico na discussão sobre os métodos de tradução do filósofo alemão, e explicitamente correlaciona os argumentos deste (1995, p. 20) ao seu próprio modelo. Em consonância com o binarismo de Schleiermacher, Venuti relaciona o segundo método apresentado pelo teólogo alemão a um processo de *domesticação*, “uma redução etnocêntrica do texto estrangeiro aos valores culturais da língua-alvo” que compete, por sua vez, com o primeiro método, em um processo de *estrangeirização*, “uma pressão etnodesviante sobre esses valores para registrar a diferença linguística e cultural do texto estrangeiro”¹⁴⁵ que expõe o leitor ao Outro, o Estrangeiro na tradução (VENUTI, 1995, p. 20).

Todavia, Mary Snell-Hornby (2012) em *A “estrangeirização” de Venuti: o legado de Friedrich Schleiermacher aos Estudos da Tradução?*¹⁴⁶ ressalta que

Venuti formulou a dicotomia em termos de “domesticação” vs. “estrangeirização”, da forma como compreendeu a abordagem de Schleiermacher através da versão inglesa de Lefevere. Não é possível identificar os conceitos “redução etnocêntrica” e “pressão etnodesviante”, nem mesmo por extensão de sentido, no texto de Schleiermacher ([2004] 2012, p. 192).

A posição crítica de Snell-Hornby diante das interpretações de Venuti para o texto de Schleiermacher acerca dos métodos de tradução propõe discussão importante no âmbito da tradução nos dias de hoje. No papel analítico que assume diante das discussões levantadas por Venuti a partir daquilo postulado por Schleiermacher em 1813, a tradutora ressalta ainda que

a despeito de sua própria teoria, Venuti imprimiu, por assim dizer, uma redução etnocêntrica aos conceitos de Schleiermacher (na posição de um tradutor

¹⁴⁴ Referimo-nos aqui apenas às edições por nós consultadas e, por sua vez, referenciadas na bibliografia.

¹⁴⁵ Admitting (with qualifications like “as much as possible”) that translation can never be completely adequate to the foreign text, Schleiermacher allowed the translator to choose between a domesticating method, an ethnocentric reduction of the foreign text to target-language cultural values, bringing the author back home, and a foreignizing method, an ethnodeviant pressure on those values to register the linguistic and cultural difference of the foreign text, sending the reader abroad. (VENUTI, 1995, p. 20).

¹⁴⁶ *Venuti's “foreignization”*: *Das Erbe von Friedrich Schleiermacher in der Translationswissenschaft?* (2004), sob tradução de Marcelo Moreira para a Revista *Pandaemonium Germanicum* 15, nº 19 (2012).

excessivamente visível) e “domesticou-os”: ele criou até mesmo novos conceitos de ideias antigas, os quais emprega – ainda que recorrendo ao seu valor universal – à situação específica das “hegemonic English-language nations” de hoje. *A estrangeirização de Venuti é, sem dúvida, parte do legado de Schleiermacher, mas não é todo o seu legado, e talvez nem mesmo o mais essencial.* Para contemplar o legado em sua totalidade, seria necessário pesquisar também sua “Hermenêutica” e sua “Crítica” e aplicá-las nos Estudos da Tradução [...] para que, assim, elas encontrem veiculação mundial como “memes of translation”. (2012, p. 199, grifos nossos).

É certo que as considerações levantadas por Venuti são valiosas em um contexto em que a tradução é pouco discutida de um ponto de vista protagonista, e quase sempre em segundo plano no panorama literário em geral. Se devemos empregar um olhar crítico a muitos de seus argumentos, ainda assim é inegável sua contribuição aos estudos da tradução, embora sob ressalvas¹⁴⁷. Trata-se de uma contribuição que nos permite discutir e analisar o papel social e a responsabilidade do tradutor sob uma perspectiva que nos possibilite uma percepção não somente de forma individualizada, mas também coletiva.

Por fim, Haroldo de Campos (1929-2003), pensador e crítico da tradução poética no Brasil, destaca a tradução de textos criativos como um processo de *recriação* e ressalta que “quanto mais inçado de dificuldades esse texto, mais recriável, mais sedutor enquanto possibilidade aberta de recriação”.¹⁴⁸ Para Campos, a tradução poética constitui uma experiência particular entre tradutor e texto traduzido: “A tradução de poesia (ou prosa que a ela equivalha em problematicidade) é antes de tudo uma vivência interior do mundo e da técnica do traduzido”,¹⁴⁹ cujo “significado, o parâmetro semântico, será apenas e tão-somente a baliza demarcatória do lugar da empresa recriadora. Está-se, pois, no avesso da chamada tradução literal”,¹⁵⁰ contrariando também o discurso já ultrapassado, nos nossos dias, de que uma tradução precisaria ser literal, mantendo a ‘fidelidade’ cabal ao texto primeiro.

Campos não procura, ao que nos parece, estabelecer regras absolutas para o *traduzir*, mas discutir relações de correspondência no processo de tradução por ele denominado de *transcrição*. Sobre o conceito de *transcrição*, ele argumenta:

No plano dos “fatores intratextuais”, entendo por *transcrição* a operação que traduz, no poema de chegada, a coreografia da “função poética” jakobsoniana surpreendida e desocultada no poema de partida. Assim também, correlatamente, parece-me admissível entender por *transfiguração*, no plano dos “atos de ficção”, a reimaginação do imaginário do poema de partida pelo poema de chegada, através da reconfiguração do percurso da “função figurativa” iseriana levada a efeito pela

¹⁴⁷ Em *Venuti's Visibility*, Pym (1996) destaca algumas postulações de Venuti sobre as quais devemos considerar sob uma perspectiva mais crítica.

¹⁴⁸ Cf. CAMPOS, 2010, p. 35.

¹⁴⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 43.

¹⁵⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 35.

tradução criativa. Se o poeta é um fingidor, como queria Fernando Pessoa, o tradutor é um transfingidor. (2015, p. 125, grifos do autor)

Essa *transcrição* de Haroldo de Campos vai ao encontro da mesma *transposição criativa* designada por Roman Jakobson (2008, p. 72) ao tratar da poesia. Ao discutir os aspectos linguísticos da tradução, Jakobson postula três classificações para a tradução, quais sejam a “tradução intralingual ou *reformulação*”, a “tradução interlingual ou *tradução propriamente dita*”, sendo a esta que nos dispomos a discutir nesse trabalho, e a “tradução inter-semiótica ou *transmutação*” (grifos do autor).¹⁵¹ Essas classificações são base para várias discussões acerca da tradução¹⁵², e são nas postulações de Jakobson que Haroldo de Campos encontra sustentação para suas ideias sobre tradução poética¹⁵³, a partir das discussões acerca da intraduzibilidade da tradução¹⁵⁴ enquanto possibilidade de *transposição criativa*, qual seja uma ‘transformação’ do original pela prática da tradução, ou no termo de Campos, *recriação* ou *transcrição*. No texto *Da transcrição: poética e semiótica da operação tradutora*¹⁵⁵, ele relata que

Nessas sucessivas abordagens do problema, o próprio conceito de tradução poética foi sendo submetido a uma progressiva reelaboração neológica. Desde a ideia inicial de *recriação*, até a cunhagem de termos como *transcrição*, *reimaginação* (caso da poesia chinesa) *transtextualização*, ou – já com timbre metaforicamente provocativo – *transparadisação* (*transluminação*) e *transluciferação*, para dar conta, respectivamente, das operações praticadas com *Seis cantos do Paraíso de Dante* (Fontana, 1976) e com as duas cenas finais do “Segundo Fausto” (*Deus e o Diabo no Fausto de Goethe*, Perspectiva, 1981). (CAMPOS, 2015, p. 78-79, grifos do autor).

Essas modificações sucessivas de nomenclatura da tradução poética, ao longo dos anos de estudo e análise da tradução de Campos, devem-se, sobretudo, ao processo crítico pelo qual o termo *per se* e a própria prática da tradução passavam. Assim Campos ressalta:

Essa cadeia de neologismos exprimia, desde logo, uma insatisfação com a ideia “naturalizada” de tradução, ligada aos pressupostos ideológicos de restituição da verdade (fidelidade) e literalidade (subserviência da tradução a um presumido “significado transcendental” do original), – ideia que subjaz a definições usuais, mais “neutras” (tradução “literal”), ou mais pejorativas (tradução “servil”), da operação tradutora (CAMPOS, 2015, p. 79).

¹⁵¹ Cf. JAKOBSON, [1969] 2008, p. 64-65.

¹⁵² Cf. *Idem*, *ibidem*.

¹⁵³ Ver a discussão de Marcelo Tápia na apresentação de *Haroldo de Campos – Transcrição* (2015).

¹⁵⁴ Sobre essa discussão, ressaltamos que Jakobson não nega a traduzibilidade do texto poético (cf. Jakobson, 2008, p. 72). O que ele nega, na verdade, é “a possibilidade de aplicar, sem mais, à tradução poética os critérios da tradução referencial”. Para isso, ele defende o uso de um *modus operandi* da tradução, qual seja a *transposição criativa*. (CAMPOS, 2015, p. 92).

¹⁵⁵ CAMPOS, *op. cit.*, p. 77-104.

Com a classificação da operação tradutora enquanto *transcrição*, Haroldo de Campos propõe um afastamento das nomenclaturas que engessam o papel da tradução e a distanciam de sua força transformadora e ao mesmo tempo criadora. Campos abre caminho para o que conhecemos como ‘tradução criativa’, livre de comparações acerca de equivalência ou literalidade. Sua valiosa contribuição permite que a prática da tradução seja entendida enquanto vivência entre um e o texto, de forma tal que, delimitados os objetivos a se alcançar, o caminho a seguir seja não ‘servil’, mas livre, de acordo com os resultados desejados.

Em suma, as discussões de Campos, Schleiermacher, Berman e Venuti, embora divergentes em alguns pontos, encontram-se e são semelhantes no aspecto do Estrangeiro enquanto elemento a ser considerado na tradução, em contraponto ao fator de apropriação e apagamento na cultura de chegada. Dessa forma, todos eles contribuíram, cada um a seu modo, com o que entendemos sobre a tradução e com a nossa própria prática tradutória.

6.2 O processo tradutório

Os versos das *Geórgicas*, não diferentemente dos demais versos virgilianos, carregam informações semânticas que podem, muitas vezes, não ser recuperados em uma leitura menos cuidadosa, e devem ser observados pelo tradutor que, atento, fará escolhas com base nos objetivos que ele deseja alcançar no ato da tradução. Na nossa tarefa tradutória, atentamo-nos, tanto quanto possível, às unidades semânticas dos versos virgilianos. Assim, as escolhas tradutórias aqui apresentadas foram feitas com o objetivo de comportar uma lógica tradutória baseada na correspondência semântica, na correlação etimológica e na semelhança formal dos versos elaborados por Virgílio. Não há, portanto, uma preocupação com a ‘letra’, aspecto bem discutido por Berman (2007), mas com o sentido. Julgamos ser esse o caminho mais adequado, considerando nosso papel aqui representado enquanto principiante no estudo e prática da tradução e dos textos virgilianos. Além disso, consideramos ser essa a primeira etapa de um projeto maior que pretendemos levar adiante nos nossos estudos posteriores a este trabalho. Seguindo essa lógica tradutória, isentamo-nos de preocupações com a métrica formal do texto, rimas preestabelecidas, buscando, como primeiro passo, um aprofundamento no texto com mais liberdade e menos limitação formal no nosso processo de tradução.

A partir daqui, procuramos elencar algumas particularidades do texto que despertaram nosso interesse no processo de tradução. Como já mencionamos no capítulo anterior, não tentamos reproduzir, ao longo de nosso processo tradutório, um texto necessariamente ‘latinizante’, ou nos termos de Venuti (1995), “estrangeirizador”, nem

tampouco “domesticador”. Também não buscamos propiciar uma leitura de todo confortável para o receptor, de modo a apagar qualquer elemento alheio à nossa cultura, ou o caminho inverso¹⁵⁶. Mantivemos vocábulos ‘latinizantes’ na mesma medida em que nos distanciamos da etimologia latina sempre que julgamos necessário à compreensão dos versos por parte do leitor. Por vezes, usamos as notas à tradução para elucidar possíveis ambiguidades ou obscurantismos. Todavia, quanto à tradução em geral, buscamos manter escolhas lexicais próximas o tanto quanto possível da etimologia do original, de maneira que a correspondência semântica fosse resguardada. O verbo *faciat* (1.1), por exemplo, traduzido por “fazer”, contém em si a mesma correspondência semântica de “tornar”, como Trevizam¹⁵⁷ o traduz. Manteve-se o verbo “fazer” na nossa tradução principalmente por sua semelhança formal – e em certa medida, também etimológica – com o *facio* do latim, assim como o *conueniat* (1.2), traduzido por “convém”, proveniente do mesmo *conuenio*¹⁵⁸. Em tantos outros casos, usamos a mesma lógica tradutória, como em “cingir” (*cingens*, 1.28), “romper” (*ruperunt*, 1.49), “suspender” (*suspendere*, 1.68), “vetar” (*uetuit*, 1.270), “impor” (*imponere*, 1.281). Tiramos proveito do fato de o português ser uma língua com raízes etimológicas ligadas ao latim, e em decorrência, da correlação vocabular de parte de seu léxico ao da língua latina¹⁵⁹.

Um dos aspectos que também se destacou no processo de tradução do texto virgiliano foi, por certo, a ambiguidade empregada tanto nas unidades sintáticas quanto nas unidades semânticas.¹⁶⁰ Essa propensão à ambiguidade e a termos polissêmicos, comum às obras virgilianas, pode ser destacada já nos primeiros versos do livro 1 das *Geórgicas* que nos permitem ressaltar alguns elementos interessantes. Vejamos os versos do próêmio com a proposição do poema:

Quid faciat **laetas segetes**, quo sidere terram
uertere, Maecenas, ulmisque adiungere uitis
conueniat, quae cura boum, qui cultus habendo
sit pecori, apibus quanta experientia parcis,
hinc canere incipiam. [...] ¹⁶¹

¹⁵⁶ Cf. Schleiermacher (*apud* HEIDERMANN, 2010).

¹⁵⁷ A tradução das *Geórgicas* por Trevizam a que nos referimos aqui foi publicada em 2013. Embora não façamos uso constante dela nos comentários, exemplificamos, em alguns casos, as escolhas do tradutor. Em forma de prosa, é um texto dito em “português atual” e “uma tradução escorreita e fluente, em português de excelente nível”. Assim Vasconcellos assertivamente a descreve no prefácio da tradução do livro I por Trevizam (VIRGÍLIO, 2013, p. 11).

¹⁵⁸ Odorico e Santiago traduzem o mesmo *conueniat* (1.2) por “dever” e “convidar”, respectivamente.

¹⁵⁹ Atentamo-nos, no entanto, aos possíveis falsos cognatos ao utilizarmos essa lógica de similaridade etimológica entre as duas línguas.

¹⁶⁰ Virgil often offers words and sentences that can be interpreted in more than one way, and sometimes in diametrically opposed ways; he offers ambiguities or indeterminacies of syntax, some of which parallel larger problems of interpretation. (O’HARA, 2003, p. 249).

¹⁶¹ Todos os grifos apresentados nas citações tanto no texto original quanto nas traduções são nossos.

(Georg. 1.1-5)

No verso 1, os vocábulos em destaque (*laetas segetes*) estão ambos no acusativo, em complementação ao verbo *faciat*. A palavra *laetas*, que significa “alegres”, ou em um outro sentido possível no poema, “férteis”, é usado para adjetivar o substantivo *segetes* – “lavouras”. Nessa escolha de Virgílio, há um elemento bastante empregado por ele ao longo de suas obras, qual seja a propensão à *personificação* de seres inanimados.¹⁶² Essa personificação a que Virgílio é afeito, também conhecida como *prosopopeia*, abunda nas *Geórgicas*, à guisa de exemplificação: as lavouras ganham vida a partir da adjetivação por meio de *laetas*. Compreender, por sua vez, essa ambiguidade no verso virgiliano permitiu-nos usar com mais liberdade o termo “alegres” que comporta figurativamente tanto o sentido de “férteis” ou “abundantes” quanto abrange também a polissemia que personifica *segetes*. Assim, no nosso projeto tradutório, optamos pela seguinte tradução:

O que faz as **lavouras alegres**, sob qual constelação
convém arar a terra, Mecenas, e unir as vides aos olmos,
que cuidado aos bois, e que trato ao rebanho
é dispensado, e quanta experiência às parcas abelhas
deste ponto eu me encarregarei de cantar. [...]¹⁶³

Como demonstramos acima, as “lavouras” recebem o adjetivo “alegres” que, em certa medida, personifica-as. Também Santiago e Odorico empregam o mesmo sentido, embora este o faça por meio do verbo ‘alegrar’, e não por meio do próprio adjetivo:

O que **alegre** as **searas**; em que signo
Lavar se deva e unir com o olmo a vide;
Que trato e culto o armento e gados peçam;
Quanta experiência, a parca indústre abelha:
Cantar, Mecenas, vou. [...]

(Odorico Mendes, 1.1-5)¹⁶⁴

O que faz **alegres** as **roças**;
qual a estrela que convida,
Mecenas, a revirar terras
e amarrar ao olmo a vide;
o que é criar bois e o que
fazer para carneiros criar;
de qual saber se necessita
pra com frugais abelhas lidar;
é o que agora vamos cantar.

(Luís Santiago, 1.1-5)¹⁶⁵

¹⁶² Cf. CONINGTON, 2009; SANTOS, 2020.

¹⁶³ Todas as traduções do texto em latim que não estão referenciadas são nossas.

¹⁶⁴ Odorico apresenta uma tradução relativamente mais concisa que o texto original, e por isso mesmo na sua tradução há uma disposição de versos por vezes diversa dos versos latinos.

¹⁶⁵ Santiago utiliza uma métrica diferente daquela de Virgílio, e por isso a disposição de seus versos é diversa da do poeta, ao mesmo tempo em que ele segue a ordem dos versos latinos na sua tradução. Referenciamos, portanto, os versos de acordo com as informações apresentadas junto à tradução, não correspondendo, no

Nas suas notas de tradução, Odorico explica que o emprego do verbo “alegre” sugere a expressão *dar viço*, em uma equivalência ao *faciat laetas* que sofre aglutinação na sua tradução e é representado pelo próprio verbo ‘alegrar’.¹⁶⁶ Além de *laetas segetes*, temos, entre tantos outros exemplos, os rios que sentem (*fluuii sensere*, 1.136), o arco-íris que bebe (*bibit arcus*, 1.380), o sol que cobre sua cabeça (*caput textit*, 1.467), numa alusão clara à natureza viva das *Geórgicas*. À guisa de demonstração, vejamos abaixo as expressões *caeli morem* (1.51), *regio recuset* (1.53), *felicis uuae* (1.54) *imposuit natura* (1.61) e suas respectivas traduções:

ac prius ignotum ferro quam scindimus aequor,
uentos et uarium **caeli** praediscere **morem**
cura sit ac patrios cultusque habitusque locorum,
et quid quaeque ferat **regio** et quid quaeque **recuset**.
hic segetes, illic ueniunt **felicis uuae**,[...]¹⁶⁷

(*Georg.* 1.50-54)

continuo has leges aeternaque foedera certis
imposuit natura locis, quo tempore primum
Deucalion uacuum lapides iactauit in orbem,
unde homines nati, durum genus. ergo age, terrae

(*Georg.* 1.60-63)

Buscamos manter, tanto quanto possível, as atribuições de personificação apresentadas no texto original, e com exceção de *caeli morem*, acreditamos que o sentido prosopopeico pode ser percebido na nossa tradução:

Mas antes que cortemos planície desconhecida com ferro,
que seja nosso cuidado estudar os ventos e a variação do céu,
e também os cultivos pátrios e os manejos dos lugares,
e o que cada **área** produza e o que cada **rejeite**.
Aqui os campos de trigo, ali as **uvas** vigoram **mais felizes**, [...]

Sucessivamente, a **natureza estabeleceu** tais leis e
contratos eternos a lugares estipulados, desde o tempo
em que Deucalião primeiro lançou pedras no mundo vazio,
das quais os homens nasceram, dura raça. Então vamos!

Na expressão *regio recuset*, por exemplo, Odorico, traduzindo por “o trato [...] se negue”, reproduz também o valor prosopopeico do ‘trato’ (terreno) no verso de seu projeto tradutório. O mesmo acontece em *imposuit natura*, na qual percebemos a personificação da natureza por meio de “impôs Natura” na sua tradução:

Antes de arrotearmos os maninhos,
Cumpre o clima estudar e o tempo e os ares,

entanto, ao número preciso de seus versos, mas sim aos versos traduzidos do texto original.

¹⁶⁶ Notas de Odorico para as *Geórgicas* (VIRGÍLIO, 2019, p. 66).

¹⁶⁷ Cf. CONINGTON, 2009, p. 150.

Do sítio a qualidade e o pátrio amanho,
E ao que o **trato se preste** e ao que **se negue**:
Lá pães, cá uvas, dão-se além pomares, [...]

(Odorico Mendes, 1.53-57)

Tais leis e eterno pacto **impôs Natura**,
Ao jogar Deucalion ao vácuo mundo
Pedras que homens geraram, dura estirpe.

(Odorico Mendes, 1.63-65)

Encontramos reprodução semelhante nos versos de Santiago. Os mesmos versos carregam o sentido prosopopeico proposto no texto virgiliano, como destacamos abaixo:

Primeiramente, porém, antes
de cindir com ferro o solo,
em novos mares navegando,
preciso é que conheçamos
o **comportamento dos ventos**
e as variações do céu local,
os hábitos e as lavouras
do morador daquele lugar
e também que produz a região
e pra que não presta; eis aqui
plantações, adiante vicejam
felizes as uvas, acolá

(Luís Santiago, 1.50-59)

Prescreve,
desde sempre, a **Natureza**
a certos lugares preceitos,
desde o tempo que Deucalião
as pedras lançou pelo mundo
vazio, das quais nasceu duro
gênero dos homens.

(Luís Santiago, 1.60-63)

Ao mesmo tempo em que, como discutimos há pouco, empregamos palavras por correlação etimológica em muitos casos, em outras situações, provou-se improvável tal aproximação lexical ou mesmo a tradução de palavras por mera correspondência semântica, sem compreender e considerar os seus contextos de emprego, o que nos possibilitou comprovar a assertiva de Schleiermacher acerca da tradução de que “nenhuma palavra em uma língua corresponde exatamente a uma da outra”¹⁶⁸, seja pelas diferenças culturais entre as diferentes línguas, seja pelas variantes contextuais que implicam em seu emprego e significado em um texto. Como exemplo, o verbo *ferte* (1.11), que isoladamente poderia ser traduzido como “carregar” ou “suportar”:

ferte simul Faunique **pedem** Dryadesque puellae:
munera uestra cano; tuque o, cui prima frementem

(*Georg.* 1.11-12)

¹⁶⁸ Cf. HEIDERMAN, 2010, p. 47.

avançai o pé juntos, tanto vós, Faunos, quanto vós, Dríades meninas:
vossos favores eu canto; [e tu, ó Netuno, a quem a terra, sendo a primeira,]

Traduzimos a expressão *ferte pedem* por “avançai o pé”, que, ao nosso ver, comporta bem o valor semântico do verbo *fero* especificamente nesse contexto.

Nesse verso, ressaltamos ainda um recurso bastante utilizado por Virgílio na sua poesia, qual seja a ênfase de determinados elementos relevantes para o verso através das cesuras (pausas) que marcam a cadência dos versos no processo de metrificação. Em *ferte simul Faunique pedem Dryadesque puellae*, é possível identificar ao menos três cesuras que enfatizam os Faunos, as Dríades e o termo *pedem*: *ferte si|mul ||^T Fau|nique ||^{Troc} pe|dem ||^H Drya|desque pu|ellae*. As cesuras, triemímera e heptemímera, destacam em seu interior *Fauni* e *pedem*, e após a cesura *Dryades* é destacada por meio da pausa. Os elementos destacados com essas cesuras sugerem também uma leitura metapoética: *pedem*, por exemplo, pode conduzir o receptor ao domínio da métrica; já *Fauni* parece indicar uma alegoria ao próprio movimento relacionado à expressão *ferte pedem*, que pode ser associada também à natureza dançante dos faunos a que Virgílio alude nas *Bucólicas* (6. 27-28).¹⁶⁹ Ainda que não tenhamos empregado uma versificação tradicional, buscamos compreender as razões que levaram o poeta a utilizar tal recurso e usamos na tradução a expressão “avançar o pé”, cientes de que não reproduzimos a combinação de cesuras ou mesmo o ritmo, mas procuramos manter a unidade de sentido que a expressão *ferte pedem* parece carregar.

Por muitas vezes, empregamos palavras que podem ser consideradas arcaicas para um leitor contemporâneo pouco habituado a um vocabulário mais erudito ou menos ‘latinizante’. Não buscamos uma aparente ‘equivalência’ lexical absoluta nem mesmo usar apenas palavras etimologicamente conectadas aos seus possíveis pares no latim. Em parte, usamos alguns desses vocábulos na tradução porque, ao que supomos, outra palavra deixaria escapar parte da significação que o texto original apresenta. Por outro lado, não foi nossa preocupação esmiuçar o texto por completo para o leitor, de forma que neutralizasse todo e qualquer aspecto da língua latina, usando vocabulário predominantemente atual. Assim, embora esclareçamos alguns obscurantismos em determinados versos através das escolhas lexicais, por vezes empregamos vocábulos que podem ser vistos como obsoletos, mas que conseguem comportar melhor a carga semântica e sintática dos versos virgilianos, como demonstramos a seguir:

sit pecori, apibus quanta experientia **parcis**,

¹⁶⁹ *Tum uero in numerum Faunosque ferasque uideres / ludere, tum rigidas motare cacumina quercus;* (*Bucólicas*, 6. 27-28). Cf. CONINGTON, 2009, p. 146; MYNORS, 1990, p. 5.

hinc canere incipiam. [uos, o clarissima mundi]

(Georg. 1.4-5)

[é dispensado,] e quanta experiência às **parcas** abelhas
deste ponto, eu me encarregarei de cantar. [Vós, ó claríssimas]

O adjetivo “parcas”, por exemplo, empregado para o ablativo *parcis* (1.4), embora talvez pouco comum para o leitor atual, parece-nos adequado por compreender um sentido que se perderia, ao nosso ver, caso preferíssemos “econômicas”¹⁷⁰, por exemplo, que carrega uma significação que não abrange tudo o que se infere em *parcis*. Odorico também traduz o adjetivo por “parcas”, acrescentando ainda outro adjetivo às abelhas (‘industre’) como vemos abaixo:

Quanta experiência, a **parca industri**e abelha:
Cantar, Mecenas, vou. [Luzeiros do orbe,]

(Odorico Mendes, 1.4-5)

Por sua vez, tanto Santiago, na sua releitura, quanto Trevizam, na sua tradução em prosa¹⁷¹, preferem “frugais” que, ao nosso ver, configura-se em uma boa correspondência semântica para *parcis*:

de qual saber se necessita
pra com **frugais** abelhas lidar;
é o que agora vamos cantar.

(Luís Santiago, 1.1-5)¹⁷²

De maneira oposta, o advérbio *hinc* (v. 5) foi traduzido na nossa proposta de tradução como “deste ponto”, e embora essa expressão pouco se assemelhe a *hinc* de um ponto vista puramente etimológico, sua correspondência semântica nos pareceu apropriada, considerando o sentido inferido no verso original. De acordo com Mynors¹⁷³, *hinc* nesse verso sugere “daqui em diante”, “a partir daqui”, e o emprego de ‘isso’, por exemplo, não refletiria toda a relação semântica sugerida em *hinc*.

Podemos elencar ainda outros exemplos de escolhas vocabulares pouco comuns a leitores correntes: “rústicos ignaros” (*ignarosque agrestis*, 1.41), “folhagens ressonantes” (*siluamque sonantem*, 1.76), “refugas” (*refugis*, 1.177) “exíguo rato” (*exiguus mus*, 1.181), “cruento mirto” (*cruentaque myrta*, 1.306). São, contudo, palavras mais ligadas etimologicamente às do texto original que foram, por sua vez, empregadas deliberadamente para abranger mais aspectos semânticos.

¹⁷⁰ Uma das possíveis traduções para o adjetivo *parcis*. Cf. VIRGÍLIO, 2019, p. 70.

¹⁷¹ “e quanta destreza nas abelhas frugais começarei a cantar daqui.” (VIRGÍLIO, 2013, p. 31).

¹⁷² Referenciamos versos 1-5, mas na tradução esses versos correspondem apenas aos três últimos versos.

¹⁷³ Cf. MYNORS, 1990, p. 03.

Outro elemento também comum à poesia de Virgílio¹⁷⁴ é o emprego do *enjambement*. É por meio desse recurso estilístico que Virgílio elenca os versos do exórdio, também marcado por interrogativas – *quid, quo* (1.1); *quae, qui* (1.3); *quanta* (1.4). Os pronomes, por sua vez, foram reproduzidos buscando correspondência semântica, como destacados abaixo (1.1-5):

O que faz as lavouras alegres, **sob qual** constelação
convém arar a terra, Mecenas, e unir as vides aos olmos,
que cuidado aos bois, e **que** trato ao rebanho
é dispensado, e **quanta** experiência às parcas abelhas
deste ponto, eu me encarregarei de cantar. [...]

O *enjambement* nesses versos marca a relação de dependência entre as linhas, mantendo o leitor atento ao que será dito no verso seguinte, além de construir uma cadência que se evidencia a cada verso. A manutenção desse recurso no nosso projeto tradutório nos permitiu reproduzir, com a ajuda dos vocábulos pronominais, esse encadeamento de ações conectadas que estabelece e delimita o que será discutido no poema. É possível identificar diversos outros casos de *enjambement* no texto virgiliano, como no excerto abaixo, onde o poeta constrói estruturas sintáticas cuja dependência sintática e semântica entre linhas permite uma correlação de ideias e uma fluidez do texto no decorrer dos versos:

Nec tamen, haec cum sint hominumque boumque labores
uersando terram experti, nihil improbus anser
Strymoniaeque grues et amaris intiba fibris
officiunt aut umbra nocet. pater ipse colendi
haud facilem esse uiam uoluit primusque per artem
mouit agros, curis acuens mortalia corda,
nec torpere graui passus sua regna ueterno.

(*Georg.* 1.118-124)

No entanto, mesmo quando os labores de homens e bois tenham tudo isso testado ao cultivar o solo, algum ganso danoso, ou grou do Estrimão, ou chicórias com folhas amargas obstruem, ou sombra prejudica. O próprio pai quis que nada fácil fosse a jornada do cultivo; e primeiro, pela arte, agitou os campos, aguçando as mentes mortais com desvelos para que seus domínios espalhados não adormecessem em pesada letargia.

Assim, a reprodução de recursos estilísticos presentes nos versos virgilianos foi viável em alguns casos, e embora não nos prendamos a uma tradução poética com efeitos métricos, procuramos manter certos recursos e paralelismos utilizados por Virgílio na nossa proposta em versos livres. No caso desses versos, buscamos manter certa dependência

¹⁷⁴ [...] we should take note of Virgil's use of enjambment, which takes place when a thought is not complete at line-end but spills over into part of the next line. [...] basically enjambment involves the interplay between the metrical unit (the line) and the syntactic unit (the sentence). (O'HARA, 2003, p. 248).

semântica e sintática entre os versos. A vivência na tradução, a qual Campos (2010) alude¹⁷⁵, envolve, em primeira instância, o texto primeiro e o tradutor, que deve prioritariamente compreender o texto original além de sua superfície, para que seus recursos textuais e estilísticos sejam por ele alcançados e, a depender de seu objetivo, sejam também contemplados na tradução. Assim, buscamos aqui reproduzir elementos que julgamos necessários seja para uma melhor apreensão de significados, seja para manter elementos importantes do texto primeiro, visto que uma tradução poética, ao nosso ver, ainda que em versos livres, está condicionada aos recursos usados no texto original, como é o caso do *enjambement* dos versos acima.

Por sua vez, os *versos áureos* presentes no texto virgiliano não foram reproduzidos em toda sua grandeza, tanto pelo desafio que se configura numa ‘transcrição criativa’ – nos termos de Campos (2015) – a reprodução de todos os recursos estilísticos do texto original (e de fato não é esse o objetivo de uma recriação poética, como também não é nosso intuito aqui) quanto por não nos atermos aqui a uma tradução de caráter necessariamente métrico.

Merecem destaque, no entanto, algumas construções que usam a sintaxe ou a palavra para criar efeitos diversos no texto, que se mostraram em evidência ao longo do processo tradutório. No verso 8 do texto original, por exemplo, temos um verso áureo – *Chaoniam pingui glandem mutavit arista* – por nós traduzido “trocou a glande caônia por espessas espigas”: os adjetivos *Chaoniam* e *pingui* complementando e modificando os substantivos *glandem* e *arista*, respectivamente. O’Hara (2003, p. 243) destaca que é comum em Virgílio o emprego de dois adjetivos para os substantivos¹⁷⁶, quando sua busca é pela elegância do verso. Todavia, a liberdade da língua latina em trocar a ordem das palavras sem perda de sentido possibilita, em parte, esse estilo de verso que, caso fosse reproduzido no português, causaria dificuldade de compreensão ao receptor e mesmo prejuízo semântico. No entanto, foi possível construir um quiasmo através da estrutura cruzada entre os dois grupos de palavras na tradução: glande (A) – caônia (B) – espessas (b) – espigas (a), em que A/a representam os substantivos e B/b, os adjetivos. Ainda que um quiasmo não se compare à elegância do *versus aureus* virgiliano, decidimos mantê-lo, como fizemos em casos análogos, como forma de marcar o verso de modo que possa indicar ao leitor que há recursos estilísticos

¹⁷⁵ Campos (2010, p. 43) defende que a tradução de poesia seja “antes de tudo uma vivência interior do mundo e da técnica do traduzido”.

¹⁷⁶ Both rhetoric and Alexandrian poetry associated elegance with balance and proportion; thus when Virgil wants a line to sound elegant rather than plain, each of two nouns may have an adjective [...] (O’HARA, 2003, p. 243).

no texto original. Diferente das estruturas de versos áureos, os quiasmos são reproduzidos com mais facilidade no português, sem que tornem a construção do verso necessariamente confusa, como em *auctorem frugum tempestatumque potentem* (1.27), reproduzido, por sua vez, na nossa tradução: “autor das colheitas, e das estações regedor”.

Temos, no verso 117, outra composição áurea em *unde cauae tepido sudant umore lacunae* disposta em estrutura quiástica: os adjetivos *cauae* (A) e *tépido* (B) separados de seus substantivos *umore* (b) e *lacunae* (a) pelo verbo *sudant*, traduzido da seguinte forma: “de onde cavos brejos transpiram com tépida umidade”. De modo semelhante, o verso 190: *magnaue cum magno ueniet tritura calore*, com o mesmo adjetivo duplicado para os dois substantivos: *magna* (A) – *magno* (B) e *tritura* (a) – *calore* (b). Na tradução, temos “e grande debulha virá com grande calor”. Embora pudéssemos facilmente reproduzir um quiasmo nos dois versos, optamos por não os fazer devido à cadência dos versos que não nos pareceu adequada.

Ademais, os versos 222 e 251 apresentam semelhante estrutura de verso áureo. Temos assim, um grupo de adjetivos dispostos em anteposição aos nomes que são por eles complementados: *Cnosia* (A) e *ardentis* (B) em consonância com *stella* (a) e *Coronae* (b), separados pelo verbo *decedat*, bem como *sera* (A) e *rubens* (B) em concordância com *lumina* (a) e *Vesper* (b), isolados por *accendit*:

Cnosiaque ardentis decedat stella Coronae

(Georg. 1.222)

illic **sera rubens** accendit **lumina Vesper**.

(Georg. 1.251)

Na nossa proposta de tradução, dispomos os mesmos versos em uma organização própria de quiasmo, na qual mantemos a ordem cruzada *adjetivo – substantivo – substantivo – adjetivo*, no segundo caso com o verbo “acende” dividindo o verso:

e que a **gnósia estrela** de **Coroa ardente** se retire antes

lá a **rubra Vésper** acende seus **lumes tardios**.

Embora haja vários outros exemplos de composição áurea nas *Geórgicas* 1, concluiremos essa parte da discussão com o verso 266: *nunc facilis rubea texatur fiscina uirga* (1.266) apresenta a mesma estrutura (A – a – V – B – b), em que A/a correspondem aos adjetivos, V corresponde ao verbo *texatur*, e B/b correspondem aos substantivos. Como nos versos apresentados anteriormente, preferimos dispor os sintagmas em organização quiástica: “Agora, leve cesta seja tecida com ramo rúbeo”, na ordem A – B – b – a, e dessa forma,

incorporamos certa sonoridade ao verso, ainda que divergente da cadência do latim. Já o quiasmo presente no verso 299 apresenta sintagmas verbais e nominais: *nudus ara, sere nudus. hiems ignaua colono*. *Nudus* é sintagma nominal repetido para os sintagmas verbais *ara* e *sere*. Temos assim, a estrutura A – B – b – a, em que A/a equivalem aos adjetivos complementares de B/b, que por sua vez equivalem aos verbos. Nossa tradução manteve a estrutura quiástica do verso original em “Despido ara, semeia despido. O inverno é ocioso para o colono”. Na composição do verso, empregamos tanto o paralelismo invertido na forma A – B – b – a, quanto também reproduzimos a repetição do adjetivo *nudus* através de “despido”.

Diante de todas essas escolhas tradutórias apresentadas no que concerne aos versos áureos e quiasmos, convém ressaltar que a preferência por certas disposições vocabulares não segue uma lógica de métrica formal ou uniforme. Muitas vezes, elas foram feitas para que o verso adquirisse determinada cadência; outras vezes, contribuíram para a construção de estruturas que, a seu modo, agregasse certos efeitos do texto virgiliano, fosse através da reprodução de quiasmos ou da manutenção de certas inversões que figuram o texto original.

De modo semelhante, outros aspectos que estão em evidência nos versos virgilianos foram ressaltados no nosso projeto tradutório. A repetição de determinadas estruturas ou palavras, à guisa de exemplo, é um recurso amplamente empregado por Virgílio ao longo dos versos das *Geórgicas*. Essa repetição se evidencia nos versos 21-24 por meio de uma partícula *-que* em correlação com os demais vocábulos:

dique deaque omnes, studium quibus arua tueri
quique nouas alitis non ullo semine fruges
quique satis largum caelo demittitis imbrem.
tuque adeo, quem mox quae sint habitura deorum

(*Georg.* 1. 21-24)

Mynors (1990, p. 7) atribui essa reiteração da partícula *-que* nos versos acima à *generalis inuocatio*, uma prática tradicional para a evocação dos deuses ligada ao sagrado, usado para incluir todas as divindades em uma sequência de invocações. Assim, após chamar seus deuses (ex: *Liber, Ceres, Fauni, Dryades, Neptune, Minerua, Pan, Siluane*), aquele que invoca estende seu convite às divindades em geral ligadas ao assunto campestre, também como uma forma de proteção a possíveis omissões¹⁷⁷. Essa noção de abrangência foi percebida e tentamos marcá-la por meio da reiteração de “todos” e do uso do advérbio:

todos vós, deuses e deusas, cujo cuidado é proteger os campos,
todos que nutris novos frutos de sementes não semeadas,

¹⁷⁷ Cf. CONINGTON, 2009, p. 147; THOMAS, 1994, p. 72.

e **todos** que dispensam do céu copiosa chuva nas plantações.
e tu **também**, César, que conselho dos deuses logo te acolherá

Já nos versos 136-145, temos uma sucessão de repetições que conferem um tom mais *gravis* à passagem:

tunc alnos primum fluuii sensere cauatas;
nauita **tum** stellis numeros et nomina fecit,
Pleïadas, Hyadas claramque Lycaonis Arcton.
tum laqueis captare feras et fallere uisco
[...]
tum ferri rigor atque argutae lammina serrae
(nam primi cuneis scindebant fissile lignum),
tum uariae uenere artes. [labor omnia uicit]

(Georg. 1.136-145)

Através das repetições de *tunc/tum*, podemos assimilar o processo da natureza agindo no seu *locus* e do homem agindo sobre a natureza, e os versos ganham um matiz de sentido mais carregado. Na tradução da passagem acima, mantivemos as repetições no início dos versos com o advérbio “então”, embora não se tenha reproduzido por inteiro o aspecto *gravis* do advérbio *tum* nos versos virgilianos:

Então os rios primeiro sentiram os amieiros cavados;
então, o marinheiro deu números e nomes às estrelas,
as Plêiades, as Híades e a brilhante Árcion licaônia.
Então, foi descoberto como caçar feras com armadilhas,
[...]
então, o rigor do ferro e também a lâmina da serra afiada
(pois os primeiros com cunhas cortavam a madeira fendida),
então, várias artes vieram. [A labuta impiedosa subjogou]

Outra repetição está presente nos versos abaixo. No exemplo, temos um conjunto de estruturas sintáticas e semânticas que aparecem com suas três partes regidas pelo verbo *uro* nos versos 77-78. A repetição tripla do verbo parece reiterar a ação devastadora do cultivo exagerado de uma cultura no solo, qual seja *lini*, *auenae* e *papauera*, e enfatizar o estado de exaustão do *campum*¹⁷⁸:

urit enim lini campum seges, **urit** auenae,
urunt Lethaeo perfusa papauera somno;

(Georg. 1.77-78)

A repetição foi mantida na nossa tradução por meio do verbo “exaurir”, e posicionada em posição final da estrutura sintática como forma de criar um breve efeito sonoro nos versos:

Pois a plantação de linho o campo **exaure**, a de aveia **exaure**,

¹⁷⁸ Cf. MYNORS, 1990, p. 17; THOMAS, 1994, p. 80.

as papoulas encharcadas em sono leteu **exaurem**.

Também Odorico retoma o verbo “crestar”, reproduzindo efeito semelhante de repetição do verbo (e da mesma cultura), e Santiago através do verbo “queimar”:

Cresta os campos o linho, a aveia os **cresta**,
Cresta em sono Leteu papoila infusa;

(Odorico Mendes, 1.79-80)

Mas o linho **queima** a terra,
a aveia **queima** e as papoulas
queimam com letargo leteu.

(Luís Santiago, 1.77-78)

O mesmo paralelismo por repetições surge em outros versos do poema, com o objetivo principal de dar ênfase ao que se apresenta nos versos nele envolvidos e relacionar ideias paralelas:

nunc facilis rubea texatur fiscina uirga,
nunc torrete igni fruges, **nunc** frangite saxo

(Georg. 1.266-267)

Agora, leve cesta seja tecida com ramo rúbeo;
agora, torrai os grãos no fogo; **agora**, triturai na pedra.

Através da anáfora por meio de *nunc*, Virgílio evoca a premência daquilo que deve ser feito pelo agricultor no tempo frio. E de forma similar, exorta para o que deva ser feito do período noturno através da repetição contundente de *nocte*:

nocte leues melius stipulae, **nocte** arida prata
tondentur, **noctes** lentus non deficit umor.

(Georg. 1.289-290)

À **noite**, as palhas leves, à **noite**, os prados secos são
melhor cortados, a umidade lenta não falha nas **noites**.

Por fim, destacamos ainda algumas alusões a aspectos bélicos no poema geórgico. Virgílio emprega diversas metáforas que podem facilmente representar elementos ligados a batalhas ao longo das *Geórgicas*, pois a linguagem empregada por ele é de uso comum em contextos militares¹⁷⁹. Exemplos disso são os verbos *exercet* e *imperat* (1.99), *ruit* e *insequitur* (1.105), *concurrere* (1.318), todos eles usados em cenas relacionadas ao mundo agrário:

exercetque frequens **tellurem** atque **imperat aruis**.
Vmida solstitia atque hiemes orate serenas,
agricolae; hiberno laetissima puluere farra,
laetus ager: nullo tantum se Mysia cultu
iactat et ipsa suas mirantur Gargara messes.

¹⁷⁹ Cf. CONINGTON, 2009; MYNORS, 1990; THOMAS, 1994.

quid dicam, **facto** qui **semine** comminus arua
insequitur cumulosque ruit male pinguis **harenae**,

(Georg. 1.99-105)

e frequentemente **exercita a terra** e **comanda os campos** arados.
Implorai por verões úmidos e invernos tranquilos,
lavradores; o trigo fica felicíssimo com a poeira invernal
e o campo mais feliz: sob nenhum cultivo Mísia se vangloria tanto,
e os Gárgaros se admiram de suas próprias colheitas.
O que direi daquele que, **lançada a semente** no solo, imediatamente
ataca os campos e **destrói montes de areia** pouco fértil,

As referências, embora naturalmente cabíveis no contexto agrícola descrito, são igualmente adequadas, e talvez em maior extensão, ao mundo bélico. O agricultor, nos versos acima, dá ordens aos campos (*imperavit aruis*), como um general comanda seus subordinados, ataca os campos e destrói a areia empolada (*insequitur e ruit*) como quem ataca a um inimigo.

Também os ventos combatem (*uentorum concurrere*, 1.318), em um cenário de guerra da própria natureza, e adiante, Virgílio apresenta a cena bélica de forma mais direta:

armorum sonitum toto Germania caelo
audiit: insolitis tremuerunt motibus Alpes.

(Georg. 1.474-475)

A Germânia, por todo céu, **o som de armas ouviu**:
com movimentos insólitos, os Alpes estremeceram.

Então, aquilo que se constituía apenas por meio de referências esparsas ganha acentuada materialidade no texto geórgico. O povo romano, agora lutando entre si (*inter sese*), fertiliza os campos não mais com estrume (*fimo pingui*, 1.80), mas com o próprio sangue, sofrendo os danos cruéis da guerra:

ergo **inter sese** paribus **concurrere** telis
Romanas acies iterum uidere Philippi;
nec fuit indignum superis bis **sanguine nostro**
Emathiam et latos Haemi **pinguescere campos**.

(Georg. 1.489-492)

Assim, os filipos viram **tropas romanas** novamente
concorrerem entre si com dardos iguais;
nem foi indigno para os deuses **fertilizar** duplamente,
com **nosso sangue**, a Emátia e os extensos **campos** do Hemo.

Com isso, a desordem bélica é combinada ao cenário antes propício à semeadura, enquanto as guerras (*impius Mars*) substituem os trabalhos do campo que, sem os colonos, ressecam (*squalent*):

quippe ubi fas uersum atque nefas: **tot bella per orbem**,
tam **multae scelerum facies**, non ullus aratro
dignus honos, squalent abductis arua colonis,
et curuae **rigidum** falces conflantur in **ensem**.

hinc **mouet** Euphrates, illinc Germania **bellum**;
uicinae ruptis inter se legibus urbes
arma ferunt; saeuit toto **Mars** impius orbe:

(*Georg.* 1.505-511)

De fato, no lugar do fasto está o nefasto: tantas **guerras pelo mundo**,
tantas as **formas dos crimes**, nenhuma honra digna
ao arado; abduzidos os colonos, as lavouras ressecam,
e as foices curvas forjadas em **rígida espada**.
Daqui o Eufrates **agita a guerra**, dali a Germânia;
as cidades vizinhas, rompidos os acordos entre si,
carregam armas; o ímpio **Marte se enfurece** por todo mundo:

Percebe-se que, nos versos finais do livro 1 das *Geórgicas*, o aspecto bélico sobrepõe a temática do campo de cultivo. As admoestações são direcionadas agora ao cidadão romano, e não mais somente ao agricultor, e os instrumentos de cultivo (*curuae falces*) ganham nova forma (*rigidum ense*), condizente com o caos instaurado pelas guerras civis. Como Smith (2011, p. 80) ressalta, o tom do livro sofre uma alteração, da “ordem para a desordem”,¹⁸⁰ de uma conjuntura agrícola ao fratricídio romano, e a luta do agricultor com a natureza no processo de cultivo do campo é transformada em uma batalha que deixa seus vestígios na terra (*exesa scabra robigine pila*, 1.495) que será, por sua vez, novamente lavrada.

Diante das discussões apresentadas acima, pode-se compreender a riqueza poética e cultural da poesia de Virgílio. Embora tenhamos explorado de forma limitada o texto virgiliano, consideramos ter alcançado nosso objetivo principal à medida que entendemos que a poesia de Virgílio é multifacetada, polissêmica e abundante em alusões poéticas e históricas. Desta forma, concluímos enfim o comentário à nossa proposta de tradução apresentada no capítulo subsequente, cientes de que há ainda muito a ser explorado e debatido nas *Geórgicas* e na expectativa de analisar as questões não examinadas aqui em estudos posteriores.

7. TRADUÇÃO DO LIVRO 1 DAS *GEÓRGICAS*

*Quid faciat laetas segetes, quo sidere terram
uertere, Maecenas, ulmisque adiungere uites
conueniat, quae cura boum, qui cultus habendo
sit pecori, apibus quanta experientia parcis,
5 hinc canere incipiam. uos, o clarissima mundi
lumina, labentem caelo quae ducitis annum;
Liber et alma Ceres, uestro si munere tellus
Chaoniam pingui glandem mutauit arista*

O que faz as lavouras alegres, sob qual constelação
convém arar a terra, Mecenas, e unir as vides aos olmos,
que cuidado aos bois, e que trato ao rebanho
é dispensado, e quanta experiência às parcas abelhas
5 deste ponto, eu me encarregarei de cantar. Vós, ó clarísimas
luzes do mundo, que guiais o ano deslizando pelo céu;
Líber e Ceres nutriz, se a terra, pelo vosso favor,
trocou a glande caônia por espessas espigas,

¹⁸⁰ The first book's tone has shifted from order to disorder: from grain (as bread), which offers sustenance, we have come to the unruly circus, where the competitors have lost control (SMITH, 2011, p. 80).

poculaque inuentis Acheloia miscuit uuis;
 10 *et uos, agrestum praesentia numina, Fauni,*
ferite simul Faunique pedem Dryadesque puellae:
munera uestra cano; tuque o, cui prima frementem
fudit equum magno tellus percussa tridenti,
Neptune; et cultor nemorum, cui pingua Caeae
 15 *ter centum niuei tondent dumeta iuuenti;*
ipse nemus linquens patrium saltusque Lycaeii
Pan, ouium custos, tua si tibi Maenala curae,
adsis, o Tegeae, fauens, oleaeque Minerua
inuentrix, uncique puer monstrator aratri,
 20 *et teneram ab radice ferens, Siluane, cupressum:*
dique deaeque omnes, studium quibus arua tueri
quique nouas alitis non ullo semine fruges
quique satis largum caelo demittitis imbrem.
tuque adeo, quem mox quae sint habitura deorum
 25 *concilia incertum est, urbisne inuisere, Caesar,*
terrarumque uelis curam, et te maximus orbis
auctorem frugum tempestatumque potentem
accipiat cingens materna tempora myrto;
an deus immensi uenias maris ac tua nautae
 30 *numina sola colant, tibi seruiat ultima Thule,*
teque sibi generum Tethys emat omnibus undis;
anne nouum tardis sidus te mensibus addas,
qua locus Erigonen inter Chelaeque sequentis
panditur: ipse tibi iam brachia contrahit ardens
 35 *Scorpios et caeli iusta plus parte reliquit;*
quidquid eris (nam te nec sperant Tartara regem,
nec tibi regnandi ueniat tam dira cupido,
quamuis Elysios miretur Graecia campos
nec repetita sequi curet Proserpina matrem),
 40 *da facilem cursum atque audacibus adnue coeptis*
ignarosque uiae mecum miseratus agrestis
ingredere et uotis iam nunc adsuesce uocari.
Vere nouo, gelidus canis cum montibus umor
liquitur et Zephyro putris se glaeba resoluit,
 45 *depresso incipiat iam tum mihi taurus aratro*
ingemere et sulco attritus splendescere uomer:
illa seges demum uotis respondet auari
agricolae, bis quae solem, bis frigora sensit;
illius immensae ruperunt horrea messes.
 50 *ac prius ignotum ferro quam scindimus aequor,*
uentos et uarium caeli praediscere morem
cura sit ac patrios cultusque habitusque locorum,
et quid quaeque ferat regio et quid quaeque recuset.
hic segetes, illic ueniunt felicius uuae,
 55 *arborei fetus alibi atque iniussa uirescunt*
gramina. nonne uides croceos ut Tmolus odores,
India mittit ebur, molles sua tura Sabaei,
at Chalybes nudi ferrum uirosaque Pontus

e misturou os copos aquelesos às uvas descobertas;
 10 e vós, Faunos, diuindades propícias dos agrestes,
 avançai o pé juntos, tanto vós, Faunos, quanto vós, Driades meninas:
 vossos favores eu canto; e tu, ó Netuno, a quem a terra, sendo a primeira,
 ferida com um grande tridente, produziu um fremente cavalo,
 e tu, habitante dos bosques, cujos trezentos novilhos
 15 brancos podam os arbustos frondosos de Cea:
 tu mesmo, abandonando o teu bosque pátrio e as clareiras de Liceu,
 Pã, protetor das ovelhas, se o seu Mênalo é caro a ti,
 venhas, ó tegeu, sejas favorável; e Minerva, descobridora
 da oliveira e menino introdutor do arado recurvo,
 20 e Silvano, carregando tenro cipreste pela raiz:
 todos vós, deuses e deusas, cujo cuidado é proteger os campos,
 todos que nutris novos frutos de sementes não semeadas,
 e todos que dispensam do céu copiosa chuva nas plantações.
 e tu também, César, que conselho dos deuses logo te acolherá
 25 é ainda incerto, quer cidades desejes proteger,
 ou o domínio das terras, e todo o mundo te aceite
 autor das colheitas, e das estações regedor,
 cingindo às tēmporas o mirto materno,
 ou sejas deus do imenso mar, e os nautas
 30 cultuem a tua diuindade somente, e a distante Tule a ti sirva
 e Tétis te compre por genro para si mesma com todas as ondas;
 ou se novo astro tu acresças aos meses tardios,
 onde um lugar entre Erígone e as Quelas do vizinho
 é expandido (o próprio Escorpião flamejante já contraí suas
 35 garras e deixa uma mais que justa parte do céu para ti);
 Seja o que fores (pois o Tártaro não te espera por rei,
 nem venha a ti medonho desejo de reinar,
 ainda que a Grécia se maravilhe com os campos Elísios,
 nem Prosérpina, requerida, cuide em seguir sua mãe),
 40 dá um percurso fácil e aprova o nosso ousado início;
 e, compadecendo-te comigo dos rústicos ignaros do caminho,
 já agora te acostuma a ser invocado nas preces.
 No princípio da primavera, quando o líquido congelado dos montes
 encanecidos derrete, e a terra mole solta-se sob o Zéfiro,
 45 então, já me comece o touro a gemer com o arado
 abaixado e a relha a esplender, atritada pelo solo.
 Finalmente, essa lavoura responde aos votos do cobiçoso
 agricultor, que duas vezes sentiu o sol, duas vezes as friagens;
 imensas colheitas romperam-lhe os celeiros.
 50 Mas antes que cortemos planície ignota com ferro,
 que seja nosso cuidado estudar os ventos e a variação do céu,
 e também os cultivos pátrios e os manejos dos lugares,
 e o que cada área produz e o que cada rejeita.
 Aqui os campos de trigo, ali as uvas vigoram mais felizes,
 55 e mais além, frutos do arvoredado e grammas espontâneas
 enverdecem. Não vês como o Tmolus exporta seu açafão perfumado,
 a Índia o seu marfim, e os delicados sabeus seu incenso,
 mas os cálibes despidos exportam o ferro, o Ponto

castorea, Eliadum palmas Epiros equarum?
 60 *continuo has leges aeternaque foedera certis*
imposuit natura locis, quo tempore primum
Deucalion uacuum lapides iactauit in orbem,
unde homines nati, durum genus. ergo age, terrae
pingue solum primis extemplo a mensibus anni
 65 *fortes inuertant tauri, glaebasque iacentis*
puluerulenta coquat maturis solibus aestas;
at si non fuerit tellus fecunda, sub ipsum
Arcturum tenui sat erit suspendere sulco:
illic, officiant laetis ne frugibus herbae,
 70 *hic, sterilem exiguis ne deserat umor harenam.*
Alternis idem tonsas cessare noualis
et segnem patiere situ durescere campum;
aut ibi flaua seres mutato sidere farra,
unde prius laetum siliqua quassante legumen
 75 *aut tenuis fetus uiciae tristisque lupini*
sustuleris fragilis calamos siluamque sonantem.
urit enim lini campum seges, urit auenae,
urunt Lethaeo perfusa papauera somno;
sed tamen alternis facilis labor, arida tantum
 80 *ne saturare fimo pingui pudeat sola neue*
effetos cinerem immundum iactare per agros.
sic quoque mutatis requiescunt fetibus arua,
nec nulla interea est inaratae gratia terrae.
saepe etiam sterilis incendere profuit agros
 85 *atque leuem stipulam crepitantibus urere flammis:*
siue inde occultas uires et pabula terrae
pinguia concipiunt, siue illis omne per ignem
excoquitur uitium atque exsudat inutilis umor;
seu pluris calor ille uias et caeca relaxat
 90 *spiramenta, nouas ueniat qua sucus in herbas,*
seu durat magis et uenas adstringit hiantis,
ne tenues pluuiiae rapidiue potentia solis
acrior aut Boreae penetrabile frigus adurat.
multum adeo, rastris glaebas qui frangit inertis
 95 *uimineasque trahit crates, iuuat arua, neque illum*
flaua Ceres alto nequiquam spectat Olympo,
et qui, proscisso quae suscitatur aequore terga,
rursus in obliquum uerso perrumpit aratro
exercetque frequens tellurem atque imperat aruis.
 100 *Vmida solstitia atque hiemes orate serenas,*
agricolae; hiberno laetissima puluere farra,
laetus ager: nullo tantum se Mysia cultu
iactat et ipsa suas mirantur Gargara messes.
quid dicam, iacto qui semine comminus arua
 105 *insequitur cumulosque ruit male pinguis harenae,*
deinde satis fluuium inducit riuosque sequentis
et, cum exustus ager morientibus aestuat herbis,
ecce supercilio cliuosi tramitis undam

rícinos fétidos, e o Epiro as palmas das éguas elíades?
 60 Sucessivamente, a natureza estabeleceu tais leis e
 contratos eternos a lugares estipulados, desde o tempo
 em que Deucalião primeiro lançou pedras no mundo vazio,
 das quais os homens nasceram, dura raça. Então vamos!
 Já nos primeiros meses do ano, touros fortes revirem
 65 o solo fértil e que o verão empoeirado coza
 os torrões de terra expostos aos sóis vigorosos;
 mas se a terra provou ser infértil, sob o signo de
 Arcturo será bastante suspender por um leve sulco;
 lá, para que as ervas não obstruam as colheitas viçosas,
 70 cá, para que a escassa umidade não abandone o infértil terreno.
 Também alternadamente permitirás ao tosado alqueive
 descansar, e ao preguiçoso terreno endurecer com o repouso,
 ou mudada a constelação, lá semearás o louro farro,
 onde antes ergueste vagem chacoalhante de leguminosa viçosa,
 75 ou tênues brotos da ervilhaca, e caules frágeis
 de tremoços amargos e folhagens ressonantes.
 Pois a plantação de linho o campo exaure, a de aveia exaure,
 as papoulas encharcadas em sono leteu exaurem.
 Ainda alternadamente, a labuta não é fácil; só não se
 80 envergonhes de encher a terra árida com rico estrume,
 nem de lançar cinzas impuras nos solos desgastados.
 Variados os frutos, assim também os solos descansam,
 sem que nesse ínterim não haja favor do solo não lavrado.
 Também se provou útil incendiar solos inférteis com frequência,
 85 e assim queimar o frágil restolho em chamas crepitanes:
 seja porque, a partir daí, os terrenos recebem forças ocultas e
 pastos nutritivos; seja porque todo vício é deles derretido
 pelo fogo e toda umidade inútil transpire;
 ou porque esse calor relaxe muitas vias e poros
 90 invisíveis, por onde passe seiva para novos brotos,
 ou mais enrijece e aperta as veias abertas,
 para que nem chuvas leves ou a perfurante força do sol,
 nem o penetrante frio do Bóreas o consuma.
 De fato, quem esmaga os torrões inertes com ancinhos
 95 e arrasta as pérgolas de vimes ajuda os campos; e não em vão
 a loura Ceres a esse observa do alto Olimpo;
 e aquele que retalha os torrões na planície arada,
 e quem novamente atravessa com o arado virado em oblíquo,
 e frequentemente exercita a terra e comanda os campos arados.
 100 Implorai por verões úmidos e invernos tranquilos,
 lavradores; o trigo fica felicíssimo com a poeira invernal
 e o campo mais feliz: sob nenhum cultivo Mísia se vangloria tanto,
 e os Gárgaros se admiram de suas próprias colheitas.
 O que direi daquele que, lançada a semente no solo, imediatamente
 105 ataca os campos e destrói montes de areia pouco fértil,
 e então, direciona rios abundantes e córregos contínuos,
 e quando o solo ressequido queima as ervas moribundas,
 eis que obtém água corrente do cume de leitões inclinados?

elicit? illa cadens raucum per leuia murmur
 110 *saxa ciet scatebrisque arentia temperat arua.*
quid qui, ne grauidis procumbat culmus aristis,
luxuriem segetum tenera depascit in herba,
cum primum sulcos aequant sata, quique paludis
collectum umorem bibula deducit harena?
 115 *praesertim incertis si mensibus amnis abundans*
exit et obducto late tenet omnia limo,
unde cauae tepido sudant umore lacunae.
Nec tamen, haec cum sint hominumque boumque labores
uersando terram experti, nihil improbus anser
 120 *Strymoniaeque grues et amaris intiba fibris*
officiunt aut umbra nocet. pater ipse colendi
haud facilem esse uiam uoluit primusque per artem
mouit agros, curis acuens mortalia corda,
nec torpere graui passus sua regna ueterno.
 125 *ante Iouem nulli subigebant arua coloni;*
ne signare quidem aut partiri limite campum
fas erat: in medium quaerebant, ipsaque tellus
omnia liberius nullo poscente ferebat.
ille malum uirus serpentibus addidit atris
 130 *praedarique lupos iussit pontumque moueri,*
mellaque decussit foliis ignemque remouit
et passim riuis currentia uina repressit,
ut uarias usus meditando extunderet artes
paulatim et sulcis frumenti quaereret herbam,
 135 *ut silicis uenis abstrusum excuderet ignem.*
tunc alnos primum fluuuii sensere cauatas;
nauita tum stellis numeros et nomina fecit,
Pleïadas, Hyadas clarumque Lycaonis Arcton.
tum laqueis captare feras et fallere uisco
 140 *inuentum et magnos canibus circumdare saltus;*
atque alius latum funda iam uerberat amnem
alta petens, pelagoque alius trahit umida lina.
tum ferri rigor atque argutae lammina serrae
(nam primi cuneis scindebant fissile lignum),
 145 *tum uariae uenere artes. labor omnia uicit*
improbus et duris urgens in rebus egestas.
prima Ceres ferro mortalis uertere terram
instituit, cum iam glandes atque arbuta sacrae
deficerent siluae et uictum Dodona negaret.
 150 *mox et frumentis labor additus, ut mala culmos*
esset robigo segnisque horreret in aruis
carduus; intereunt segetes, subit aspera silua
lappaeque tribolique, interque nitentia culta
infelix lolium et steriles dominantur auenae.
 155 *quod nisi et adsiduis herbam insectabere rastris*
et sonitu terrebis aues et ruris opaci
falce premes umbras uotisque uocaueris imbrem,
heu magnum alterius frustra spectabis aceruum

Ela, cadente entre seixos suaves, provoca roucos
 110 murmúrios, e com regatos tempera os solos ressecados.
 Ou daquele que, para que o caule não se incline com as espigas carregadas,
 desfolha o excesso das safras na frágil planta,
 quando os brotos apenas se igualam aos sulcos,
 e quem drena a umidade acumulada do pântano com areia sedenta?
 115 Especialmente se o rio transborda abundante nos meses incertos
 e, por toda parte, mantém tudo em lama envolto,
 de onde cavos brejos transpiram com tépida umidade.
 No entanto, mesmo quando os labores de homens e bois
 tenham tudo isso testado ao cultivar o solo, algum ganso danoso,
 120 ou grous do Estrimão, ou chicórias com folhas amargas
 obstruem, ou sombra prejudica. O próprio pai quis que
 nada fácil fosse a jornada do cultivo; e primeiro, pela arte,
 agitou os campos, aguçando as mentes mortais com desvelos
 para que seus domínios espalhados não adormecessem em pesada letargia.
 125 Antes de Júpiter, nenhum colono cultivava a terra;
 nem mesmo era certo marcar ou dividir o campo
 com um limite; em comunidade obtinham, e a própria terra,
 por ninguém rogada, tudo produzia livremente.
 Ele adicionou veneno maligno às sombrias serpentes,
 130 e ordenou aos lobos saquearem e ao mar agitar-se,
 e sacudiu o mel das folhas, e removeu o fogo,
 e estancou o vinho corrente por toda parte nos riachos,
 para que, considerando a experiência, forjasse várias habilidades
 paulatinamente, e procurasse a erva de grão através dos sulcos,
 135 e extraísse fogo escondido dos poros das rochas.
 Então os rios primeiro sentiram os amieiros cavados;
 então, o marinheiro deu números e nomes às estrelas,
 as Plêiades, as Híades e a brilhante Árcion licaônia.
 Então, foi descoberto como caçar feras com armadilhas,
 140 ludibriar com visgo e circular as grandes clareiras com cães;
 enquanto um já açoita o largo rio com a tarrafa,
 buscando o fundo, outro arrasta no mar as úmidas linhas,
 então, o rigor do ferro e também a lâmina da serra afiada
 (pois os primeiros com cunhas cortavam a madeira fendida),
 145 então, várias artes vieram. A labuta impiedosa subjugou
 todas as coisas, e a premente necessidade as questões sérias.
 Ceres primeiro instituiu que os mortais revirassem a terra
 com o ferro, quando as glandes e os medronheiros do bosque
 sagrado já escasseassem, e Dodona negasse o alimento.
 150 Logo o trabalho se somou aos grãos, como o nocivo mofo
 que consumia os caules e o preguiçoso cardo que tremia
 nas roças: searas perecem, uma selva grosseira de bardanas e
 abrolhos se ergue, e entre os prósperos campos,
 o infeliz joio e as aveias estéreis exercem domínio.
 155 Porque se não perseguires assiduamente a erva com enxadas,
 e assustares as aves com barulho, e da roça opaca
 podares à foice as sombras e tenhas invocado a chuva com votos,
 oh! em vão o grande estoque do outro observarás,

concussaue famem in siluis solabere quercu.
 160 *Dicendum et quae sint duris agrestibus arma,*
quis sine nec potuere seri nec surgere messes:
uomis et inflexi primum graue robur aratri
tardaue Eleusinae matris uoluentia plaustra
tribulaue traheaeque et iniquo pondere rastri,
 165 *uirgea praeterea Celei uilisque supellex,*
arbuteae crates et mystica uannus Iacchi;
omnia quae multo ante memor prouisa repones,
si te digna manet diuini gloria ruris.
continuo in siluis magna ui flexa domatur
 170 *in burim et curui formam accipit ulmus aratri;*
huic a stirpe pedes temo protentus in octo,
binas aures, duplici aptantur dentalia dorso.
caeditur et tilia ante iugo leuis altaue fagus
stiuaque, quae currus a tergo torqueat imos,
 175 *et suspensa focus explorat robora fumus.*
Possunt multa tibi ueterum praecepta referre,
ni refugis tenuisque piget cognoscere curas.
area cum primis ingenti aequanda cylindro
et uertenda manu et creta solidanda tenaci,
 180 *ne subeant herbae neu puluere uicta fatiscat.*
tum uariae inludunt pestes: saepe exiguus mus
sub terris posuitque domos atque horrea fecit,
aut oculis capti fodere cubilia talpae,
inuentusque cauis bufo et quae plurima terrae
 185 *monstra ferunt, populatque ingentem farris aceruum*
curculio atque inopi metuens formica senectae.
contemplator item, cum se nux plurima siluis
includit in florem et ramos curuabit olentis:
si superant fetus, pariter frumenta sequentur,
 190 *magnaue cum magno ueniet tritura calore;*
at si luxuria foliorum exuberat umbra,
nequiquam pinguis palea teret area culmos.
semina uidi equidem multos medicare serentis
et nitro prius et nigra perfundere amurca,
 195 *grandior ut fetus siliquis fallacibus esset*
et quamuis igni exiguo properata maderent.
uidi lecta diu et multo spectata labore
degenerare tamen, ni uis humana quotannis
maxima quaeque manu legeret: sic omnia fatis
 200 *in peius ruere ac retro sublapsa referri,*
non aliter quam qui aduerso uix flumine lembum
remigiis subigit, si brachia forte remisit,
atque illum in praeceps prono rapit alueus amni.
Praeterea tam sunt Arcturi sidera nobis
 205 *Haedorumque dies seruandi et lucidus Anguis,*
quam quibus in patriam uentosa per aequora uectis
Pontus et ostriferi fauces temptantur Abydi.
Libra die somnique pares ubi fecerit horas

e consolarás a fome com o carvalho sacudido nas selvas.
 160 Deve ser dito quais sejam as armas dos vigorosos lavradores,
 sem as quais nem semear nem crescer colheitas puderam:
 primeiro, a relha e o pesado carvalho do arado inflexo,
 e as lentas carroças rolantes da mãe eleusina,
 e trilhos, e arrastos, e enxadas de peso desmedido;
 165 além disso, os vimeiros de Celeu e os vis utensílios,
 as grades de medronheiro, e a mística cesta de Iaco;
 tudo que, previsto muito antes, atento armazenarás,
 se a merecida glória do divino campo espera por ti.
 Continuamente, nas matas, o olmeiro flexionado por grande força
 170 é dominado em viga e aceita a forma de arado curvo.
 A esse, um eixo estendido do tronco a oito pés,
 duas orelhas, dentais de dorso duplo são adaptados.
 São talhadas antes a leve tília ou a alta faia para o jugo
 e um cabo que gira as extremidades do arado por trás,
 175 e a fumaça prova os carvalhos suspensos sobre as lareiras.
 Posso referir-te muitos preceitos dos ancestrais,
 se não refugas e nem conhecer pequenos cuidados te aborrece.
 Em primeiro lugar, que a eira seja igualada com um grande cilindro
 e remexida com as mãos, e solidificada com tenaz argila,
 180 para que não surjam as ervas e nem se fenda, vencida pela poeira,
 e então várias pragas o enganem: frequentemente, exíguo rato
 montou sob a terra sua casa e também construiu celeiro,
 ou as toupeiras privadas de olhos cavaram suas alcovas,
 e o sapo encontrado nos ocos, e muitos monstros que a terra
 185 produz, e o gorgulho devasta grande estoque de grãos,
 assim como a formiga, receando a escassez da velhice.
 Observa também quando, nas matas, as nogueiras se vestirem
 espessamente em flor, e arquearem seus ramos cheirosos:
 se os frutos abundam, igualmente os grãos seguirão,
 190 e grande debulha virá com grande calor;
 mas se a extravagância de folhas exuberar em sombra,
 em vão o chão desgastará os colmos ricos em palha.
 Vi de fato muitos, semeando, medicarem as sementes,
 e primeiro molharem com nitro e negra borra,
 195 para que o grão fosse maior nas enganosas vagens
 e, embora em fogo exíguo, rapidamente cozinhassem.
 Vi-as, por muito tempo escolhidas e testadas com muito esforço
 e mesmo assim se degenerarem, se a força humana ano a ano
 não selecionasse todas as maiores com as mãos: assim, por destino,
 200 tudo avança para o pior e ruindo, é conduzido em retrocesso,
 não diferente daquele que, adverso ao rio, dificilmente
 subjuga o barco com remos; se por acaso relaxou os braços,
 também ele a corrente arrasta ao precipício do ingreme rio.
 Em adição, tanto as estrelas do Arcturo, os dias dos Cabritos
 205 e a brilhante Hidra devem ser, por nós, observadas,
 quanto aqueles carregados à pátria por mares inconstantes,
 examinados o Ponto e os estreitos ostríferos de Abido.
 Quando Libra tornar as horas do dia e do sono iguais,

et medium luci atque umbris iam diuidit orbem,
 210 *exercete, uiri, tauros, serite hordea campis*
usque sub extremum brumae intractabilis imbrem;
nec non et lini segetem et Cereale papauer
tempus humo tegere et iamdudum incumbere aratris,
dum sicca tellure licet, dum nubila pendent.
 215 *uere fabis satio; tum te quoque, medica, putres*
accipiunt sulci et milio uenit annua cura,
candidus auratis aperit cum cornibus annum
Taurus, et aduerso cedens Canis occidit astro.
at si triticeam in messem robustaque farra
 220 *exercebis humum solisque instabis aristas,*
ante tibi Eoae Atlantides abscondantur
Cnosiaque ardentis decedat stella Coronae,
debita quam sulcis committas semina quamque
inuitae properes anni spem credere terrae.
 225 *multi ante occasum Maiaae coepere; sed illos*
exspectata seges uanis elusit auenis.
si uero uiciamque seres uilemque phaselum
nec Pelusiaca curam aspernabere lentis,
haud obscura cadens mittet tibi signa Bootes:
 230 *incipere et ad medias sementem extende pruinas.*
Idcirco certis dimensum partibus orbem
per duodena regit mundi sol aureus astra.
quinque tenent caelum zonae: quarum una corusco
semper sole rubens et torrida semper ab igni;
 235 *quam circum extremae dextra laeuaque trahuntur*
caeruleae, glacie concretae atque imbribus atris;
has inter mediamque duae mortalibus aegris
munere concessae diuum, et uia secta per ambas,
obliquus qua se signorum uerteret ordo.
 240 *mundus, ut ad Scythiam Rhiphaeasque arduus arces*
consurgit, premitur Libyae deuexus in Austros.
hic uertex nobis semper sublimis; at illum
sub pedibus Styx atra uidet Manesque profundi.
maximus hic flexu sinuoso elabitur Anguis
 245 *circum perque duas in morem fluminis Arctos,*
Arctos Oceani metuentes aequore tingi.
illic, ut perhibent, aut intempesta silet nox
semper et obtenta densentur nocte tenebrae,
aut redit a nobis Aurora diemque reducit;
 250 *nosque ubi primus equis Oriens adflauit anhelis,*
illic sera rubens accendit lumina Vesper.
hinc tempestates dubio praediscere caelo
possumus, hinc messisque diem tempusque serendi,
et quando infidum remis impellere marmor
 255 *conueniat, quando armatas deducere classis*
aut tempestiuam siluis euertere pinum:
nec frustra signorum obitus speculamur et ortus
temporibusque parem diuersis quattuor annum.

e já dividir o globo ao meio em luz e sombras,
 210 exercitai os touros, homens, semeai a cevada nos campos,
 até antes da última chuva do intratável inverno;
 do mesmo modo, é tempo de esconder a safra de linho e
 a papoula de Ceres com terra, e de inclinar-se de uma vez sobre os arados,
 enquanto a terra seca permite, enquanto as nuvens pendem.
 215 Na primavera, o plantio da fava; então os sulcos pútridos aceitam
 também a ti, planta média, e o cuidado anual com o milho chega,
 quando o Touro cintilante com chifres dourados abre o ano,
 e o Cão, cedendo à constelação oposta, desaparece.
 Porém, se para colheita de trigo e de espelta robusta
 220 exercitares o solo, e se insistires apenas por espigas,
 que as Atlântides de Eoo sejam escondidas de ti,
 e que a gnósia estrela de Coroa ardente se retire antes
 de lançares as devidas sementes aos sulcos e te precipitares
 em confiar à relutante terra a esperança do ano.
 225 Muitos iniciaram antes do ocaso de Maia; mas
 a esperada safra a esses enganou com vãs aveias.
 Se com efeito semeares a ervilhaca e o vil feijão
 e não recusares cuidado às lentilhas pelusíacas,
 Boieiro poente enviará sinais nada obscuros a ti:
 230 começa, e estende seu plantio até o meio das geadas.
 Em razão disso, o áureo Sol governa o globo
 medido em divisões fixas pelos doze astros do mundo.
 Cinco zonas regem o céu: uma dessas está sempre abrasada
 pelo sol reluzente, e sempre estorricada pelo fogo;
 235 ao redor dessa, as extremidades são estendidas à esquerda e à direita,
 endurecidas pelo gelo cerúleo e também por negras chuvas;
 e entre elas, no centro, duas concedidas aos míseros mortais
 por graça divina, e uma via cortada entre ambas,
 por onde a fileira oblíqua das constelações revolvesse.
 240 Assim como o mundo imponente se eleva em direção à Cítia e
 aos cumes rifeus, declinando pressiona os austros da Líbia.
 Cá, um polo está sempre elevado para nós; mas a Estige negra
 e os Manes profundos olham aquele sob os nossos pés.
 Cá, a grande Hidra desliza ao redor em curva sinuosa
 245 e pelas duas Árctons, como o curso de um rio,
 Árctons temerosas de serem banhadas na água do Oceano.
 Lá, como afirmam, ou a noite mais escura sempre silencia,
 e trevas são condensadas na noite demorada;
 ou a Aurora de nós regressa e restaura o dia,
 250 e quando o primeiro Oriente nos soprou com cavalos ofegantes,
 lá a rubra Vesper acende seus lumes tardios.
 Daí, podemos prever as tempestades no céu dúbio,
 daí também o tempo de plantio e dia de colheita,
 e quando convém avançar sobre o traiçoeiro mar
 255 com remos, quando lançar as frotas armadas,
 ou abater o pinho sazornado nas selvas;
 não em vão observamos o nascimento e o ocaso das constelações,
 e o ano igualmente dividido em quatro diferentes estações.

Frigidus agricolam si quando continet imber,
 260 *multa, forent quae mox caelo properanda sereno,*
maturare datur: durum procludit arator
uomeris obtunsi dentem, cauat arbore lintres,
aut pecori signum aut numeros impressit aceruis.
exacuunt alii uallos furcasque bicornis
 265 *atque Amerina parant lentae retinacula uiti.*
nunc facilis rubea texatur fiscina uirga,
nunc torrete igni fruges, nunc frangite saxo.
quippe etiam festis quaedam exercere diebus
fas et iura sinunt: riuos deducere nulla
 270 *religio uetuit, segeti praetendere saepem,*
insidias auibus moliri, incendere uepres
balantumque gregem fluuio mersare salubri.
saepe oleo tardi costas agitator aselli
uilibus aut onerat pomis, lapidemque reuertens
 275 *incusum aut atrae massam picis urbe reportat.*
Ipsa dies alios alio dedit ordine luna
felicitis operum. quintam fuge: pallidus Orcus
Eumenidesque satae; tum partu Terra nefando
Coeumque Iapetumque creat saeuumque Typhoea
 280 *et coniuratos caelum rescindere fratres.*
ter sunt conati imponere Pelio Ossam
scilicet, atque Ossae frondosum inuoluere Olympum;
ter pater exstructos disiecit fulmine montis.
septima post decimam felix et ponere uitem
 285 *et prensos domitare boues et licia telae*
addere. nona fugae melior, contraria furtis.
Multa adeo gelida melius se nocte dedere
aut cum sole nouo terras inrorat Eous.
nocte leues melius stipulae, nocte arida prata
 290 *tendentur, noctes lentus non deficit umor.*
et quidam seros hiberni ad luminis ignes
peruigilat ferroque faces inspicat acuto;
interea longum cantu solata laborem
arguto coniunx percurrit pectine telas
 295 *aut dulcis musti Volcano decoquit umorem*
et foliis undam trepidi despumat aëni.
at rubicunda Ceres medio succiditur aestu
et medio tostas aestu terit area fruges.
nudus ara, sere nudus. hiems ignaua colono:
 300 *frigoribus parto agricolae plerumque fruuntur*
mutuaque inter se laeti conuiuia curant;
inuitat genialis hiems curasque resoluit,
ceu pressae cum iam portum tetigere carinae,
puppibus et laeti nautae imposuere coronas.
 305 *sed tamen et quernas glandes tum stringere tempus*
et lauri bacas oleamque cruentaque myrta,
tum gruibus pedicas et retia ponere ceruis
auritosque sequi lepores, tum figere dammas

Se a chuva fria a qualquer momento retém o agricultor,
 260 é possível adiantar muito do que apressado se fizesse
 no sereno céu: o lavrador forja o dente duro
 da charrua obtusa, escava tinas nas árvores,
 carimbou sinal no rebanho ou números nas pilhas de grão.
 Outros apontam estacas e forquilhas bicornes,
 265 e também preparam cordões amerinos para a vinha tenra.
 Agora, leve cesta seja tecida com ramo rúbeo;
 agora, torrai os grãos no fogo; agora, triturai na pedra.
 De fato, mesmo nos dias feriados, as leis divinas e humanas
 permitem executar certas coisas: nenhuma religião
 270 vetou desviar riachos, esticar cerca à seara,
 construir armadilhas para as aves, incendiar espinheiros,
 e mergulhar no rio salubre o rebanho balante.
 Frequentemente, o cocheiro carrega os flancos do vagaroso asno
 com azeite ou frutas vis, e retornando da cidade,
 275 carrega pedra forjada ou carga de piche preto.
 A própria Lua designou outros dias favoráveis à outra ordem
 de trabalhos. Foge do quinto: o pálido Orco e as Eumênides
 nele foram nascidos; então a Terra, em um parto
 nefando, dá luz a Ceu, Jápeto e ao feroz Tifeu,
 280 e os irmãos conjurados a destruir o céu.
 Três vezes tentaram impor o Ossa ao Pélío,
 sem dúvida, e rolar o frondoso Olimpo sobre o Ossa;
 três vezes o pai com raio desmoronou montes proeminentes.
 O décimo sétimo é favorável tanto para plantar a vinha
 285 quanto para domar bois capturados, e as linhas no tear
 adicionar. O nono é melhor para fuga, contrário aos furtos.
 De fato, muitas coisas são melhor realizadas na noite gélida,
 ou quando Eoo orvalha os campos ao novo sol.
 À noite, as palhas leves, à noite, os prados secos são
 290 melhor cortados, a umidade lenta não falha nas noites.
 E alguém ante os tardios fogos de luz invernal
 vigia, e afia as tochas a ferro penetrante.
 Enquanto isso, a esposa, confortada na sua longa labuta
 pelo canto, percorre suas tramas com pente melodioso,
 295 ou ferve a mistura do mosto doce ao Vulcano,
 e com folhas remove a espuma do trépido bronze.
 Mas a rubra Ceres é ceifada em pleno verão,
 e em pleno verão a eira desgasta os grãos tostados.
 Despido ara, semeia despido. O inverno é ocioso para o colono:
 300 geralmente, os agricultores desfrutam de sua produção no frio
 e felizes, preparam mutuamente festas entre si.
 O inverno animado encoraja e dissipa as preocupações,
 como quando navios sobrecarregados já alcançaram o porto,
 e os nautas felizes colocaram coroas nas popas.
 305 No entanto, é tempo também de arrancar as bolotas de carvalho
 e as bagas do loureiro, a azeitona e os cruentos mirtos,
 também de montar armadilhas para os groues, e redes para os cervos
 e seguir as lebres orelhudas, e também de perfurar as corças

*stuppea torquentem Balearis uerbera fundae,
 310 cum nix alta iacet, glaciem cum flumina trudent.
 Quid tempestates autumni et sidera dicam,
 atque, ubi iam breuiorque dies et mollior aestas,
 quae uigilanda uiris? uel cum ruit imbriferum uer,
 spicea iam campis cum messis inhorruit et cum
 315 frumenta in uiridi stipula lactentia turgent?
 saepe ego, cum flauis messorum induceret aruis
 agricola et fragili iam stringeret hordea culmo,
 omnia uentorum concurrere proelia uidi,
 quae grauidam late segetem ab radicibus imis
 320 sublimem expulsam eruerent: ita turbine nigro
 ferret hiems culmumque leuem stipulasque uolantes.
 saepe etiam immensum caelo uenit agmen aquarum,
 et foedam glomerant tempestatem imbribus atris
 collectae ex alto nubes: ruit arduus aether
 325 et pluuia ingenti sata laeta boumque labores
 diluit; impleuntur fossae et caua flumina crescunt
 cum sonitu feruetque fretis spirantibus aequor.
 ipse pater media nimborum in nocte corusca
 fulmina molitur dextra, quo maxima motu
 330 terra tremat; fugere ferae et mortalia corda
 per gentes humilis strauit pavor; ille flagranti
 aut Atho aut Rhodopen aut alta Ceraunia telo
 deicit; ingeminant Austri et densissimus imber;
 nunc nemora ingenti uento, nunc litora plangunt.
 335 hoc metuens caeli menses et sidera serua,
 frigida Saturni sese quo stella receptet,
 quos ignis caelo Cyllenius erret in orbis.
 in primis uenerare deos atque annua magna
 sacra refer Cereri laetis operatus in herbis
 340 extremae sub casum hiemis, iam uere sereno.
 tum pingues agni et tum mollissima uina,
 tum somni dulces densaeque in montibus umbrae.
 cuncta tibi Cererem pubes agrestis adoret:
 cui tu lacte fauos et miti dilue Baccho,
 345 terque nouas circum felix eat hostia fruges,
 omnis quam chorus et socii comitentur ouantes
 et Cererem clamore uocent in tecta; neque ante
 falcem maturis quisquam supponat aristis,
 quam Cereri torta redimitus tempora quercu
 350 det motus incompósitos et carmina dicat.
 Atque haec ut certis possemus discere signis,
 aestusque pluuiasque et agentis frigora uentos,
 ipse pater statuit quid menstrua luna moneret,
 quo signo caderent Austri, quid saepe uidentes
 355 agricolae propius stabulis armenta tenerent.
 continuo uentis surgentibus aut freta ponti
 incipiunt agitata tumescere et aridus altis
 montibus audiri fragor, aut resonantia longe*

arremessando as cordas de estopa da funda balear,
 310 quando a neve profunda abunda, quando os rios carregam o gelo.
 O que direi das tempestades e constelações do outono,
 e quando o dia já mais breve e o verão mais manso,
 o que deve ser vigiado pelos homens? Ou quando a primavera chuvosa
 desaba, quando a colheita de espigas já despontou nos campos,
 315 e quando os grãos suculentos inturgescem no fresco talo?
 Frequentemente, embora o lavrador conduzisse o ceifeiro
 para os campos dourados, e já despojasse a cevada do colmo frágil,
 eu vi todos os combates dos ventos coincidirem,
 de tal forma que arrancaram amplamente a colheita pesada de suas raízes
 320 profundas, lançada ao alto: assim, em negro redemoinho
 a tempestade carregava tanto o colmo leve quanto os restolhos voantes.
 Também frequentemente, a imensa hoste de águas avança pelo céu
 e as nuvens aglomeradas do mar acumulam tempestade horrenda
 de negras chuvas; o imponente éter rui e com chuva ingente
 325 encharca as felizes lavouras e os labores dos bois;
 valas são preenchidas e os cavos rios transbordam
 com um bramido, e o mar ferve nos estreitos agitados.
 O próprio Pai, no meio de uma noite de tempestades,
 lança relâmpagos de sua destra reluzente; com tal impulso,
 330 a terra inteira treme, as feras fugiram e pavor humilde prostrou
 os corações mortais entre os povos; ele, com flamejante dardo,
 atinge o monte Atos, ou Ródope ou os altos Cerâunios;
 redobram os Austros e a mais densa chuva;
 ora as matas, ora as praias lamentam sob o vento ingente.
 335 Isso temendo, os meses e as constelações do céu observa,
 onde a frígida estrela de Saturno se acolha,
 por quais regiões do céu o Cilênio de fogo vague.
 Antes de tudo, venera os deuses, e também cumpre os votos
 anuais à magna Ceres, celebrados em gramas alegres,
 340 sob o ocaso do inverno extremo, já na serena primavera.
 Então, os cordeiros são gordos, e então, os vinhos são mais suaves,
 então, os sons são doces e as sombras densas nos montes.
 Que toda a juventude agreste para ti adore a Ceres:
 para quem dilui tu o mel em leite e suave Baco,
 345 e três vezes o propício sacrifício circunde as colheitas frescas,
 a quem todo o coro e companhias exultantes acompanhem
 e invoquem Ceres aos lares com clamor: e que ninguém
 coloque sua foíce sobre as espigas maduras antes que,
 ornada a tēpora com carvalho torcido, a Ceres
 350 dedique desajeitadas danças e entoe canções.
 E além disso, para que possamos, por sinais certos, discernir
 tanto o calor quanto a chuva, e os ventos agentes dos frios,
 o próprio pai estabeleceu o que a mensal lua adverte,
 sob qual estrela caem os Austros, o que os agricultores sempre
 355 percebendo, mantêm os rebanhos próximos dos estábulos.
 Continuamente, pelos ventos surgentes, ora os estreitos do mar
 começam a intumescer-se agitados, e estrondo seco a ser ouvido
 nos altos montes, ora as praias começam a misturar-se

litora misceri et nemorum increbrescere murmur.
 360 iam sibi tum a curuis male temperat unda carinis,
 cum medio celeres reuolant ex aequore mergi
 clamoremque ferunt ad litora, cumque marinae
 in sicco ludunt fulicae, notasque paludes
 deserit atque altam supra uolat ardea nubem.
 365 saepe etiam stellas uento impendente uidebis
 praecipites caelo labi, noctisque per umbram
 flammaram longos a tergo albescere tractus,
 saepe leuem paleam et frondes uolitare caducas
 aut summa nantis in aqua concludere plumas.
 370 at Boreae de parte trucis cum fulminat et cum
 Eurique Zephyrique tonat domus, omnia plenis
 rura natant fossis atque omnis nauita ponto
 umida uela legit. numquam imprudentibus imber
 obfuit: aut illum surgentem uallibus imis
 375 aëriae fugere grues, aut bucula caelum
 suspiciens patulis captauit naribus auras,
 aut arguta lacus circumuolitaui hirundo
 et ueterem in limo ranae cecinere querelam.
 saepius et tectis penetralibus extulit oua
 380 angustum formica terens iter, et bibit ingens
 arcus, et e pastu decedens agmine magno
 coruorum increpuit densis exercitus alis.
 iam uariae pelagi uolucres et quae Asia circum
 dulcibus in stagnis rimantur prata Caystri
 385 certatim largos umeris infundere rores:
 nunc caput obiectare fretis, nunc currere in undas
 et studio incassum uideas gestire lauandi;
 tum cornix plena pluuiam uocat improba uoce
 et sola in sicca secum spatiat harena.
 390 ne nocturna quidem carpentes pensa puellae
 nesciuere hiemem, testa cum ardente uiderent
 scintillare oleum et putris concrecere fungos.
 Nec minus ex imbri soles et aperta serena
 prospicere et certis poteris cognoscere signis:
 395 nam neque tum stellis acies obtusa uidetur,
 nec fratris radiis obnoxia surgere Luna,
 tenuia nec lanae per caelum uellera ferri;
 non tepidum ad solem pinnae in litore pandunt
 dilectae Thetidi alcyones, non ore solutos
 400 immundi meminere sues iactare maniplos.
 at nebulae magis ima petunt campoque recumbunt,
 solis et occasum seruans de culmine summo
 nequiquam seros exercet noctua cantus.
 apparet liquido sublimis in aëre Nisus,
 405 et pro purpureo poenas dat Scylla capillo:
 quacumque illa leuem fugiens secat aethera pinnis,
 ecce inimicus atrox magno stridore per auras
 insequitur Nisus; qua se fert Nisus ad auras,

ao eco distante e o murmúrio das matas a intensificar-se.
 360 Então já a onda mal se abstém das quilhas curvadas,
 quando os velozes mergulhões revoam do alto-mar,
 trazendo gritaria às praias, e quando as gaivotas marinhas
 no seco brincam, e de pântanos conhecidos
 a garça deserta e voa sobre a alta nuvem.
 365 Sempre verás também, com vento iminente, estrelas
 precipitadas a deslizar no céu e, pela sombra da noite,
 empalidecerem longos rastros de flamas nas caudas;
 muitas vezes, palha leve e folhagens caducas a voitar,
 ou na superfície da água, plumas flutuantes brincarem.
 370 Mas quando relampeja da região do austero Bóreas,
 e quando a casa de Euro e a de Zéfiro ressoa, todos os campos
 flutuam em valas repletas, e todo marinheiro enrola úmidas
 velas no mar. A chuva nunca lesou de improviso:
 ou os grous aéreos, surgindo dos mais profundos vales,
 375 dela fugiram, ou a novilha, suspeitando do céu,
 farejou os ares com narinas bem abertas,
 ou a melodiosa andorinha volitou ao redor dos lagos,
 e as rãs na lama coaxaram sua velha querela.
 Ainda mais comum, a formiga, desgastando caminho estreito,
 380 retirou os ovos dos recônditos tetos, e o grande arco-íris
 apareceu, e o exército de corvos, retornando do pasto
 em grande bando com densas asas, grasnou.
 Já as várias aves do mar e as que vasculham os prados
 na Ásia, ao redor dos frescos lagos do Caistro –
 385 avidamente a respingar generosas gotas nos ombros,
 ora a mergulhar a cabeça nas águas as verias, ora a correr para as ondas,
 e a gesticular com zelo de se lavarem em vão.
 Então a gralha invoca a chuva com plena e incansável voz,
 e solitária, passeia consigo mesma pela árida areia.
 390 Nem mesmo as moças, desenredando seus trabalhos noturnos,
 desconhecera a tempestade, quando viram cintilar o óleo
 na candeia ardente, e endurecerem os pútridos bores.
 E não menos, dias ensolarados depois da chuva poderás prever,
 e por certos sinais reconhecer o bom tempo sem nuvens:
 395 pois não se vê, então, a nitidez enfraquecida nas estrelas,
 nem a Lua surgir dependente dos raios do irmão,
 nem tênues flocos de lã serem carregados pelo céu;
 os alcões, por Tétis estimados, já não expandem suas asas
 na costa ao sol tépido, nem os porcos imundos lembram de
 400 espalhar com o focinho os feixes descuidados.
 Mas os nevoeiros preferem baixo plano e sobre o campo se estendem,
 e do mais alto cume, observando o ocaso do sol,
 a coruja em vão exerce seus tardos cantos.
 No céu limpo, Niso aparece elevado,
 405 e dá à Cila punição pelo purpúreo cabelo:
 fugindo, ela corta o leve éter com as asas, mas por toda parte,
 eis Niso, o inimigo atroz, que com grande estridor, persegue-a
 pelos ares; por onde Niso se lança sobre os ares,

illa leuem fugiens raptim secat aethera pinnis.
 410 tum liquidas corui presso ter gutture uoces
 aut quater ingeminant et saepe cubilibus altis
 nescio qua praeter solitum dulcedine laeti
 inter se in foliis strepitant: iuuat imbribus actis
 progeniem paruam dulcisque reuisere nidos.
 415 haud equidem credo, quia sit diuinitus illis
 ingenium aut rerum fato prudentia maior;
 uerum ubi tempestas et caeli mobilis umor
 mutauere uias et Iuppiter uuidus Austris
 denset erant quae rara modo, et quae densa relaxat,
 420 uertuntur species animorum, et pectora motus
 nunc alios, alios dum nubila uentus agebat,
 concipiunt: hinc ille auium concentus in agris
 et laetae pecudes et ouantes gutture corui.
 Si uero solem ad rapidum lunasque sequentis
 425 ordine respicies, numquam te crastina fallat
 hora neque insidiis noctis capiere serena.
 luna reuertentis cum primum colligit ignis,
 si nigrum obscuro comprehenderit aëra cornu,
 maximus agricolis pelagoque parabitur imber;
 430 at si uirgineum suffuderit ore ruborem,
 uentus erit: uento semper rubet aurea Phoebé.
 sin ortu quarto (namque is certissimus auctor)
 pura neque obtensis per caelum cornibus ibit,
 totus et ille dies et qui nascentur ab illo
 435 exactum ad mensem pluuiam uentisque carebunt,
 uotaque seruati soluent in litore nauatae
 Glauco et Panopeae et Inoo Melicertae.
 Sol quoque et exoriens et cum se condet in undas
 signa dabit: solem certissima signa sequentur,
 440 et quae mane refert et quae surgentibus astris.
 ille ubi nascentem maculis uariauerit ortum
 conditus in nubem medioque refugerit orbe,
 suspecti tibi sint imbres: namque urget ab alto
 arboribusque satisque Notus pecorique sinister.
 445 aut ubi sub lucem densa inter nubila sese
 diuersi rumpent radii, aut ubi pallida surget
 Tithoni croceum linquens Aurora cubile,
 heu, male tum mitis defendet pampinus uuas:
 tam multa in tectis crepitans salit horrida grando.
 450 hoc etiam, emenso cum iam decedit Olympo,
 profuerit meminisse magis; nam saepe uidemus
 ipsius in uultu uarios errare colores:
 caeruleus pluuiam denuntiat, igneus Euros;
 sin maculae incipiunt rutilo immiscerier igni,
 455 omnia tum pariter uento nimisque uidebis
 feruere: non illa quisquam me nocte per altum
 ire neque a terra moueat conuelleré funem.
 at si, cum referetque diem condetque relatum,

ela avidamente corta o leve éter com as asas, fugindo.
 410 Então, três ou quatro vezes os corvos redobram notas límpidas
 na garganta oprimida e com frequência, dos altos ninhos,
 alegres além do hábito e com doçura que desconheço,
 chilreiam entre si nas folhas; rever os doces ninhos
 e a pequena prole, passadas as chuvas, agrada-os.
 415 De fato, não creio que haja neles engenho divino
 ou maior previsão das coisas por destino;
 com efeito, quando o tempo e a umidade mutável do céu
 mudaram rotas e Júpiter, encharcado pelos Austros, condensa
 o que era recentemente raro, e afrouxa o que era denso,
 420 os aspectos das mentes são alterados, e os peitos acolhem agora
 outros impulsos, diferentes daqueles de quando o vento agitava
 as nuvens: por causa disso, aquela harmonia dos pássaros nos campos,
 e as reses felizes, e corvos exultando com a garganta.
 Se realmente observares o ágil sol e as luas sequentes
 425 em ordem, a hora de amanhã nunca te enganará,
 e nem por insídias da noite serena serás iludido.
 Quando a lua primeiro reúne os fogos revertentes,
 se tiver envolvido o escuro ar com obscuro chifre,
 chuva máxima será preparada para os agricultores e o mar;
 430 mas se tiver vertido virgíneo rubor na face,
 brisa será: a áurea Febe sempre cora ao vento.
 Mas se no quarto nascimento (esse indício de fato é mais certo)
 avançar clara pelo céu, e não em chifres embotados,
 todo esse dia e os que surgirem a partir desse até
 435 acabado o mês, serão sem chuva e ventos,
 e nautas poupados pagarão seus votos na praia
 a Glauco, a Panopeia e também a Melicerta de Ino.
 O sol, nascente ou quando se esconde nas ondas,
 também dará sinais: os mais certos sinais seguem o sol,
 440 tanto os que traz de manhã quanto com os astros ressurgentes.
 Quando, surgindo no orto, ele tiver variegado com manchas,
 e tiver escapado escondido numa nuvem em meio disco,
 as chuvas te sejam suspeitas: pois o Noto sinistro
 do alto urge sobre árvores, searas e rebanho.
 445 Ou quando, sob o alvorecer, raios divergentes se
 romperem dentre densas nuvens, ou quando a Aurora
 surgir pálida, largando o leito cróceo de Titono,
 ah, então a parra mal defenderá delicadas uvas:
 enquanto horrendo granizo muito pulula, crepitando nos tetos.
 450 Isto também, quando já se retira, atravessado o Olimpo,
 muito útil será lembrar disto; pois sempre vemos
 na sua face várias cores vagarem:
 o cerúleo denuncia a chuva, o igneo, os Euros;
 mas se as manchas começam a ser misturadas ao avermelhado fogo,
 455 então verás tudo ferver igualmente com vento
 e tempestades: ninguém me aconselhe a avançar pelo mar,
 nem da terra arrancar cabo em noite assim.
 Mas se, quando restaurar o dia e ocultar o que foi restaurado,

lucidus orbis erit, frustra terreberè nimbis
 460 *et claro siluas cernes Aquilone moueri.*
denique, quid Vesper serus uehat, unde serenas
uentus agat nubes, quid cogitet umidus Auster;
sol tibi signa dabit. solem quis dicere falsum
audeat? ille etiam caecos instare tumultus
 465 *saepe monet fraudemque et operta tumescere bella.*
ille etiam exstincto miseratus Caesare Romam,
cum caput obscura nitidum ferrugine textit
impiaque aeternam timuerunt saecula noctem.
tempore quamquam illo tellus quoque et aequora ponti
 470 *obscaenaeque canes importunaeque uolucres*
signa dabant. quotiens Cyclopum efferuere in agros
uidimus undantem ruptis fornacibus Aetnam
flammarumque globos liquefactaque uoluere saxa!
armorum sonitum toto Germania caelo
 475 *audiit: insolitis tremuerunt motibus Alpes.*
uox quoque per lucos uulgo exaudita silentis
ingens, et simulacra modis pallentia miris
uisa sub obscurum noctis, pecudesque locutae
(infandum!); sistunt amnes terraeque dehiscunt,
 480 *et maestum inlacrimat templis ebur aeraque sudant.*
proluit insano contorquens uertice siluas
fluuiorum rex Eridanus camposque per omnis
cum stabulis armenta tulit. nec tempore eodem
tristibus aut extis fibrae apparere minaces
 485 *aut puteis manare cruor cessauit, et altae*
per noctem resonare lupis ululantibus urbes.
non alias caelo ceciderunt plura sereno
fulgura nec diri totiens arsere cometae.
ergo inter sese paribus concurrere telis
 490 *Romanas acies iterum uidere Philippi;*
nec fuit indignum superis bis sanguine nostro
Emathiam et latos Haemi pinguescere campos.
scilicet et tempus ueniet, cum finibus illis
agricola incuruo terram molitus aratro
 495 *exesa inueniet scabra robigine pila*
aut grauibus rastris galeas pulsabit inanis
grandiaque effossis mirabitur ossa sepulcris.
Di patrii Indigetes et Romule Vestaque mater,
quae Tuscum Tiberim et Romana Palatia seruas,
 500 *hunc saltem euerso iuuenem succurrere saeclo*
ne prohibete! satis iam pridem sanguine nostro
Laomedontae luimus periuria Troiae;
iam pridem nobis caeli te regia, Caesar,
inuidet atque hominum queritur curare triumphos,
 505 *quippe ubi fas uersum atque nefas: tot bella per orbem,*
tam multae scelerum facies, non ullus aratro
dignus honos, squalent abductis arua colonis,
et curuae rigidum falces conflantur in ensem.

a esfera for luminosa, em vão terás temido as tempestades,
 460 e verás matas serem movidas pelo claro Aquilão.
 Por fim, o que Vésper tardia carregue, de onde o vento
 impulsione as serenas nuvens, o que o úmido Austro cogite,
 o sol a ti dará sinais. Quem ousa dizer que o sol é falso?
 Ele também sempre adverte sobre rebeliões secretas a instarem
 465 e sobre fraude e guerras ocultas a inflamarem;
 depois de extinto César, ele também, apiedado de Roma,
 encobriu sua brilhante cabeça com obscura ferrugem,
 e os ímpios povos temeram a noite eterna.
 Naquele tempo, porém, também a terra e as superfícies do mar,
 470 e os cães infaustos e as aves agourentas davam sinais.
 Quantas vezes vimos o tremulante Etna ferver
 sobre os campos dos Ciclopes, e de suas fomalhas
 rompidas revolver globos de fogo e rochas liquefeitas!
 A Germânia, por todo céu, o som de armas ouviu:
 475 com movimentos insólitos, os Alpes estremeçeram.
 Também elevada voz foi escutada por todos nos bosques
 silentes, e pálidas imagens vistas, na escuridão da noite,
 em formas extraordinárias, e os rebanhos falaram
 (infando!); rios estancam e terras se repartem,
 480 e o lúgubre marfim lacrimeja nos templos e os bronzes suam.
 Eridano, rei dos rios, inundou as matas, contorcendo-se
 em um insano redemoinho e carregou, por todos os campos,
 rebanhos com seus estábulos. Ao mesmo tempo, não cessaram
 de aparecer filamentos ameaçadores nas tristes vísceras,
 485 nem de fluir cruor dos poços e nem as altas cidades
 de ressoarem à noite com os lobos ululantes.
 Nunca antes tantos raios caíram de um céu sereno,
 nem tantas vezes cometas sinistros queimaram.
 Assim, os filipos viram tropas romanas novamente
 490 concorrerem entre si com dardos iguais;
 nem foi indigno para os deuses fertilizar duplamente,
 com nosso sangue, a Emátia e os extensos campos do Hemo.
 Por certo, o tempo virá quando, naquelas regiões,
 o agricultor lavrando a terra com curvado arado,
 495 desenterrará dardos consumidos pela escabrosa ferrugem,
 ou esbarrará com pesadas enxadas contra elmos vazios,
 e contemplará os grandes ossos dos sepulcros escavados.
 Ó Deuses pátrios e Indígetes, Rômulo, e mãe Vesta,
 que o etrusco Tibre e o Palatino romano proteges,
 500 ao menos não proibais esse jovem de socorrer
 sua geração arruinada. Há muito tempo expiamos,
 com o nosso sangue, os perjúrios de Laomedonte de Troia;
 há muito tempo, César, a corte do céu se ressentido de nós
 por te termos e reclama por cuidares dos triunfos dos homens.
 505 De fato, no lugar do fasto está o nefasto: tantas guerras pelo mundo,
 tantas as formas dos crimes, nenhuma honra digna
 ao arado; abduzidos os colonos, as lavouras ressecam,
 e as foices curvas forjadas em rígida espada.

*hinc mouet Euphrates, illinc Germania bellum;
510 uicinae ruptis inter se legibus urbes
arma ferunt; saeuit toto Mars impius orbe:
ut cum carceribus sese effudere quadrigae,
addunt in spatia, et frustra retinacula tendens
fertur equis auriga neque audit currus habenas.*

Daqui o Eufrates agita a guerra, dali a Germânia;
510 as cidades vizinhas, rompidos os acordos entre si,
carregam armas; o ímpio Marte se enfurece por todo mundo:
como quando quadrigas se desprendem de barreiras,
avançam para a pista, e o cocheiro, em vão puxando as rédeas,
é carregado pelos cavalos, mas o carro não obedece às rédeas.

8. NOTAS EXPLICATIVAS

As notas aqui apresentadas compreendem informações mitológicas ou topográficas mencionadas nos versos no livro 1 das *Geórgicas*. Também adicionamos esclarecimentos sobre figuras políticas que aparecem no livro, como *Maecenas*, à guisa de exemplo. São notas de caráter puramente informativo que possam auxiliar o receptor no processo de leitura e compreensão dos versos. Não acrescentamos notas parafrásticas a fim de interferir o mínimo possível no processo de assimilação do texto por parte do leitor.

Quanto à organização, apresentamos as notas após a disposição dos versos em latim. Para manter uma unidade semântica, extraímos do texto original os versos de forma que comportasse, tanto quanto possível, o contexto sob o qual as informações foram empregadas no poema:

1. (v. 1-2) *Quid faciat laetas segetes, quo sidere terram
uertere, Maecenas, ulmisque adiungere uites*

Maecenas – considerado patrono das artes, Mecenas era patrono de Virgílio e de outros poetas da época de Augusto. Mecenas (*Gaius Maecenas*) pertencia a uma família de cavaleiros ricos, de origem etrusca que viviam em *Arretium* (Arezzo), no vale superior do Tibre.¹⁸¹ É aqui o destinatário explícito do poema. Mecenas era importante conselheiro de Otaviano e por seu intermédio Virgílio se familiariza com o futuro Augusto e passa a fazer parte de seu círculo social.¹⁸²

2. (v. 7) *Liber et alma Ceres, uestro si munere tellus*

Liber – divindade romana associada a Baco. Considerado também o deus da fertilidade em Roma, Liber é influenciado pela figura do Dioniso grego e está ligado à Tríade Aventina, da

¹⁸¹ Cf. GRIMAL, 1985, p. 113.

¹⁸² Cf. GALE, 2004.

qual faz parte junto com Ceres e Libera (sua equivalente feminina). O templo da Tríade Aventina, construído em 493 a.C., era um centro para os plebeus, no monte Aventino. Essa tríade vai de encontro à Tríade Capitolina cujos representantes são Júpiter, Juno e Minerva, preferência de muitos patrícios. A *Liberalia* fazia parte do culto a Líber Pater e Libera, que cuidavam da fertilidade tanto das sementes quanto de homens e mulheres. Era uma celebração à fertilidade, realizada no dia 17 de março, quando os jovens em idade adequada também assumiam a *toga libera* (*virilis*).¹⁸³ Talvez não coincidentemente, o funeral e cremação de Júlio César ocorreu em 17 de março de 44 a.C., dia de celebração da *Liberalia*. Por esta razão, ela é também associada à divinização de César e seus festejos se misturam ao culto do próprio Júlio César. Também a figura de Baco se mistura à de Júlio César à medida que este, como um novo Baco, recebe honrarias próprias de deus e, à maneira dionisiaca, sua efígie sangrenta provoca tumulto similar à omofagia própria dos rituais báquicos.¹⁸⁴

Ceres – deusa romana associada à agricultura, dividia o templo com os demais participantes da Tríade Aventina da qual era integrante. Em 19 de abril, celebrava-se nesse mesmo templo o festival *Cerealia*,¹⁸⁵ em honra dos três deuses, principalmente por plebeus que cultuavam a deusa Ceres.

3. (v. 8-11) *Chaoniam pingui glandem mutauit arista
poculaque inuentis Acheloia miscuit uuis;
et uos, agrestum praesentia numina, Fauni,
ferte simul Faunisque pedem Dryadesque puellae:*

Chaoniam – glande caônia, em referência aos frutos da Caônia, região do Epiro. Ela teria sido (junto com mel) o alimento do homem primitivo, sendo também associada aos carvalhos oraculares do deus Júpiter em Dodona (Epiro).¹⁸⁶

Acheloia – é perífrase que se relaciona às águas do Aqueloo, rio da Grécia e o mais antigo dos deuses-rios, associado também à lenda da descoberta do vinho. Seu nome era usado na poesia grega ‘*species pro genere*’ para denominar água.¹⁸⁷

Fauni – são antigas divindades italianas relacionadas às matas, à fertilidade e profecia. Associa-se ao culto de Fauno o ritual *Lupercalia* que ocorria em fevereiro. Na literatura, são

¹⁸³ Cf. MAC GÓRÁIN, 2017, p. 326.

¹⁸⁴ Cf. CAROTTA & EICKENBERG, 2011.

¹⁸⁵ Cf. MAC GÓRÁIN, *op. cit.*, p. 326.

¹⁸⁶ Cf. MYNORS, 1990, p. 4; THOMAS, 1994, p. 70.

¹⁸⁷ Cf. MYNORS, *op. cit.*, p. 4; THOMAS, *op. cit.*, p. 70.

mais comuns na poesia bucólica, e aparecem por vezes como um rei italiano ou mesmo o deus Pã.¹⁸⁸

Dryades – são as dríades, ninfas associadas à vida pastoril, tidas como o espírito guardião das árvores. As dríades, assim como os faunos, evocam o estilo bucólico da poesia pastoral.¹⁸⁹

4. (v. 12-15) *munera uestra cano; tuque o, cui prima frementem
fudit equum magno tellus percussa tridenti,
Neptune; et cultor nemorum, cui pingua Cea
ter centum niuei tondent dumeta iuenci;*

Neptune – deus dos mares (da água). Netuno aparece aqui como criador do cavalo, a partir de um golpe à terra, na Tessália. Ele tinha um santuário entre os montes Palatino e Aventino, e uma celebração a ele acontecia em 23 de julho, em pleno verão.¹⁹⁰

Cultor nemorum – habitante dos bosques, em alusão ao pastor Aristeu, filho de Apolo e da ninfa Cirene, identificado pela associação aos pastos de **Cea**, ilha do mar Egeu, onde ele pastoreava. Aristeu é creditado com o cuidado das abelhas no livro 4 das *Geórgicas*.¹⁹¹

5. (v. 16-17) *ipse nemus linquens patrium saltusque Lycaei
Pan, ouium custos, tua si tibi Maenala curae,*

Lycaei e **Maenala** – Liceu e Mênalo, tratam-se de montes da Arcádia consagrados ao deus Pã.

Pan – Pã, deus grego dos pastores e bosques, por vezes associado ao Fauno ou Silvano romanos.¹⁹²

6. (v. 18-20) *adsis, o Tegeaee, fauens, oleaeque Minerua
inuentrix, uncique puer monstrator aratri,
et teneram ab radice ferens, Siluane, cupressum:*

Tegeaee – tegeu, relacionado à Tegea, cidade árcade de culto à Pã.

Minerua – Minerva, deusa romana da sabedoria, uma das divindades da Tríade Capitolina. É denominada a inventora das oliveiras por meio de sua relação com a grega Atenas.¹⁹³

¹⁸⁸ Cf. GRIMAL, 1990; THOMAS, 1994, p. 70.

¹⁸⁹ Cf. GALE, 2004, p. 30; MYNORS, 1990, p. 5.

¹⁹⁰ Cf. GRIMAL, 1990, p. 291; MYNORS, *op. cit.*, p. 5; THOMAS, *op. cit.*, p. 70.

¹⁹¹ Cf. MYNORS, *op. cit.*, p. 6.

¹⁹² Cf. GRIMAL, *op. cit.*, p. 325.

¹⁹³ Cf. MYNORS, *op. cit.*, p. 6.

Puer monstrator – em referência a Triptólemo, creditado como ‘descobridor’ da arte do cultivo, e a quem Ceres teria ensinado o uso do arado.¹⁹⁴

Silvane – Silvano, antiga divindade itálica dos bosques, é representado empunhando ramos de cipreste como cetro, em possível alusão ao mito do menino *Cyparissus*, a quem ele era afeito, transformado em cipreste.¹⁹⁵

7. (v. 24-25) *tuque adeo, quem mox quae sint habitura deorum
concilia incertum est, urbisne inuisere, Caesar,*

Caesar – Primeira aparição de César no poema. Trata-se não de Júlio César, mas de César Augusto, o primeiro imperador romano (Otaviano, posteriormente Augusto). Otaviano, após o assassinato de seu tio Júlio César em 44 a.C., herdou seu legado político e, vencendo Marco Antônio e Cleópatra na batalha do Ácio, tornou-se o primeiro imperador romano. César Augusto é personalidade recorrente nas *Geórgicas* de Virgílio.

8. (v. 30-31) *numina sola colant, tibi seruiat ultima Thule,
teque sibi generum Tethys emat omnibus undis;*

Thule – referência à uma mítica ilha Tule no extremo norte.¹⁹⁶

Tethys – Tétis, titânide esposa do Oceano e mãe das Oceânides.

9. (v. 33-36) *qua locus Erigonem inter Chelasque sequentis
panditur: ipse tibi iam bracchia contrahit ardens
Scorpios et caeli iusta plus parte reliquit;
quidquid eris (nam te nec sperant Tartara regem,*

Erigonen – Erígone, trata-se de um nome grego para a constelação de Virgem. Erígone era filha de Icário e após perder seu pai, enforcou-se e foi transformada na constelação Virgem¹⁹⁷.

Chelae – Quelas, em referência às garras da constelação do Escorpião, que ocupam a posição de Libra. Diz-se do nascimento de Augusto, então Otaviano, que aconteceu em 23 de setembro, sob a constelação de Libra.¹⁹⁸

Tartara – Tártaro, a parte mais inferior do Hades.

¹⁹⁴ Cf. THOMAS, 1994, p. 72.

¹⁹⁵ Cf. CONINGTON, 2009, p. 147; MYNORS, 1990, p. 7.

¹⁹⁶ Cf. MYNORS, *op. cit.*, p. 9.

¹⁹⁷ Cf. GRIMAL, 1990, p. 141.

¹⁹⁸ Cf. THOMAS, *op. cit.*, p.74.

10. (v. 38-39) *quamuis Elysios miretur Graecia campos
nec repetita sequi curet Proserpina matrem),*

Graecia – uma referência à tradição poética grega.¹⁹⁹

Elysios – os Elísios, região infernal destinada aos homens bons, em oposição ao Tártaro.

Proserpina – filha de Ceres, Prosérpina é raptada por Hades (Plutão romano) que a torna rainha do mundo inferior. Prosérpina não consegue retornar ao mundo superior por ter comido uma semente de romã dada por Hades.²⁰⁰

11. (v. 43-44) *Vere nouo, gelidus canis cum montibus umor
liquitur et Zephyro putris se glaeba resoluit,*

Zephyro – Zéfiro, em referência aos ventos do Oeste.

12. (v. 56-59) *gramina. nonne uides croceos ut Tmolus odores,
India mittit ebur, molles sua tura Sabaei,
at Chalybes nudi ferrum uiroaque Pontus
castorea, Eliadum palmas Epiros equarum?*

Tmolus – Tmolo é uma montanha da Lídia, Ásia Menor, famosa por seus vinhos.²⁰¹

India – Índia é fonte de marfim para os poetas.²⁰²

Sabaei – os sabeus são os habitantes de Saba, na Arábia.

Chalybes – os cálibes são povos do Ponto Euxino que teriam supostamente descoberto o ferro.²⁰³

Pontus – o próprio Ponto Euxino (terra firme), no Mar Negro.

Epiros – o Epiro, região da Grécia conhecida pela criação de cavalos.²⁰⁴

Eliadum – elíade em alusão à Élide, região onde estava situada Olímpia, lugar onde ocorriam os jogos olímpicos.²⁰⁵

13. (v. 62-63) *Deucalion uacuum lapides iactauit in orbem,*

¹⁹⁹ Cf. THOMAS, 1994, p. 75.

²⁰⁰ Cf. CONINGTON, 2009, p.148; MYNORS, 1990, p. 9.

²⁰¹ Cf. MYNORS, *op. cit.*, p. 13.

²⁰² Cf. *Idem, ibidem*, p. 13.

²⁰³ Cf. CONINGTON, *op. cit.*, p. 150; MYNORS, *op. cit.*, p. 13; THOMAS, *op. cit.*, p. 78.

²⁰⁴ Cf. VIRGÍLIO, 2019, p. 29.

²⁰⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 29.

unde homines nati, durum genus. ergo age, terrae

Deucalion – filho de Prometeu. Segundo o mito, Deucalião e sua esposa Pirra repovoam a terra, após o dilúvio provocado por Júpiter, ao jogar pedras sobre os ombros.²⁰⁶

14. (v. 67-68) *at si non fuerit tellus fecunda, sub ipsum*

Arcturum tenui sat erit suspendere sulco:

Arcturum – estrela mais brilhante da constelação do Boieiro, Arcturo pode ser vista em setembro, surgindo antes do sol.²⁰⁷

15. (v. 77-78) *urit enim lini campum seges, urit auenae,*

urunt Lethaeo perfusa papauera somno;

Lethaeo – leteu, em associação ao rio Letes, um dos rios do Hades cujas águas provocam esquecimento. O *opium* extraído a partir da papoula era um dos mais importantes entorpecentes para os antigos.²⁰⁸

16. (v. 92-93) *ne tenues pluuiiae rapidiue potentia solis*

acrior aut Boreae penetrabile frigus adurat.

Boreae – Bóreas é o vento do norte.

17. (v. 102-103) *laetus ager: nullo tantum se Mysia cultu*

iactat et ipsa suas mirantur Gargara messes.

Mysia – província da Ásia Menor, Mísia fica no monte Ida.

Gargara – Gárgaros, um dos picos do monte Ida.

18. (v. 120-121) *Strymoniaeque grues et amaris intiba fibris*

officiunt aut umbra nocet. pater ipse colendi

Strymoniae – Estrimão é um rio entre Trácia e Macedônia. Também em Estrimão é que Orfeu lamenta a perda de sua amada Eurídice.²⁰⁹

²⁰⁶ Cf. THOMAS, 1994, p. 78.

²⁰⁷ Cf. MYNORS, 1990, p. 15.

²⁰⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 18.

²⁰⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 26.

pater – Júpiter, o pai e rei dos deuses para os romanos. A expressão *pater ipse* se repete ao longo do poema.

19. (v. 137-138) *navita tum stellis numeros et nomina fecit,
Pleïadas, Hyadas clarumque Lycaonis Arcton.*

Pleïadas – constelação sete-estrela, as Plêiades são as sete filhas de Atlas e Pleione.

Hyadas – Híades é um grupo de estrelas da constelação de Touro. Híades e Plêiades eram importantes guias para a navegação.²¹⁰

Lycaonis Arcton – Árcton licaônia, ou Árcton de Licaão, é a famosa constelação Ursa Maior, mitologicamente a metamorfose de Calisto, filha de Licaão, rei mítico da Arcádia.²¹¹

20. (v. 149) *instituit, cum iam glandes atque arbuta sacrae
deficerent silvae et uictum Dodona negaret.*

Dodona – Dodona era uma cidade do Epiro, oráculo de Júpiter.²¹²

21. (v. 163) *tarda que Eleusinae matris uoluentia plaustra*

Eleusinae matris – mãe eleusina em referência à deusa grega Deméter, Ceres na mitologia romana, que aparece aqui relacionada a um festival em Elêusis, na Ática. Elêusis foi lugar de celebração dos Mistérios Eleusinos, ritos de iniciação dedicados a Deméter, Perséfone e Dioniso.²¹³

22. (v. 165-166) *uirge praeterea Celei uilisque supellex,
arbuteae crates et mystica uannus Iacchi;*

Celei – Celeu, rei da cidade Elêusis, pai de Triptólemo.²¹⁴ Aparece aqui como o responsável por artigos de vime.²¹⁵

Iacchi – aqui Iaco aparece associado aos mistérios eleusinos, mas sua figura é comumente

²¹⁰ Cf. THOMAS, 1994, p. 91.

²¹¹ Cf. MYNORS, 1990, p. 29.

²¹² Cf. nota 3.

²¹³ Cf. MYNORS, *op. cit.*, p. 34; VIRGÍLIO, 2019, p. 38.

²¹⁴ Cf. nota 6.

²¹⁵ Cf. CONINGTON, 2009, p.160; MYNORS, *op. cit.*, p. 35; THOMAS, *op. cit.*, p. 96.

associada também a Baco e aos rituais báquicos.²¹⁶

**23. (v. 204-205) *Praeterea tam sunt Arcturi sidera nobis
Haedorumque dies seruandi et lucidus Anguis,***

Arcturi – Arcturo²¹⁷ indicaria que o outono estava próximo.

Haedorum – Cabritos são duas estrelas da constelação do Auriga que, ao surgir, podem indicar chuva e tempestades.²¹⁸

Anguis – Hidra, em referência à constelação da Serpente ou do Dragão²¹⁹.

**24. (v. 207-208) *Pontus et ostriferi fauces temptantur Abydi.
Libra die somnique pares ubi fecerit horas***

Pontus – O Ponto aqui em referência ao mesmo ponto Euxino,²²⁰ mas agora relacionado às suas águas tempestuosas²²¹.

Abydi – Abido, cidade do Helesponto, Ásia Menor.

Libra – Libra, constelação do zodíaco representada pela balança, o sol chegando em Libra marca aqui o equinócio de outono.²²²

**25. (v. 215-218) *uere fabis satio; tum te quoque, medica, putres
accipiunt sulci et milio uenit annua cura,
candidus auratis aperit cum cornibus annum
Taurus, et aduerso cedens Canis occidit astro.***

medica – uma planta perene (*Medicago sativa*), conhecida pelos nomes comuns de luzerna e alfafa, proveniente da Média.²²³

Taurus – o sol alcança a constelação do Touro. O sol alcança Touro em abril.²²⁴

Canis – constelação do Cão, que cede seu lugar à constelação do Touro.²²⁵

²¹⁶ Cf. MYNORS, 1990, p. 36; THOMAS, 1994, p. 96.

²¹⁷ Cf. nota 14.

²¹⁸ Cf. CONINGTON, 2009, p. 165; MYNORS, *op. cit.*, p. 47.

²¹⁹ Cf. MYNORS, *op. cit.*, p. 47; THOMAS, *op. cit.*, p. 103.

²²⁰ Cf. nota 12.

²²¹ Cf. MYNORS, *op. cit.*, p. 48.

²²² Cf. CONINGTON, *op. cit.*, p. 165; MYNORS, *op. cit.*, p. 48.

²²³ Cf. CONINGTON, *op. cit.*, p. 167; MYNORS, *op. cit.*, p. 50.

²²⁴ Cf. MYNORS, *op. cit.*, p. 50; THOMAS, *op. cit.*, p. 105.

²²⁵ Cf. MYNORS, *op. cit.*, p. 51; THOMAS, *op. cit.*, p. 105.

26. (v. 221-222) *ante tibi Eoae Atlantides abscondantur*

Cnosiaque ardentis decedat stella Coronae,

Eoae Atlantides – Atlântides de Eoo são as estrelas da manhã (*Eoae*)²²⁶, em referência às Plêiades.²²⁷

Cnosiaque – Gnósia em referência à Ariadne, filha do rei Minos, em Creta, cuja capital teria sido Gnosso.²²⁸

Coronae – constelação Corona, aqui associada à coroa feita por Hefesto e presenteada à Ariadne por Baco (Dioniso).²²⁹

27. (v. 225) *multi ante occasum Maiae coepere; sed illos*

Maiae – Maia, uma das Plêiades, aqui *pars pro toto*.²³⁰

28. (v. 228-229) *nec Pelusiaca curam aspernabere lentis,*

haud obscura cadens mittet tibi signa Bootes:

Pelusiaca – pelusíacas, que provém de Pelúcio, no delta do Nilo, no Egito.

Bootes – a constelação do Boieiro.

29. (v. 240-241) *mundus, ut ad Scythiam Riphaeasque arduus arces*

consurgit, premitur Libyae deuexus in Austros.

Scythiam – Cítia, região ao norte da Europa e Ásia.²³¹

Riphaeas – rifeus em referência às montanhas da Cítia.

Libyae Austros – austros²³² da Líbia, ao sul da Líbia, regiões africanas (ao norte da África).²³³

30. (v. 242-243) *hic uertex nobis semper sublimis; at illum*

sub pedibus Styx atra uidet Manesque profundi.

Styx – Estige, rio infernal.

²²⁶ Cf. MYNORS, 1990, p. 51; VIRGÍLIO, 2019, p. 43.

²²⁷ Cf. nota 19.

²²⁸ Cf. MYNORS, *op. cit.*, p. 52; THOMAS, 1994, p. 106; VIRGÍLIO, *op. cit.*, p. 43.

²²⁹ Cf. MYNORS, *op. cit.*, p. 52.

²³⁰ Cf. MYNORS, *op. cit.*, p. 53.

²³¹ Cf. MYNORS, *op. cit.*, p. 55; THOMAS, *op. cit.*, p. 109.

²³² Cf. nota 39.

²³³ Cf. MYNORS, *op. cit.*, p. 55; THOMAS, *op. cit.*, p. 109.

Manes – Manes são as almas dos mortos que estão no Hades e, em conjunto com o rio Estige, representam as regiões inferiores.²³⁴

31. (v. 244-246) *maximus hic flexu sinuoso elabitur Anguis
circum perque duas in morem fluminis **Arctos**,
Arctos Oceani metuentes aequore tingi.*

Arctos – Árctons, ou Ursas, são as constelações da Ursa Maior e da Ursa Menor.²³⁵ Sendo constelações circumpolares, elas não se põem. De acordo com a lenda grega, a Ursa Maior corresponde a Calisto, a Ursa Menor corresponde a seu filho Arcas. Calisto, segundo a lenda, foi proibida de entrar no oceano.²³⁶

32. (v. 250-251) *nosque ubi primus equis **Oriens** adflauit anhelis,
illic sera rubens accendit lumina **Vesper**.*

Oriens – Oriente, o sol nascente por extensão. Região onde surge o sol pela manhã.²³⁷

Vesper – Vésper, a estrela da tarde.

33. (v. 264-265) *exacuunt alii uallos furcasque bicornis
atque **Amerina** parant lentae retinacula uiti.*

Amerina – amerinos, em referência aos salgueiros provenientes da Améria, cidade itálica na Úmbria.²³⁸

34. (v. 277-279) *felicis operum. quintam fuge: pallidus **Orcus**
Eumenidesque satae; tum partu **Terra** nefando
Coeumque Iapetumque creat saeuumque **Typhoea***

Orcus – Orco, personificação do mundo inferior, associado sempre a Plutão, deus romano dos infernos.²³⁹

Eumenides – Eumênides são as Fúrias (Alecto, Megera, Tisífone), encarregadas de castigar

²³⁴ Cf. CONINGTON, 2009, p. 169; MYNORS, 1990, p. 56; THOMAS, 1994, p. 109.

²³⁵ Cf. nota 19.

²³⁶ Cf. MYNORS, *op. cit.*, p. 56.

²³⁷ Cf. CONINGTON, *op. cit.*, p. 170; MYNORS, *op. cit.*, p. 57.

²³⁸ Cf. MYNORS, *op. cit.*, p. 59.

²³⁹ Cf. MYNORS, *op. cit.*, p. 64; THOMAS, *op. cit.*, p. 115.

crimes (equivalente às Erínias gregas).²⁴⁰

Terra – a Terra aqui personificada, em referência à Gaia.

Coeumque Iapetumque Typhoea – Ceu e Jápeto são gigantes filhos da Terra e do Céu. Tifeu é filho da Terra e do Tártaro. São gigantes que desafiaram Júpiter do alto Olimpo (montanha mítica de morada dos deuses).²⁴¹

35. (v. 281) *ter sunt conati imponere Pelio Ossam*

scilicet, atque Ossae frondosum inuoluere Olympum;

Pelio Ossam – Ossa e Pélio são montes tessálicos. Ossa é tido como morada dos centauros na mitologia grega.²⁴²

36. (v. 288) *aut cum sole nouo terras inrorat Eous.*

Eous – Eoo é a personificação da estrela da manhã²⁴³, a Aurora da mitologia romana.

37. (v. 295) *aut dulcis musti Volcano decoquit umorem*

Volcano – Vulcano é o deus romano do fogo e da metalurgia, aqui metonímia para o próprio fogo.²⁴⁴

38. (v. 309) *stuppea torquentem Balearis uerbera fundae,*

Balearis – balear, das Ilhas Baleares. Seus habitantes eram hábeis no uso da funda.²⁴⁵

39. (v. 332-333) *aut Atho aut Rhodopen aut alta Ceraunia telo*

deicit; ingeminant Austri et densissimus imber;

Atho, Rhodopen, Ceraunia – Atos, Ródope e Cerâunios são montes nas regiões da Trácia e Epiro.²⁴⁶

Austri – os Austros, em referência aos ventos do sul personificados.

²⁴⁰ Cf. THOMAS, 1994, p. 115.

²⁴¹ Cf. MYNORS, 1990, p. 64; THOMAS, *op. cit.*, p. 115.

²⁴² Cf. VIRGÍLIO, 2019, p. 48.

²⁴³ Cf. nota 26.

²⁴⁴ Cf. MYNORS, *op. cit.*, p. 64; THOMAS, *op. cit.*, p. 119.

²⁴⁵ Cf. CONINGTON, 2009, p. 177; THOMAS, *op. cit.*, p. 120.

²⁴⁶ Cf. MYNORS, *op. cit.*, p. 74.

40. (v. 336-337) *frigida Saturni sese quo stella receptet,
quos ignis caelo Cyllenius erret in orbis.*

Saturni – Saturno era considerado o planeta mais distante do sol, e por isso o mais frio.²⁴⁷

Cyllenius – Cilênio remete à montanha Cilene na Arcádia, onde o deus Mercúrio teria nascido, sendo ele considerado o planeta mais perto do sol.²⁴⁸

41. (v. 343-344) *cuncta tibi Cererem pubes agrestis adoret:
cui tu lacte fauos et miti dilue Baccho,*

Baccho – **Baco**, deus do vinho, aqui uma metonímia para o próprio vinho. O leite, o vinho e o mel, considerados produtos essenciais da terra, faziam parte das ofertas gregas aos mortos e também de festas dionisíacas.²⁴⁹

42. (v. 370-371) *at Boreae de parte trucis cum fulminat et cum
Eurique Zephyrique tonat domus, omnia plenis*

Boreae, Eurique, Zephyrique – respectivamente, Bóreas, o vento norte; Euro, o vento leste; Zéfiro, o vento oeste, todos personificados.

43. (v. 383-384) *iam uariae pelagi uolucres et quae Asia circum
dulcibus in stagnis rimantur prata Caystri*

Caystri – Caístro, rio da Jônia, próximo de Éfeso.²⁵⁰

44. (v. 398-399) *non tepidum ad solem pinnas in litore pandunt
dilectae Thetidi alcyones, non ore solutos*

Thetidi – Tétis, deusa casada com o Oceano, mãe de ninfas, rios e fontes na mitologia grega.

Alcyones – segundo a lenda, o alcião é a metamorfose de Alcíone, filha de Éolo, que foi transformada em ave marinha.²⁵¹

45. (v. 404-405) *apparet liquido sublimis in aëre Nisus,*

²⁴⁷ Cf. THOMAS, 1994, p. 125. VIRGÍLIO, 2019, p. 52

²⁴⁸ Cf. MYNORS, 1990, p. 75; THOMAS, *op. cit.*, p. 125.

²⁴⁹ Cf. CONINGTON, 2009, p. 180; MYNORS, *op. cit.*, p. 77.

²⁵⁰ Cf. MYNORS, *op. cit.*, p. 83.

²⁵¹ Cf. CONINGTON, *op. cit.*, p. 185; MYNORS, *op. cit.*, p. 85.

et pro purpureo poenas dat Scylla capillo

Nisus – é Niso, rei de Mégara. Cila, sua filha, cortara uma mecha de seu cabelo de que dependia sua vitória sobre Minos, rei cretense, garantindo vitória de Minos na guerra contra Mégara.

Scylla – Cila, filha de Niso. Mitologicamente, Niso foi transformado em águia do mar e Cila, sua filha, em garça.²⁵²

46. (v. 430-431) *at si uirgineum suffuderit ore ruborem,
uentus erit: uento semper rubet aurea Phoebe.*

Phoebe – Febe, deusa da lua.

47. (v. 436-437) *uotaque seruati soluent in litore nautae
Glauco et Panopeae et Inoo Melicertae.*

Glauco – Glauco, divindade marinha.

Panopeae – Panopeia, uma das Nereidas, filha de Nereu, uma das divindades primordiais do mar.

Inoo Melicertae – Melicerta, divindade marítima, aqui relacionada à sua mãe Ino. Ambos foram metamorfoseados em deuses marinhos após se afogarem no mar.²⁵³

48. (v. 443-444) *suspecti tibi sint imbres: namque urget ab alto
arboribusque satisque Notus pecorique sinister*

Notus – Noto, personificação do vento sul, aqui qualquer vento.²⁵⁴

49. (v. 446-447) *diuersi rumpent radii, aut ubi pallida surget
Tithoni croceum linquens Aurora cubile,*

Tithoni – Titono, esposo de Aurora.

Aurora – Aurora, a deusa da manhã.

50. (v. 460) *et claro siluas cernes Aquilone moueri.*

²⁵² Cf. VIRGÍLIO, 2019, p. 57.

²⁵³ Cf. MYNORS, 1990, p. 59.

²⁵⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 59.

Aquilone – Aquilão, vento norte personificado.

51. (v. 466-467) *ille etiam exstincto miseratus Caesare Romam,
cum caput obscura nitidum ferrugine textit*

Caesare – o ditador Júlio César, assassinado por intrigas políticas.²⁵⁵

52. (v. 471-472) *signa dabant. quotiens Cyclopum efferuere in agros
uidimus undantem ruptis fornacibus Aetnam*

Cyclopum – *Ciclopes*, criaturas mitológicas. Após a rebelião contra o deus Júpiter, alguns desses gigantes teriam sido aprisionados no Etna para forjar armas e os raios de Júpiter.²⁵⁶

Aetnam – Etna, monte itálico.

53. (v. 474-475) *armorum sonitum toto Germania caelo
audiit: insolitis tremuerunt motibus Alpes.*

Germania – região associada pelos romanos como dos povos germânicos, Europa Central.

Alpes – terremotos que se sucederam nos Alpes, cadeia montanhosa da Europa.²⁵⁷

54. (v. 481-482) *proluit insano contorquens uertice siluas
fluuiorum rex Eridanus camposque per omnis*

Eridanus – Eridano, rio místico que corta o Hades, associado ao rio Pó, maior rio italiano.²⁵⁸

55. (v. 489-492) *ergo inter sese paribus concurrere telis
Romanas acies iterum uidere Philippi;
nec fuit indignum superis bis sanguine nostro
Emathiam et latos Haemi pinguescere campos*

Philippi – Filipos aqui em referência à cidade ao leste da Macedônia que teria presenciado uma batalha entre tropas romanas: a batalha de Otaviano e Marco Antônio contra as forças de Bruto e Cássio em 23 de outubro de 42 a.C., com a vitória de Otaviano e Marco Antônio.²⁵⁹

²⁵⁵ Cf. nota 7.

²⁵⁶ Cf. GRIMAL, 1990, p. 245; VIRGÍLIO, 2019, p. 62.

²⁵⁷ Cf. CONINGTON, 2009, p. 191; MYNORS, 1990, p. 93.

²⁵⁸ Cf. MYNORS, *op. cit.*, p. 94.

²⁵⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 94-95.

Emathiam – Emátia, usado em referência à região onde estavam situadas Macedônia e Tessália.²⁶⁰

Haemi – Hemo, monte ao norte da Trácia. Tanto *Haemi* quanto *Emathia* são empregados como termos poéticos para representar regiões gregas.²⁶¹

**56. (v. 498-499) *Di patrii Indigetes et Romule Vestaque mater,*
*quae Tuscum Tiberim et Romana Palatia seruas***

patrii Indigetes – deuses pátrios, nativos de Roma, os Indígetes. Sem denominação exata, são divindades herdadas da antiga tradição. Essas divindades com raízes genuinamente em Roma são evocadas em um momento de caos na sociedade romana.²⁶²

Romule Vestaque – Rômulo, mítico fundador de Roma, e Vesta, sua mãe vestal. São importantes divindades no mundo romano: enquanto Rômulo tem descendência divina, Vesta é a deusa que preside o fogo nos lares, tendo, por sua vez, um altar em cada lar romano. No seu santuário havia uma chama que enquanto fossa mantida acesa Roma triunfaria, por isso as sacerdotisas Vestais mantinham a chama continuamente acesa.²⁶³

Tuscum Tiberim – etrusco Tibre em referência a um rio italiano que passa também por território etrusco.

Romana Palatia – Palatino romano é o monte Palatino, na Itália. É a colina mais central de um conjunto de sete colinas, que teria pertencido a Rômulo e posteriormente a Otaviano.²⁶⁴

**57. (v. 500-503) *hunc saltem euerso iuuenem succurrere saeclo*
ne prohibete! satis iam pridem sanguine nostro
Laomedontae luimus periuria Troiae;
*iam pridem nobis caeli te regia, Caesar***

iuuenem e *Caesar* – em referência ao jovem Otaviano que, após o assassinato de Júlio César, despontava como um bom líder.²⁶⁵

Laomedontae – Laomedonte, pai de Príamo, é o mítico fundador de Troia, que agiu erroneamente com os deuses Netuno e Apolo.²⁶⁶

²⁶⁰ Cf. MYNORS, 1990, p. 95.

²⁶¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 95.

²⁶² Cf. *Idem, ibidem*, p. 96.

²⁶³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 96; GRIMAL, 1990, p. 450.

²⁶⁴ Cf. MYNORS, *op. cit.*, p. 96.

²⁶⁵ Cf. nota 7.

²⁶⁶ Cf. MYNORS, *op. cit.*, p. 97.

Troiae – Troia, cidade lendária, tomada por gregos, de onde Eneias foge rumo à Itália para a fundação de Roma.

58. (v. 509-511) *hinc mouet Euphrates, illinc Germania bellum;
uicinae ruptis inter se legibus urbes
arma ferunt; saeuit toto Mars impius orbe:*

Euphrates – Eufrates, rio da Mesopotâmia, é fronteira do império romano no oriente, e Germânia marca a fronteira no ocidente.²⁶⁷

Mars – Marte, deus da guerra romano.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi apresentar uma discussão acerca da obra *Geórgicas* do poeta romano Virgílio, seguida de uma tradução e comentário do livro 1 de sua poesia didática composta por quatro livros que compreendem o conjunto das *Geórgicas*. Embora traduzir Virgílio não seja empresa fácil, buscou-se aqui compreender o texto em sua forma mais intrínseca por meio da tradução. Além da tradução apresentada, complementamos a pesquisa com comentários acerca do nosso processo tradutório e notas explicativas que visaram esclarecer, sobretudo, informações mitológicas e topográficas nos versos virgilianos.

Compreendemos que a poesia virgiliana, e em decorrência a figura do poeta Virgílio, é emblemática e multifacetada, por isso sua presença nos estudos da literatura e cultura clássica continua em relevância. Ao se discutir literatura romana da era augustana, faz-se indispensável a inclusão de Virgílio no rol de colaboradores importantes para o período, e sua permanência nas literaturas que se seguiram nos permite apreender valores éticos e culturais de suma importância para a sociedade romana. Suas obras poéticas são estudadas enquanto *clássicos* da literatura por englobar valores de caráter poético, cultural e didático.

Convém, por fim, discutir o que seja denominado um *clássico*²⁶⁸ na literatura. Ítalo Calvino oferece algumas possíveis definições em *Por que ler os clássicos* (2007, p. 11), e entre elas, a designação de que os “clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos

²⁶⁷ Cf. VIRGÍLIO, 2019, p. 65.

²⁶⁸ Cf. Citroni (2006) para a discussão sobre as concepções de *classicus* no contexto antigo e moderno.

costumes)”. Matthew Arnold (1888), compreende *clássico* como aquilo que pertence à classe dos melhores²⁶⁹; T.S. Eliot (1945; 1951) ressalta que o *status* clássico pode ser conhecido “apenas por retrospectiva e em perspectiva histórica”²⁷⁰. Partindo dessas definições e das discussões apresentadas ao longo do nosso trabalho, podemos argumentar seguramente que Virgílio garante seu lugar junto aos clássicos, tanto por sua genialidade, demonstrada nas suas composições poéticas, quanto pelas características normativas que suas obras apresentam, tornando-as, por isso mesmo, instrumentos de instrução e difundidas como tal nas instituições de educação romana e, posteriormente, no estudo de latim em geral.

As postulações teóricas de Berman (2007) sobre tradução ética e as discussões de Campos (2015) acerca da tradução criativa foram guias fundamentais nesse processo de compreensão do processo tradutório e do papel do tradutor frente à prática da tradução, assim como os debates levantados por Schleiermacher (2010) e, mais tarde, Venuti (1995) sobre as possibilidades de representação do texto em relação ao seu receptor na tradução. Percebemos, ao longo do processo tradutório, a magnitude de significações e possibilidades no ato da tradução e a responsabilidade do tradutor diante do texto a ser traduzido.

Espera-se, por fim, que este trabalho contribua positivamente para as discussões acerca da tradução das obras virgilianas e para a reflexão das *Geórgicas* como um texto de riqueza tanto no âmbito semântico quanto formal, somando-se aos Estudos da Tradução e aos debates relacionados à poesia didática virgiliana no contexto literário brasileiro.

²⁶⁹ *The Routledge Dictionary of Literary Terms* (CHILDS, P; FOWLER, R., 2005).

²⁷⁰ For it is ‘only by hindsight and in historical perspective’, that a classic can be known as such. (ELIOT, T. S, 1944, p. 10).

REFERÊNCIAS

- BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**. Tradução de Marie-Hélène C. Torres, Mauri Furlan, Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2007.
- BROSE, R. D. Sappho in Latin America. *In*: KELLY, A. e FINGLASS, P. (Ed.). **The Cambridge Companion To Sappho**. Cambridge: Cambridge University Press, 2020.
- BROSE, R. D. Greek Lyric and Pindar in Brazil. *In*: SWIFT, L. (Ed.). **A Companion To Greek Lyric**. Oxford: John Wiley & Sons, 2022, p. 512-524.
- CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. Editora Companhia das Letras, 2007.
- CAMPOS, Haroldo de. **Metalinguagem & outras metas**. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- CAMPOS, Haroldo de. Da tradução como criação e como crítica. *In*: TÁPIA, Marcelo; NÓBREGA, Thelma (Orgs.). **Haroldo de Campos: Transcrição**. São Paulo: Perspectiva, 2015, p. 1-18.
- CAROTTA, Francesco, & EICKENBERG, Arne. *Liberalia tu accusas!* Restituting the ancient date of Caesar's *funus*. **Revue des études anciennes**, 113.2, 2011, p. 447-467.
- CITRONI, Mario. The concept of the classical and the canons of model authors in Roman literature. *In*: PORTER, James I.. **Classical Pasts: The Classical Traditions of Greece and Rome**. Princeton University Press, 2006, p. 204-234.
- CHILDS, P., FOWLER, R.. **The Routledge dictionary of literary terms**. Routledge, 2005.
- CODOÑER, Carmen (ed.). **Historia de la literatura latina**. Madrid: Cátedra, 1997.
- CONINGTON, John (ed.). **P. Vergili Maronis Opera**. v. 1. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- COPELAND, Rita (ed.). **The Oxford history of classical reception in English literature**. Vol. 1. Oxford: Oxford University Press, 2016.
- COSTA, Walter Carlos. O texto traduzido como re-textualização. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 2, n. 16, p. 25-54, jan. 2005. ISSN 2175-7968. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6656>>. Acesso em: 22 mar. 2020.
- DIXON-KENNEDY, Mike. **Encyclopedia of Greco-Roman Mythology**. ABC-CLIO, 1998.
- DYSON, Julia T.. **King of the Wood: the sacrificial victor in Virgil's Aeneid**. Norman: University of Oklahoma Press, 2001.
- DOMINIK, William J., GARTHWAITE, John, ROCHE, Paul A. (ed.). **Writing Politics in Imperial Rome**. Leiden: Brill, 2009.

DOMINIK, William J.. Vergil's Geopolitics. *In*: W.J. Dominik, J. Garthwaite & P.A. Roche (ed.). **Writing Politics in Imperial Rome**, Leiden: Brill, 2009, p. 111-132.

DUARTE, A. D. S.. Por uma História da Tradução dos Clássicos Greco-latinos no Brasil. **Translatio**, n. 12, 2016.

DUCKWORTH, George E. **Vergil and classical hexameter poetry**: a study in metrical variety. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1969.

ELIOT, T. S. **What is a Classic?**. London: Faber & Faber, 1944.

FARRELL, Joseph. The Augustan Period: 40 BC–AD 14. *In*: HARRISON, Stephen. (ed.). **A companion to Latin Literature**. Blackwell Publishing, 2005, p. 44-57.

FERNANDES, Thaís. **A Literatura Latina no Brasil**: uma história de traduções. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Tradução, Florianópolis, 2017.

FERNANDES, Thaís. Virgílio no Brasil. **Belas Infieis**. Brasília, v. 7, n. 1, 2018, p. 351–373.

FERNANDES, Thaís. Virgílio traduzido no Brasil: análise dos prefácios e notas dos tradutores. **Cadernos de Tradução**, v. 41, 2021, p. 159-179.

FREITAS, Luana F. de. Visibilidade problemática em Venuti. **Cadernos de tradução 2**, v. 12, 2003, p. 55-63.

FREITAS, Luana F. de. Tradução e autoria: de Schleiermacher a Venuti. **Cadernos de tradução 1**, n. 21, 2008, p. 95-107.

FURLAN, Mauri. Retraduzir é preciso. **Scientia traductionis**, v.13, p. 284-294, 2013.

GONÇALVES, Willamy Fernandes. **Sintaxe mimética na épica latina**: a questão dos testemunhos e um comentário a *Metamorfoses* I. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – FFLCH, Universidade de São Paulo, 2021.

GREGORY, Justina. **A companion to Greek tragedy**. Blackwell Publishing Ltd, 2005.

GAILLARD, Jacques. Traducción de José Luis Checa Cremades. **Introducción a la literatura latina**: desde los orígenes hasta Apuleyo. Madrid: Acento Editorial, 1996.

GALE, Monica R.. **Virgil on the nature of things**: the *Georgics*, Lucretius and the didactic tradition. Cambridge University Press, 2004.

GALE, Monica R.. Didactic Epic. *In*: HARRISON, Stephen. (ed.). **A companion to Latin Literature**. Blackwell Publishing, 2005, p. 101-115.

- GRIMAL, Pierre. Traducción de Hugo Francisco Bauzá. **Virgilio o el segundo nacimiento de Roma**. Madrid: Editorial Gredos, 1985.
- GRIMAL, Pierre. **Gramática latina**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1986.
- GRIMAL, Pierre. **A concise dictionary of classical mythology**. Basil Blackwell Ltd, 1990.
- GRIMAL, Pierre. Tradução de Maria Leonor Loureiro. **História de Roma**. Vol. 47. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- HARRISON, Stephen. (ed.). **A companion to Latin Literature**. Vol. 14. Blackwell Publishing, 2005.
- HARDIE, Philip. Virgil and tragedy. *In*: MARTINDALE, Charles. (ed.). **The Cambridge Companion to Virgil**. Cambridge University Press, 1997, p. 312-326.
- HARVEY, Paul. (ed.). **The Oxford companion to classical literature**. Oxford: Oxford University Press, 1937.
- HEIDERMANN, Werner (org.). **Clássicos da Teoria da Tradução: Alemão-Português**. 2.^a Edição, revisada e ampliada. Florianópolis: UFSC/Núcleo de Pesquisas em Literatura e Tradução, 2010.
- HEYWORTH, Stephen. Pastoral. *In*: HARRISON, Stephen. (ed.). **A companion to Latin Literature**. Blackwell Publishing, 2005, p. 148-158.
- HINDS, Stephen. **Allusion and Intertext: Dynamics of Appropriation in Roman Poetry**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- HORSFALL, Nicholas. (ed.). **A Companion to the Study of Virgil**. Vol. 151. Brill, 1995.
- JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Editora Cultrix, 2008.
- KAHANE, Ahuvia. Biography and Virgil's epitaph. *In*: POWELL, Anton, HARDIE, Philip, eds. **The Ancient Lives of Virgil: Literary and Historical Studies**, The Classical Press of Wales, 2017.
- MAC GÓRÁIN, Fiachra. Dionysus in Rome. *In*: ZAJKO, Vanda; HOYLE, Helena, eds. **A Handbook to the Reception of Classical Mythology**. John Wiley & Sons, p. 323-336, 2017.
- MARTINDALE, Charles. (ed.). **The Cambridge Companion to Virgil**. Cambridge University Press, 1997.
- MYNORS, R. A. B. **Virgil's Georgics: a Commentary**. Oxford: Clarendon Press, 1990.
- NAPPA, Christopher. **Reading after Actium: Vergil's Georgics, Octavian, and Rome**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2008 (2005).

O'HARA, James J. Virgil's Style. *In*: MARTINDALE, Charles (ed.). **The Cambridge Companion to Virgil**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 241-258, 1997.

PAES, José Paulo. **Tradução, a ponte necessária**: aspectos e problemas da arte de traduzir. Vol. 22. São Paulo: Editora Ática, 1990.

PANOUSI, Vassiliki. Polis and Empire: Greek Tragedy in Rome. *In*: GREGORY, Justina. **A companion to Greek tragedy**. Blackwell Publishing Ltd, 2005.

PANOUSI, Vassiliki. **Vergil's Aeneid and Greek Tragedy**: Ritual, Empire, and Intertext. Cambridge University Press, 2009.

POWELL, Anton. **Virgil the Partisan**: A Study in the Re-integration of Classics. ISD LLC, 2012.

POWELL, Anton, HARDIE, Philip. **The Ancient Lives of Virgil**: Literary and Historical Studies, The Classical Press of Wales, 2017.

PYM, Anthony. Venuti's Visibility. **Target**. International Journal of Translation Studies 8.1, 1996, p. 165-177.

RÓNAI, Paulo. **Escola de tradutores**. Cadernos de Cultura. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1952.

RÓNAI, Paulo. **A tradução vivida**. 2 ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

RUAEUS, Carolus. **P. Virgili Maronis Opera**. Interpretatione et notis; illustravit Carolus Ruaeus Soc. Jesu; Jussu Christianissimi Regis, ad usum serenissimi Delphini. Impensis M. Carey, Philadelphiae, 1824.

SANTIAGO, Luís. **As Roçarianas**: releitura das *Geórgicas* de Virgílio. Minas Gerais: Pedra Azul, 2009.

SANTOS, Arthur R. P. **A tradução identificadora aplicada ao Livro I das Geórgicas de Virgílio**. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) -FL, UFRJ, Rio de Janeiro, 2014.

SANTOS, Arthur R. P. O proêmio das *Geórgicas* de Virgílio em quatro traduções. *In*: Anderson de Araujo Martins Esteves, André da Silva Bueno, Carlos Eduardo da Costa Campos. (Org.). **Scholae**: Estudos Interdisciplinares da Antiguidade. 1ed., 2020, v., p. 225-240.

SMITH, R. Alden. **Virgil**. Blackwell Introductions to the Classical World. Chichester/Malden, MA: Wiley- Blackwell, 2011.

SMOLENAARS, Hans. The Historical Truth of Vergil's Recitation of the Georgics at Atella (VSD 27). **The Ancient Lives of Virgil**: Literary and Historical Studies, p.153-172, 2017.

SNELL-HORNBY, Mary. A “estrangeirização” de Venuti: o legado de Friedrich Schleiermacher aos estudos da tradução?. Tradução do artigo: Marcelo Victor de Souza Moreira. **Revista Pandaemonium Germanicum**, v.15, n. 19, 2012, p. 185-212.

TÁPIA, Marcelo; NÓBREGA, Thelma (org.). **Haroldo de Campos**: Transcrição. São Paulo: Perspectiva, 2015.

THOMAS, Richard F. Virgil’s *Georgics* and the Art of Reference. **Harvard Studies in Classical Philology**, vol. 90, Department of the Classics, Harvard University, 1986, p. 171–198.

THOMAS, Richard F. **Virgil *Georgics***. v. 1. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

THOMAS, Richard F. **Virgil and the Augustan reception**. Cambridge University Press, 2004.

TOOHEY, Peter. **Epic Lessons**: An Introduction to Ancient Didactic Poetry. Oxford, 1996.

TREVIZAM, Matheus. **Poesia didática**: Virgílio, Ovídio e Lucrécio. São Paulo: Editora da Unicamp, 2014.

TUFFANI, Eduardo. **Repertório brasileiro de língua e literatura latina**:(1830-1996). Cotia: Íbis, 2006.

VASCONCELLOS, Paulo Sérgio de. Reflexões sobre Medéia. **Língua e Literatura**, v. 16, n. 19, p. 147-157, 1991.

VASCONCELLOS, Paulo Sérgio de. A tradução poética e os estudos clássicos no Brasil de hoje: algumas considerações. **Scientia traductionis**, v.10, p. 68-79, 2011.

VASCONCELLOS, Paulo Sérgio de. Um Virgílio brasileiro no século XIX. **Revista Letras**, v.89, Curitiba, 2014.

VASCONCELLOS, Paulo Sérgio de. Sintaxe mimética nas traduções virgilianas de Odorico Mendes. **Rónai – Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios**, v.9, n. 1, p. 82-99, 2021.

VENUTI, Lawrence. **The translator’s invisibility**: A history of translation. London: Routledge, 1995.

VERGILIUS, P.; OTTAVIANO, Silvia; CONTE, Gian Biagio. **Bucolica et Georgica**, Berlin, Boston: De Gruyter, 2013.

VIDAL, José Luis. Virgilio. In: CODONER, Carmen, ed. **Historia de la literatura latina**. Madrid: Cátedra, 1997.

VIRGIL. P. Vergili Maronis: Opera. Mynors, Roger, ed. Oxford Classical Texts. Oxford: Oxford University Press, 1969.

VIRGIL. **Georgics**. Translated by FALLON, Peter. Oxford: Oxford University Press, 2006.

VIRGÍLIO. *Geórgicas* I. Organização de Matheus Trevizam. Traduções de António Feliciano de Castilho e Matheus Trevizam. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

VIRGÍLIO. *Geórgicas*. Tradução de Manuel Odorico Mendes. Organização de Paulo Sérgio de Vasconcellos (Grupo de Trabalho Odorico Mendes). Cotia: Ateliê/Fapesp, 2019.

VIRGÍLIO. *Eneida*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Organização, apresentação e notas de João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Editora 34, 2014.

VIRGÍLIO. *Bucólicas*. Tradução e notas de Odorico Mendes. Cotia/Campinas: Ateliê/Editora da Unicamp/Fapesp, 2008.

WEEDA, Leendert. **Vergil's Political Commentary: In the *Eclogues*, *Georgics* and *Aeneid***. Berlin: De Gruyter Open & Walter de Gruyter GmbH, 2015.

WILKINSON, Lancelot Patrick. **The *Georgics* of Virgil: a critical survey**. London: Cambridge University Press, 1969.

ZAJKO, Vanda; HOYLE, Helena, eds. **A Handbook to the Reception of Classical Mythology**. John Wiley & Sons, p. 323-336, 2017.

ZIOLKOWSKI, J. M., PUTNAM, M.J. **The Virgilian tradition: the first fifteen hundred years**. New Haven: Yale University Press, 2008.

ZIOLKOWSKI, J. M.. Virgil. In: COPELAND, Rita. (ed.). **The Oxford history of classical reception in English literature**. Vol. 1. Oxford: Oxford University Press, 2016, p. 165-185.